

VIRTUDES CRISTÃS



Editado por 

FONTE DOS TEXTOS

opusdei.org/pt-pt

IMAGEM DA CAPA

[bibliotecadopregador](#)

SUMÁRIO

01. Viver de fé
02. As riquezas da fé
03. Confiar em Deus
04. O esplendor da caridade
05. A caridade cristã no modo de falar
06. Como melhorar a minha empatia?
07. Viver para os outros
08. Em espírito e em verdade: criar a unidade de vida (I)
09. Onde Deus nos quer: criar a unidade de vida (II)
10. Paixão pela verdade
11. A porta da humildade
12. A Humildade, fonte de alegria
13. A alegria cristã
14. O sorriso e a alegria
15. Os 5 remédios contra a tristeza
16. Formar o caráter na virtude
17. Coerência: edificar a ordem interior
18. Coisas pequenas
19. O que é a prudência?
20. Fortaleza

VIVER DE FÉ

Pôr Cristo no cume de todas as actividades humanas é uma tarefa esmagadora. Mas também o era dar de comer a 5.000 pessoas com cinco pães e dois peixes. E os apóstolos, quando pediram a Cristo, conseguiram-no. Publicamos um texto sobre a vida de fé.



A notícia da morte de João Baptista afectou profundamente o Senhor. Ele tinha vindo libertar-nos do pecado e da ruptura que marca profundamente a natureza humana, que Ele quis fazer própria; mas precisamente porque – excepto no pecado – assumiu essa natureza até às últimas consequências, não O deixou indiferente esta nova experiência da maldade – e, neste caso, também da frívola estupidez – que entra no coração humano. Sentiu-se profundamente esmagado e experimentou o impulso de se retirar para um lugar tranquilo, onde pudesse rezar e meditar com paz^[1].

No entanto, **ao sair da barca viu Jesus uma grande multidão e teve compaixão**^[2]. Passou o resto do dia ocupado com aquelas pessoas, com as suas almas e com os seus corpos: ensinou-lhes muitas coisas e curou os doentes. O Senhor não provocou essa situação, a sua intenção era outra, pretendia simplesmente meditar e descansar e fazer meditar e descansar os Apóstolos. Mas o seu coração sacerdotal não deixou escapar uma oportunidade inesperada de atender os outros, embora isso Lhe exigisse a superação de um estado de ânimo muito compreensível.

Como noutras ocasiões, os evangelistas nada nos dizem do que Jesus Cristo pregou nesse dia. Basta-lhes que conheçamos, além do Seu exemplo de generosidade, os acontecimentos do final daquele dia, que encerram ensinamentos de relevo para quem deseja ter vida interior e transmitir a outros o fogo do Senhor.

Magnanimidade

Passaram umas horas. A multidão continuava ali e o Mestre não deixava de os ensinar. Os discípulos começaram a inquietar-se pensando no que sucederia quando aquela gente se consciencializasse de que não tinha tempo de encontrar um lugar onde conseguir alguma coisa para comer. Foram ter com Jesus: **este lugar é deserto e a hora é já adiantada; deixa ir esta gente para que, indo às aldeias, compre de comer**^[3]. Estas pessoas têm uma necessidade e há que dar-lhes a oportunidade de a satisfazer antes que se faça tarde. O Senhor respondeu-lhes de um modo surpreendente: **não têm necessidade de ir, dai-lhes vós mesmos de comer**^[4]. O problema deles é também o vosso problema, enfrentai-o vós.

Provavelmente os Apóstolos não tinham ido ter com Jesus para fugir às suas responsabilidades, não estavam a tentar esquivar-se a essa dificuldade. Era, simplesmente, uma tarefa que os superava de tal maneira, que nem sequer lhes tinha passado pela cabeça que tivesse a ver com eles. Com certeza que se compadeciam daquela gente, mas o que é que poderiam fazer mais?

Por isso, a resposta do Senhor deixá-los-ia desconcertados: *nós?*; *nós é que temos de lhes dar de comer?* Mas se mesmo pelo salário de duzentos

dias de trabalho nos dariam uma quantidade de pão insignificante para tanta gente!^[5]; o que é que nós podemos fazer?

Mas o Mestre não cedeu; quis que metessem o ombro para resolver este problema: algo podereis fazer... **Quantos pães tendes? Ide ver**^[6]. Os Apóstolos reconhecem a insuficiência dos seus meios: temos só **cinco pães e dois peixes**^[7]. **Trazei-mosca**^[8].

Durante os anos de actividade apostólica que viveram depois, talvez pensassem muitas vezes no que Jesus Cristo lhes tinha ensinado naquele dia: se apenas temos estes meios, com estes meios temos de enfrentar o problema; não nos bastam os bons desejos, a compaixão diante das necessidades da multidão.

Também não basta a um cristão comprovar que um ponto de luta ou um objectivo apostólico supera as suas capacidades. Os cristãos devem ter o coração grande e as ideias claras: considerar com serenidade quantos pães têm, o que podem fazer, sem se deixarem esmagar pelo que não podem fazer; embora pareça muito insuficiente, temos que pôr aos pés do Senhor o que está ao nosso alcance.

Os evangelistas dizem-nos que Jesus Cristo tomou aqueles alimentos, abençoou-os, partiu os pães e deu-os aos discípulos para que estes os distribuíssem pela multidão. Chegou para todos e, inclusivamente sobrou tanto, que foi preciso doze cestos para meter o que sobrou; sobrou mais do que tinham no princípio; a intervenção divina fez com que os meios de que, pessoalmente, dispunham crescessem no esforço generoso por ajudar com eles os outros.

S. João relata esta cena como introdução ao longo discurso do Senhor sobre o Pão da vida. A relação entre as duas passagens é clara: a multiplicação dos pães é figura do grande mistério da Eucaristia^[9], em que o Senhor nos oferece um sustento suficiente e superabundante; e vai inclusivamente mais longe, posto que pelo prodígio da transubstanciação, o que era algo apenas material e pobre, se converte no Corpo e Sangue de Cristo, alimento sobrenatural, Pão dos anjos, novo maná que restaura as

forças do novo Povo de Deus. Mas também podemos extrair deste acontecimento outros ensinamentos.

Se meditamos a cena, procurando aplicá-la à vida interior, talvez tenhamos a impressão de que o Senhor nos diz: pensa nos meios de que dispões, examina-te com audácia; depois, põe aos Meus pés o que tenhas; e não te preocupes com o que te falta, porque a Mim Me sobeja.

Audácia

Reflectamos agora sobre a situação dos Apóstolos que, uma vez decididos a pôr em jogo todas as suas possibilidades, se defrontam com a tarefa de distribuir algo visivelmente escasso por uma multidão considerável. Não é fácil aperceber-se da forma como se produziu o milagre. Milagres de outro tipo podem ser, talvez, mais surpreendentes, mas à partida mais fáceis de imaginar: Jesus Cristo põe a sua mão sobre alguém, ou pronuncia determinadas palavras e o doente recupera a saúde que não tinha. Pelo contrário, aqui não é simples saber o que aconteceu exactamente, porque pode ter acontecido de diversas maneiras (*cfr. São João Crisóstomo, homiliae in Matthaem, hom. 49, 2-3; Santo Hilário, In Matthaem, 14*).

Há a possibilidade de que o monte de pedaços em que Jesus tinha dividido os cinco pães e os dois peixes aumentasse repentinamente de volume e o que antes era pouco se fizesse superabundante, perante a admiração dos Apóstolos. É possível, efectivamente, que ocorresse assim; mas há outra possibilidade menos *espectacular*, que ajuda a perceber com maior clareza um ensinamento fundamental que provavelmente Cristo quis transmitir aos seus discípulos e aos que O seguiriam ao longo dos séculos.

Pode ter sucedido que o Senhor entregasse a vários dos Apóstolos uma parte dos pedaços de pão e estes começassem a distribuí-los pela multidão. Pouco a pouco, foram-se apercebendo do prodígio: chegou para todos e sobrou, inclusivamente. Também o maná era impossível de acumular de um dia para o outro^[10]; Deus queria que os que recebessem aquele alimento não perdessem a consciência de que era um dom divino e se abandonassem n' Ele, em lugar de procurar uma segurança meramente humana. Talvez

Jesus tenha querido que os Apóstolos tivessem uma experiência semelhante.

Para os presentes que se tenham apercebido do sucedido, foi um motivo de surpresa e de admiração. Para os Apóstolos foi uma clara lição de fé. Uns meses depois, o Senhor ia-lhes pedir que pusessem sobre os seus ombros a carência de formação de milhões de almas: **ide por todo o mundo e pregai o Evangelho a toda a criatura**^[11]. Sem dúvida, ir-lhes-ia cair em cima uma tarefa que claramente os superava, quem eram eles? Que podiam fazer? Não seria mais razoável propor metas que estivessem ao seu alcance?

Então trariam à memória o que tinham vivido. Recordariam que o Senhor lhes pediu que fizessem a avaliação dos seus meios; para Ele era igualmente difícil dar de comer aquela multidão com cinco pães ou sem nenhum, mas quis ensinar-lhes a pôr tudo da sua parte. Meditariam que Ele não permitiu que a escassez de meios baixasse o nível do objectivo que lhes tinha proposto; que não se conformou em dar uma ajuda simbólica, que não resolvesse o problema. Recordariam também que os seus meios foram sempre escassos... mas acabaram por ser suficientes. Ou seja, teriam aprendido que o determinante não deveria ser as suas condições – que de qualquer modo deviam examinar – mas o poder de Deus e as necessidades das almas.

Os cristãos devem sentir-se interpelados pela sede que Deus tem de almas em todos os ambientes e ocupações^[12]. Desejamos **pôr Cristo no cume de todas as actividades dos homens**^[13]. Não podemos dilatar o início dessa tarefa até dispormos de todos os pães necessários para dar de comer a essa multidão; não podemos propor-nos metas pequenas na ajuda aos outros ainda que a seguir – de facto – tenhamos que proceder passo a passo até alcançar as grandes.

Ao propor-nos objectivos elevados e generosos, é fácil que sintamos fortemente a desproporção entre as nossas capacidades e o que pensamos que o Senhor espera e, inclusivamente que experimentemos uma certa vertigem, uma sensação de impotência e de insegurança que não temos de entender como uma prova de que nos falta fé. Pelo contrário, é talvez uma

demonstração de que o amor de Deus nos está a impulsionar para além da nossa pequenez. Esse sentimento de inquietação, longe de contradizer a magnanimidade, dá sentido à esperança, porque onde há absoluta certeza, a esperança não pode existir^[14].

Optimismo

A fé com que o Senhor espera que actuemos, não consiste, pois, na segurança de que as nossas qualidades se multiplicarão. Consiste antes em pôr os nossos cinco pães ao serviço de Deus, em actuar como se esses pães fossem suficientes, mesmo se, enquanto o fazemos, continuamos a sentir claramente a nossa limitação. A vida de fé não se demonstra nos sentimentos, mas nas obras, também quando os sentimentos parecem contradizer essas certezas fundamentais em que se apoia toda a nossa actuação.

O optimismo cristão não é um optimismo adocicado, nem tão pouco uma confiança humana em que tudo correrá bem. É um optimismo que mergulha as suas raízes na consciência da liberdade e na segurança do poder da graça; um optimismo que leva a exigirmo-nos a nós próprios, a esforçarmo-nos por corresponder em cada instante aos chamamentos de Deus^[15].

A fé do cristão não é a ingenuidade de quem carrega com as dificuldades e confia, por isso, que tudo sairá bem. Pelo contrário, a fé gera um optimismo ***que mergulha as suas raízes na consciência da liberdade***, quer dizer, que se apoia e se alimenta da consciência de que as coisas podem correr mal e de facto, às vezes, correm mal, porque a liberdade humana – a nossa e a dos outros – nem sempre procurará o que Deus queira. É, por isso, ***um optimismo que leva (...) a esforçarmo-nos por corresponder, em cada instante, aos chamamentos de Deus***, sabendo, embora, que nem sequer assim teremos a certeza de que tudo será favorável.

A fé que o Senhor me pede e espera de mim, não é, portanto, a confiança no bom andamento das coisas. É a segurança de que, vão estas como forem, Deus se servirá delas a meu favor, em favor dos que me rodeiam e da Igreja inteira. Dito de outro modo, Deus não espera de mim

que tudo me saia bem, nem sequer eu espero de Deus que, se fizer o que devo, tudo evoluirá favoravelmente; seria ingénuo pensar que basta ser bom para que tudo seja positivo. Deus espera que eu me fie d' Ele e, por isso, ponha o que está da minha parte para que as coisas vão bem. E eu tenho a certeza de que, fazendo o que Ele quer, estou a conseguir o objectivo que realmente importa na minha vida, ainda que aquilo nem sempre produza um estado de coisas positivo; haverá coisas que irão mal, mas seguirei o conselho do Apóstolo: ***noli vinci a malo, sed vince in bono malum; não te deixes vencer pelo mal, mas vence o mal com o bem***^[16], e por isso, apesar de tudo, o bem estará a vencer: *omnia in bonum!*: tudo é para bem!

O Senhor atribuiu uma grande missão à Igreja e a cada cristão. É lógico que nos apercebamos que excede as nossas capacidades e inclusivamente que, ao pensar nela, em determinadas ocasiões, nos sintamos esmagados. Sucede também por vezes que, diante de tanto trabalho, não saibamos por onde começar e tenhamos a tentação de permitir que a nossa limitação nos bloqueie.

A meditação da cena que acabamos de considerar tornar-nos-á de novo conscientes de que o Senhor espera que – como os Apóstolos – assumamos a responsabilidade de ajudar muitas almas, aplicando-nos nessa tarefa com todas as nossas capacidades. E espera também que comecemos a fazer o que podermos, sem nos deixar dominar pela preocupação de se conseguiremos levar a cabo o trabalho. A escassez dos nossos pães e peixes não há-de ser motivo suficiente para impedir que façamos o que, em cada momento, estiver nas nossas mãos; Deus tomará providências em relação ao que venha depois. Assim, ainda que não sintamos uma grande segurança, estaremos de facto a viver de fé.

NOTAS

[1] Cfr. *Mt* 14, 13.

[2] *Mt* 14, 14.

[3] *Mt* 14, 15.

[4] *Mt* 14, 16.

[5] Cfr. *Mc* 6, 37; *Jn* 6, 7.

[6] *Mc* 6, 38.

[7] *Ibidem*.

[8] *Mt* 14, 18.

[9] Cfr. *Catecismo da Igreja Católica*, n. 1335.

[10] Cfr. *Ex* 16, 17-20.

[11] *Mc* 16, 15.

[12] Cfr. *S. Josemaria, Caminho*, n. 301.

[13] *S. Josemaria, Forja*, n. 685.

[14] Cfr. *Rm* 8, 24.

[15] *S. Josemaria, Forja*, n. 659.

[16] *Rm* 12, 21.

AS RIQUEZAS DA FÉ

Artigo de S. Josemaria publicado no jornal ABC (Madrid), em 2 de Novembro de 1969. O Fundador do Opus Dei fala do amor à liberdade como um dos tesouros da fé cristã.



'Confiar no Senhor quer dizer ter fé apesar dos pesares, indo além das aparências'.

Neste cântico às riquezas da fé que é a Epístola aos Gálatas, São Paulo diz-nos que o cristão deve viver com a liberdade que Cristo nos ganhou(1). Foi esse o anúncio de Jesus aos primeiros cristãos e continuará a sê-lo ao longo dos séculos: o anúncio da libertação da miséria e da angústia. A história não está submetida a forças cegas nem é o resultado do acaso, é antes a manifestação das misericórdias de Deus Pai. Os pensamentos de

Deus estão por cima dos nossos pensamentos, diz a Escritura(2), por isso, confiar no Senhor quer dizer ter fé apesar dos pesares, indo além das aparências. A caridade de Deus “que nos ama eternamente” está atrás de cada acontecimento, embora de uma maneira por vezes oculta para nós.

Quando o cristão vive de fé – com uma fé que não seja uma mera palavra, mas realidade de oração pessoal – a segurança do amor divino manifesta-se em alegria, em liberdade interior. Esses nós que por vezes apertam o coração, esses pesos que esmagam a alma, quebram-se e dissolvem-se. *Se Deus está por nós, quem será contra nós?*^[3]. E o sorriso aparece nos lábios logo a seguir. Um filho de Deus, um cristão que viva vida de fé, pode sofrer e chorar pode ter motivos para padecer; mas não para estar triste.

A liberdade cristã nasce do interior, do coração, da fé. Mas não é algo meramente individual, tem manifestações exteriores. Entre elas, uma das mais características da vida dos primeiros cristãos: a fraternidade. A fé – a magnitude do dom do amor de Deus – fez com que diminuam, até desaparecerem, todas as diferenças, todas as barreiras: *já não há judeu, nem grego; não há servo, nem livre; não há homem, nem mulher; todos vós sois um só em Cristo Jesus*^[4]. Esse saber-se e querer-se, de facto, como irmãos, acima das diferenças de raça, de condição social, de cultura, de ideologia, é essencial ao cristianismo.

Não é minha missão falar de política. Também não é essa a missão do Opus Dei, já que a sua única finalidade é espiritual. O Opus Dei não entrou nem entrará nunca na política de grupos e partidos, nem está vinculado a nenhuma pessoa ou ideologia. Esse modo de actuar não é uma tática apostólica, nem uma conduta meramente louvável. É uma necessidade intrínseca para o Opus Dei proceder assim, já que o exige a sua própria natureza e tem um selo evidente, o amor à liberdade, a confiança na condição própria do cristão no meio do mundo, actuando com completa independência e com responsabilidade pessoal.

Não há dogmas nas coisas temporais. Não está de acordo com a dignidade dos homens tentar fixar verdades absolutas em questões onde, forçosamente, cada um há-de contemplar as coisas do seu ponto de vista, de

acordo com os seus interesses particulares, as suas preferências culturais e a sua própria experiência peculiar. Pretender impor dogmas no temporal conduz, inevitavelmente, a forçar as consciências dos outros, a não respeitar o próximo.

Não quero dizer com isso que a atitude do cristão, diante dos assuntos temporais, deva ser indiferente ou apática. De forma nenhuma; penso, no entanto, que um cristão há-de tornar compatível a paixão humana pelo progresso cívico e social com a consciência da limitação das opiniões próprias, respeitando, por conseguinte, as opiniões dos outros e amando o legítimo pluralismo. Quem não saiba viver assim, não chegou ao fundo da mensagem cristã. Não é fácil chegar e, de certo modo, não se chega nunca, porque a tendência para o egoísmo e para a soberba nunca morre em nós. Por isso, todos estamos obrigados a um exame constante, confrontando as nossas acções com Cristo, para nos reconhecermos pecadores e recomeçar de novo. Não é fácil chegar, mas temos de nos esforçar.

Deus, ao criar-nos, correu o risco e a aventura da nossa liberdade. Quis uma história que seja uma história verdadeira, feita de autênticas decisões e não uma ficção nem um jogo. Cada homem há-de fazer a experiência da sua autonomia pessoal, com tudo o que isso supõe de acaso, de hesitação e, nalgumas ocasiões, de incerteza. Não esqueçamos que Deus, que nos dá a segurança da fé, não nos revelou o sentido de todos os acontecimentos humanos. Juntamente com as coisas que para o cristão estão totalmente claras e seguras, há outras – muitíssimas – em que apenas cabe a opinião; quer dizer, um certo conhecimento do que pode ser verdadeiro e oportuno, mas que não se pode afirmar de um modo incontroverso. Porque não só é possível que eu me engane, mas – tendo eu razão – é possível que também a tenham os outros. Um objecto que a um parece côncavo parecerá convexo aos que estejam situados noutra perspectiva.

A consciência da limitação dos juízos humanos leva-nos a reconhecer a liberdade como condição da convivência. Mas não é tudo e, inclusivamente, não é o mais importante; a raiz do respeito à liberdade está no amor. Se outras pessoas pensam de maneira diferente de mim, isso é motivo para as considerar inimigas? A única razão pode ser o egoísmo, ou a limitação intelectual dos que pensam que não há mais valor que a política e as

empresas temporais. Mas um cristão sabe que não é assim, porque cada pessoa tem um preço infinito e um destino eterno que é Deus: por cada uma delas morreu Jesus Cristo.

É-se cristão quando se é capaz de amar não só a Humanidade em abstracto, mas cada pessoa que passa perto de nós. É uma manifestação de maturidade humana sentir a responsabilidade dessas tarefas de que vemos que depende o bem-estar das gerações futuras, mas isso não nos pode conduzir a descuidar a entrega e o serviço nos assuntos mais correntes: ter um pormenor amável com os que trabalham ao nosso lado, viver uma verdadeira amizade com os nossos companheiros, compadecermos de quem sofre necessidades, mesmo que a sua miséria nos pareça sem importância em comparação com os grandes ideais que perseguimos.

Falar de liberdade, de amor à liberdade, é propor um ideal difícil: é falar de uma das maiores riquezas da fé. Porque – não nos enganemos – a vida não é uma novela cor-de-rosa. A fraternidade cristã não é algo que venha do céu de uma vez por todas, mas realidade que há-de ser construída cada dia. E que o há-de ser numa vida que conserva toda a sua dureza, com choques de interesses, com tensões e lutas, com o contacto diário com pessoas que nos parecerão mesquinhas e com mesquinhezes da nossa parte.

Mas se tudo isso nos desalenta, se nos deixamos vencer pelo próprio egoísmo ou se caímos na atitude céptica de quem encolhe os ombros, será sinal de que temos necessidade de aprofundar na nossa fé, de contemplar mais Cristo. Porque só nessa escola é que o cristão aprende a conhecer-se a si próprio e a compreender os outros, a viver de tal maneira que seja Cristo presente nos homens.

NOTAS

[1] Cfr. *Gal* 4, 31 (Vg); *Gal* 5, 1 (Nvg).

[2] Cfr. *Is* 55, 8; *Rm* 11, 33.

[3] *Rm* 8, 31.

[4] *Gal* 3, 28.

CONFIAR EM DEUS

Sem Cristo, não fazemos nada. É o ensinamento que o Mestre deu aos seus discípulos no episódio da pesca milagrosa e que se repete nas nossas vidas.



São Lucas conta que numa ocasião o Senhor pregava junto ao mar da Galileia e eram tantos os que O queriam ouvir que teve que pedir ajuda. Uns pescadores lavavam as redes na margem. Tinham terminado a parte fundamental da faina e estavam ocupados noutras atividades acessórias, seguramente com a ideia de ir quanto antes para casa e descansar. Jesus Cristo meteu-se numa das barcas, a de Simão e de lá continuou a falar à multidão.

O evangelista não se detém a contar-nos o conteúdo dos ensinamentos do Senhor. Nesta ocasião há outros factos para os quais quer atrair a nossa atenção, porque contêm lições muito importantes para a vida cristã.

Luta e confiança

Pedro e os seus companheiros talvez pensassem que, ao acabar de falar, Jesus regressaria à margem e seguiria o Seu caminho. Mas assim não

aconteceu: dirigiu-Se a eles e pediu-lhes que recomeçassem a faina de pesca, que estavam quase a terminar. Ficaram surpreendidos, mas Simão teve a grandeza de ânimo de ultrapassar o cansaço e responder: **Mestre, tendo trabalhado toda a noite, não apanhámos nada; porém, sobre a Tua palavra lançarei as redes.**^[1]

Tinham trabalhado toda uma noite. E tinha sido em vão. Sabiam fazê-lo, era a sua profissão, tinham experiência. Mas tudo isso não tinha sido suficiente; tinham regressado cansados e sem nada. Não parece arriscado supor que estariam desanimados. Inclusivamente, talvez tivesse ocorrido a algum que com aquele ofício não se poderia ir longe e teria experimentado o desejo – mais ou menos contido – de deixar tudo, porque o invadia uma sensação de inutilidade.

Sabemos que esta história termina com uma pesca abundantíssima. Se nos questionamos sobre a diferença entre essa eficácia e o fracasso noturno, a resposta é imediata: a presença de Jesus Cristo. Todas as outras circunstâncias desta segunda tentativa parecem menos favoráveis do que as da primeira: as redes sem terem sido acabadas de lavar, a hora pouco apropriada, a deteriorada condição física e anímica dos pescadores...

O Senhor serve-Se de tudo isso para lhes dar – e para nos dar – um ensinamento espiritual muito importante: sem Cristo não fazemos nada. Sem Cristo, o fruto da luta será cansaço, tensão, desânimo, vontade de o deixar; sem Cristo procuramos enganar-nos atirando para as circunstâncias a culpa da nossa ineficácia; sem Cristo invadir-nos-á a sensação de inutilidade. Pelo contrário, com Ele a pesca é abundante.

A santidade não consiste no cumprimento de um conjunto de normas. É a vida de Cristo em nós. Por isso, mais do que em fazer, está em deixar fazer, em deixar-se levar; mas correspondendo. ***Tu, cristão, e por seres cristão filho de Deus, debes sentir a grave responsabilidade de corresponder às misericórdias que recebeste do Senhor com uma atitude de vigilante e amorosa firmeza, para que nada nem ninguém possa esbater os traços peculiares do Amor, que Ele imprimiu na tua alma.***^[2]

Quando lutamos por ser santos, o fio da nossa vontade encontra-se com o fio da Vontade de Deus e entrelaça-se com ele para formar um único

tecido, uma só peça que é a nossa vida. Essa trama há-de ir-se tornando cada vez mais densa, até que chegue um momento em que a nossa vontade se identifique com a de Deus, de tal modo que não sejamos capazes de distinguir uma da outra, porque querem o mesmo.

Quase no final da Sua vida na terra, Jesus confia a São Pedro: **em verdade, em verdade te digo: Quando eras mais novo, cingias-te e ias onde deseavas; mas, quando fores velho, estenderás as tuas mãos e outro te cingirá e levará para onde tu não queres.**^[3] Antes apoiavas-te em ti próprio, na tua vontade, na tua fortaleza; antes pensavas que a tua palavra era mais segura do que a minha^[4] ... e já vês os resultados. A partir de agora apoiar-te-ás em Mim e queres o que Eu queira... e as coisas correrão muito melhor.

A vida interior é uma tarefa da graça que requer a nossa cooperação. O Espírito Santo sopra e impulsiona a nossa barca. Para a nossa correspondência dispomos dos remos, por assim dizer: por um lado, o nosso esforço pessoal; por outro, a confiança em Deus, a segurança de que Ele não nos deixa. Os dois remos são necessários e temos de desenvolver os dois braços se queremos que a vida interior avance. Se falha um, a barca gira sobre si própria, é muito difícil de governar; a alma caminha então como que *a pé coxinho*, não avança, esgota-se, acaba por desfalecer e cai facilmente.

Se falta a decisão eficaz de lutar, a piedade é sentimental, as virtudes escasseiam; a alma parece encher-se de bons desejos, que se tornam, no entanto, ineficazes quando chega o momento do esforço. Se, pelo contrário, se confia tudo a uma vontade forte, à decisão de luta sem contar com o Senhor, o fruto é aridez, tensão, cansaço, fastio de uma luta que não traz peixes às redes da vida interior e do apostolado; a alma encontra-se, como Pedro e os seus companheiros, na noite infrutífera.

Se nos apercebemos de que algo deste tipo nos acontece, se por vezes caímos em desânimos por nos apoiarmos demasiado nos nossos conhecimentos ou experiência, na nossa vontade decidida e forte... e pouco em Jesus Cristo, peçamos ao Senhor que suba para a nossa barca. É muito importante a Sua presença; muito mais do que os resultados do nosso

esforço. É de notar que o Senhor não promete uma grande pesca, e Simão não a espera. Mas adverte que de qualquer modo vale a pena trabalhar pelo Senhor: *in verbo autem tuo laxabo retia.*^[5]

Abandono

Voltemos agora um pouco atrás e dirijamos o nosso olhar à petição de Jesus. **Faz-te ao largo, e lançai as redes para pescar.**^[6]

Duc in altum. Leva a barca para o largo. Para se meter na vida interior há que renunciar a ter os pés num terreno firme, totalmente dominado; é preciso avançar até lugares onde facilmente haverá ondas, onde a barca se move e a alma se apercebe que não controla tudo, onde se caíssemos à água poderíamos afogar-nos.

Não estaremos mais seguros na margem, ou onde a água não ultrapasse os joelhos, ou a cintura, ou no máximo os ombros? Talvez, efetivamente, nos sentiríamos mais seguros. Mas na margem não se pesca nada que valha a pena. Se queremos deitar as redes para pescar, temos que levar a barca para mar profundo, temos que sacudir o medo de perder de vista a costa.

Quantas vezes Jesus Cristo censura aos discípulos o seu medo! **Por que temeis, homens de pouca fé?**^[7] Não mereceremos nós também essa mesma censura? Porque não te fias? Porque queres dominar e controlar tudo? Porque te custa tanto caminhar quando o sol não brilha em todo o seu esplendor?

A alma tende instintivamente a procurar referências, sinais que lhe confirmem que vai bem. O Senhor concede-no-las em muitas ocasiões, mas não cresceremos na vida interior se nos deixamos obcecar pela necessidade de comprovar o nosso progresso.

Talvez tenhamos a experiência de que em momentos de inquietação, em que não possuímos um juízo claro sobre a nossa retidão e nos deixamos arrastar pelo desejo de procurar, a todo o custo, uma resposta, acabamos por atribuir a uma circunstância trivial um valor de que objetivamente carece: um olhar sorridente ou sério, um elogio ou uma correção, uma circunstância

favorável ou um revés, bastam para colorir, com o seu tom brilhante ou escuro, factos com os quais não têm qualquer relação.

O crescimento na vida interior não depende de que estejamos seguros de qual é a Vontade de Deus. O afã desmesurado de segurança é o ponto onde o voluntarismo se encontra com o sentimentalismo. Por vezes, o Senhor permite uma insegurança que, bem orientada, nos ajuda a crescer em retidão de intenção. O que importa é abandonar-se nas Suas mãos e neste confiar n'Ele encontra-se a paz.

Com a nossa luta não procuramos conseguir sentimentos agradáveis. Muitas vezes os teremos; outras, não. Um pouco de exame talvez nos faça descobrir que os procuramos com maior frequência do que imaginamos, se não em si mesmos, ao menos como sinal de que a nossa luta é eficaz.

Apercebemo-nos disso, por exemplo, ao experimentar desânimo perante uma tentação a que não cedemos, mas que persiste; ao sentir aborrecimento porque algo nos custa e – assim raciocinamos – não nos deveria custar; ao notar desconforto porque a entrega não nos atrai do modo sensivelmente impetuoso de que gostaríamos...

Temos que lutar no que podemos lutar, sem nos preocuparmos com o que não está na nossa mão dominar; os sentimentos não estão totalmente submetidos à nossa vontade e não podemos pretender que estejam.

Temos que aprender a abandonar-nos, deixando nas mãos de Deus o resultado da nossa luta, porque só a confiança n'Ele vence essas inquietações. Se queremos ser pescadores do águas profundas, temos que levar a barca *in altum*, onde não temos pé; temos que superar o desejo de procurar referências, de sentir que vamos para a frente. Mas para o conseguir é decisivo apoiar-se na contrição.

Recomeçar

Simão e os seus companheiros seguiram o conselho do Senhor e **apanharam tão grande quantidade de peixes, que as redes se rompiam.**

^[8] Do fruto dessa audácia beneficiaram outros que os vieram ajudar e as duas barcas encheram-se tanto que quase se afundavam. Abundância tão

extraordinária levou Pedro a aperceber-se da proximidade de Deus e a sentir-se indigno de tal familiaridade: **Afasta-Te de mim, Senhor, pois eu sou um homem pecador.**^[9] No entanto, poucos minutos depois, **deixaram tudo e seguiram Jesus.**^[10] E foram fiéis até à morte.

Pedro descobriu o Senhor naquela pesca extraordinária. Teria reagido da mesma maneira se na noite anterior lhe tivesse corrido bem o seu trabalho? Talvez não. Talvez num fruto especialmente generoso tivesse reconhecido uma ajuda de Jesus Cristo, mas não se teria apercebido até que ponto Deus estava perto e tudo se devia a Ele. Para que o milagre movesse a alma de Simão, convinha que a noite anterior lhe tivesse corrido muito mal apesar do seu empenho sincero.

O Senhor serve-Se dos nossos defeitos para nos atrair para Ele, sempre que nos esforcemos sinceramente por vencê-los. Por isso, lutando, temos de gostar de nós como somos, com os nossos defeitos. Ao fazer-Se homem, o Verbo assumiu limitações, as próprias da condição humana, essas diante das quais nós por vezes nos revoltamos. No caminho de identificação com Cristo é decisivo aceitar os próprios limites.

Tantas vezes, é precisamente a consciência serena da nossa indignidade que nos faz descobrir Cristo ao nosso lado, porque vemos com clareza que os peixes que há nas nossas redes não foi a nossa perícia que os lá pôs, mas Deus. E essa experiência enche-nos de alegria e convence-nos uma vez mais que é a contrição que nos faz avançar na vida interior.

Então, como Pedro, lançamo-nos aos pés de Jesus Cristo; e, também como ele, acabamos por deixar tudo – inclusive essa pesca extraordinária! – para O seguir, porque só Ele nos interessa.

A prontidão para a contrição marca o caminho da alegria. *Precisamente a tua vida interior deve ser isso: começar... e recomeçar.*^[11] Que profunda alegria experimenta a alma quando descobre, na prática, o significado destas palavras! Não se cansar de recomeçar, eis aqui um segredo para a eficácia e para a paz. Porque quem tem essa atitude deixa trabalhar o Espírito Santo na sua alma, colabora com Ele sem pretender substituí-lo, luta com toda a energia e com plena confiança em Deus.

NOTAS

[1] *Lc* 5, 5.

[2] *Forja* , n. 416.

[3] *Jo* 21, 18.

[4] Cfr. *Mt* 26, 34-35.

[5] *Lc* 5, 5.

[6] *Lc* 5, 4.

[7] *Mt* 8, 26. Cfr. *Mt* 14, 31.

[8] *Lc* 5, 6.

[9] *Lc* 5, 8.

[10] *Lc* 5, 11.

[11] *Caminho* , 292.

O ESPLENDOR DA CARIDADE

A caridade é o melhor modo de informar sobre a Igreja e o Opus Dei: “amar é uma forma de conhecer e de se dar a conhecer”. Este texto procura explicar de que maneira o perdão, a humildade e uma vida recta são o caminho para mostrar a verdade.



No dia 6 de Outubro de 2002, o Papa João Paulo II incluiu Mons. Josemaria Escrivá entre o número dos santos. A partir daquele dia, surgiu um comentário que mais tarde se tornou habitual: São Josemaria já não pertence somente ao Opus Dei, mas a toda a Igreja. O seu exemplo, os seus ensinamentos, a sua intercessão estão acessíveis, mais do que nunca, a todos os católicos e a todos os homens de boa vontade, onde quer que estiverem.

No plano humano, os filhos são retrato dos seus pais. No plano sobrenatural acontece também que muitas pessoas descobrem São Josemaria ao relacionar-se com os seus filhos.

Parentes, amigos e colegas entendem a mensagem da santificação do trabalho quando os fiéis do Opus Dei conseguem expressá-la com obras de caridade, que encerram o grau de eloquência mais elevado.

Não poucas vezes a descoberta intelectual vem precedida por um encontro pessoal. Muitos aprendem a amar São Josemaria e chegam a interessar-se pela profundidade das suas palavras justamente quando notam a amizade dos seus filhos.

Algumas vezes o interesse pela Obra surge com motivo de episódios aparentemente negativos. Falsidades que circulam de vez em quando; o que não é nenhuma novidade porque fazem parte da vida das pessoas e das instituições. As lendas sempre acompanharam a Igreja e foram sinal de contradição desde os seus primeiros passos.

São Josemaria explicava, com uma metáfora bem expressiva, a misteriosa relação entre o crescimento do trabalho apostólico e das contrariedades: «trataram a Obra — comentava numa tertúlia — como se fosse um saco de trigo. Bateram-lhe, maltrataram-na, mas a semente, por ser tão pequena, não se partiu. Pelo contrário, espalhou-se aos quatro ventos, caiu em todas as encruzilhadas humanas onde há corações famintos de Verdade, bem dispostos...»^[1].

É por isso que as circunstâncias aparentemente negativas não surpreendem, nem tiram a serenidade. Antes, recordam aquele ponto de *Sulco*: «Tudo o que agora te preocupa cabe dentro de um sorriso, esboçado por amor de Deus»^[2].

Sempre haverá problemas na vida, o importante é que a reacção seja sobrenatural, cristã, cheia de caridade. Isto é possível com a luz da fé, com a certeza da filiação divina e de que, portanto, a vitória do cristão já está assegurada. *Haveis de ter aflições no mundo; mas tende confiança, Eu venci o mundo*^[3].

As calúnias não formam a imagem da Igreja. Ao contrário, ajudam a compreender melhor a sua beleza por contraste com a sua santidade e com as iniciativas de caridade difundidas pelos seus fiéis.

Algo semelhante acontece com a Obra: a sua imagem é a que os membros da Prelatura fornecem. A beleza do Opus Dei manifesta-se no interesse com que os seus fiéis procuram relacionar-se com as pessoas que os cercam, também nos momentos de contradição ou quando é necessário esclarecer mal-entendidos.

Expor a verdade com caridade é o melhor modo de desarmar a mentira. Como São Paulo nos ensina: *noli vinci a malo, sed vince in bono malum*, «não te deixes vencer pelo mal, mas vence o mal com o bem»^[4]. Somente a luz da caridade é capaz de iluminar as trevas do erro.

A caridade está unida ao trabalho positivo de comunicar a verdade, de pôr todos os talentos ao serviço da difusão da boa doutrina. A missão dos cristãos inclui uma tarefa argumentativa: acompanhar colegas e amigos em direcção à verdade, de maneira que a descubram com a sua própria inteligência e adiram a ela com liberdade.

Bento XVI referiu-o na sua primeira encíclica: na tarefa de “realizar a sociedade mais justa possível”, a Igreja deseja contribuir “pela via da argumentação racional”, propondo-se ao mesmo tempo “despertar as forças espirituais, sem as quais a justiça, que sempre requer renúncias, não poderá afirmar-se nem prosperar”.

À Igreja compete, “e profundamente, o empenhar-se pela justiça trabalhando para a abertura da inteligência e da vontade às exigências do bem”^[5].

A tarefa de abrir as inteligências e mover as vontades num contexto de liberdade, requer dos cristãos o esforço de descobrir boas “*explicadeiras*” — uma palavra que São Josemaria gostava de usar — que estejam à altura dos problemas, com frequência complexos, cujo esclarecimento é necessário.

Mostrar que a fé é razoável, que a moral conduz à felicidade, que Cristo veio para nos libertar, são algumas das convicções de que o nosso tempo precisa urgentemente, porque há muitas pessoas que anseiam por aquelas descobertas no fundo do seu coração.

Para os católicos, o melhor argumento é a sua própria vida. A Igreja convence, quando consegue mostrar as maravilhas que a graça tem operado ao longo da sua história.

Nesse sentido, a melhor forma de responder às falsidades sobre a Igreja e sobre o Opus Dei é, justamente, pôr em evidência a realidade com modéstia, com simplicidade. Com humildade pessoal e colectiva, buscando somente a glória de Deus.

«A condenação é por isto: A luz veio ao mundo e os homens amaram mais as trevas do que a luz, porque as suas obras eram más. Porque todo aquele que faz o mal aborrece a luz e não se chega para a luz, a fim de que não sejam reprovadas as suas obras; mas aquele que procede segundo a verdade, chega-se para a luz, a fim de que seja manifesto que as suas obras são feitas segundo Deus»^[6]. Em diferentes lugares do Evangelho, o Senhor refere-se aos seus discípulos como filhos da luz, que não têm medo à verdade e que sabem que Deus é o autor de todo o bem.

A caridade é o melhor modo de informar sobre a Igreja e o Opus Dei: amar é uma forma de conhecer e de se dar a conhecer. Estamos perante uma tarefa eminentemente prática e positiva, própria de pessoas «com o coração grande e os braços abertos, dispostos a afogar o mal na abundância de bem: porque o Opus Dei não é anti-nada: é afirmação, juventude, optimismo; sempre vitória e caridade para todos»^[7].

Notas

[1] São Josemaria, anotações tiradas numa tertúlia, 29/12/1970

[2] São Josemaria, Sulco n. 89

[3] Jo 16, 33

[4] Rm 12, 21

[5] Bento XVI, Carta Encíclica *Deus caritas est*, n. 28

[6] Jo 3, 19-21

[7] São Josemaria, *Instrução*, Maio 1935 – 14/09/1950, n. 88

A CARIDADE CRISTÃ NO MODO DE FALAR

Murmurar, criticar ou espalhar boatos pode ser ocasião para faltar gravemente à caridade. Este editorial faz eco do convite do Papa Francisco para não falar a "linguagem da hipocrisia".



Se permanecerdes na Minha palavra, sereis Meus verdadeiros discípulos; conhecereis a verdade e a verdade vos fará livres (Jo 8, 31-32). Num amplo diálogo com os judeus surge esta promessa do Senhor que, na sua simplicidade e solenidade, atravessa os séculos: a verdade torna-nos livres. Mas também atravessam os séculos as falsas promessas de quem era homicida desde o princípio e não permaneceu na verdade, porque a verdade não está nele. Quando diz a mentira, fala do que lhe é próprio, porque é mentiroso e pai da mentira (Jo 8, 44).

«A razão mais sublime da dignidade do homem – ensina o Concílio Vaticano II – consiste na sua vocação à união com Deus. É desde o começo da sua existência que o homem é convidado a dialogar com Deus» (*Gaudium et Spes*, 19). Assim, pode dizer-se que a palavra – a *necessidade* de viver em diálogo, em comunhão – é o mais próprio da pessoa. Na

palavra comunica-se a própria pessoa: quando falamos, não emitimos apenas uma mensagem, mas em certo sentido damos-nos a nós mesmos. E não só chegamos aos ouvidos dos demais, mas ao seu coração, ao centro do seu ser. Por isso, a palavra tem uma dimensão, de certo modo, *sagrada*. O seu uso reto beneficia e edifica as pessoas, enquanto as palavras descuidadas maltratam os outros. Aleksandr Soljenítsin bem o captou: as mentiras, dizia, não são palavras que dizemos e ficam a pairar no ar, longe de nós, mas cada mentira corrompe-nos por dentro, até nos consumir as entranhas.

O exemplo dos primeiros cristãos

Na sua pregação, o Senhor convida a todos à transparência; a ser simples, a evitar casuísticas que com frequência encobrem, ou pelo menos dão início à mentira: *dizei somente, sim, se é sim; não, se é não. Tudo o que passa além disto vem do Maligno (Mt 5, 37)*. Duríssimo contra a hipocrisia, o Senhor elogia calorosamente aqueles em quem não há duplicidade nem engano (cf. *Jo 1, 47*). É próprio d'Ele um estilo, um modo de fazer, que penetrou profundamente entre os primeiros cristãos: a epístola de Tiago expressa-se com acentos semelhantes: *Que o vosso sim seja sim; que o vosso não seja não. Assim não caireis ao golpe do julgamento (Tg 5, 12)*. S. Pedro fala-lhes de *rejeitar toda a malícia, toda a astúcia, fingimentos, invejas e toda a espécie de maledicência* para poder aproximar-se de Deus, e como *crianças recém-nascidas desejar com ardor o leite espiritual (1 Pe 2, 1-2)*.

Essa inocência cristã na palavra, no entanto, não se consegue com uma simples intenção genérica, boazinha: a tensão entre a verdade e a mentira está presente em toda duração da nossa vida. A Escritura não se limita a enunciar os princípios, mas assinala com detalhe os abusos da palavra, a incoerência entre o que é, e o que se diz que é. Neste sentido é exemplar, e de perene atualidade, a admoestação de S. Tiago sobre a língua:

Se alguém não cair por palavra, este é um homem perfeito, capaz de refrear todo o seu corpo. Quando pomos o freio na boca dos cavalos, para que nos obedeçam, dirigimos também todo o seu corpo. Vede também os navios: por grandes que sejam e embora agitados por ventos impetuosos, são governados com um pequeno leme à vontade do piloto. Assim também a

língua é um pequeno membro, mas pode gloriar-se de grandes coisas (...) Todas as espécies de feras selvagens, de aves, de répteis e de peixes do mar se domam e têm sido domadas pela espécie humana. A língua, porém, nenhum homem a pode domar (Tg 3, 2-8).

Esta mesma preocupação em "domar" a língua está muito presente nos ensinamentos do Papa Francisco. Com a mesma insistência do Apóstolo, nunca perde uma oportunidade de pedir aos cristãos que nos esforcemos em pôr freio à palavra que destrói. O Papa sabe que o seu chamamento à renovação da vida dos cristãos e da Igreja ficaria desvirtuada se não chegássemos a esse pequeno leme que decide o itinerário da nave.

Todos agradecemos a franqueza com que fala o Sucessor de Pedro, embora haja o risco de que pensemos apressadamente que fala para outros, e viremos a página sem nos perguntarmos em que medida os nossos hábitos atuais, ou as formas socialmente aceites de se comportar nesta área, estão de acordo com o Evangelho. O *Catecismo da Igreja Católica* (cf. n. 2464 e ss.) e o Magistério do Papa Francisco proporcionam muitas pistas de reflexão.

A mentira, linguagem da hipocrisia

Com que delicadeza nos esforcamos por amar e dizer sempre a verdade, por evitar completamente a mentira? Porque não podemos esquecer a gravidade da mentira que «é uma autêntica violência feita a outrem. Este é atingido na sua capacidade de conhecer, a qual é condição de todo o juízo e de toda a decisão. A mentira contém em germen a divisão dos espíritos e todos os males que a mesma suscita. É funesta para toda a sociedade: destrói pela base a confiança entre os homens e retalha o tecido das relações sociais» (*Catecismo*, n. 2486).

O Papa falou com energia da **linguagem da hipocrisia**, própria de quem **não ama a verdade. Eles amam-se apenas a si mesmos, e, deste modo, procuram enganar, envolver o outro no seu engano, na sua mentira. Têm um coração mentiroso; não podem dizer a verdade** (*Meditação matutina*, 4-VI-2013). Como S. Pedro, apela à inocência das crianças, ao *leite espiritual* (1 Pe 2, 2) não adulterado: **uma criança não é hipócrita, porque não está corrompida.**

Quando Jesus nos diz que o vosso modo de falar seja: "sim, sim", "não, não", com alma de criança, diz-nos o contrário daquilo que dizem os corruptos (...). Peçamos hoje ao Senhor que o nosso modo de falar seja o dos simples, o das crianças; falar como filhos de Deus: portanto falar na verdade do amor (*Meditação matutina*, 4-VI-2013).

A murmuração: aprender a morder a própria língua

No sermão da montanha, Jesus leva até à radicalidade o quinto mandamento do Decálogo: *Ouvistes o que foi dito aos antigos: Não matarás, mas quem matar será castigado pelo juízo do tribunal. Mas eu vos digo: todo aquele que se irar contra seu irmão será castigado pelos juízes (...) Aquele que lhe disser: Louco, será condenado ao fogo da geena (Mt 5, 21-22)*. As palavras do Senhor são duras, **«quem entra na vida cristã, quem aceita seguir este caminho, tem exigências superiores às de todos os outros. Não tem vantagens superiores, não! Tem exigências superiores»** (*Meditação matutina*, 13-VI-2013).

A murmuração e o insulto não se reduzem a uma brincadeira inocente: matam o irmão. Escreve S. Josemaria: «Sabes o mal que podes ocasionar atirando para longe uma pedra com os olhos vendados? Também não sabes o prejuízo que podes causar, às vezes grave, quando lanças frases de murmuração, que te parecem levíssimas por teres os olhos vendados pela falta de escrúpulo ou pela exaltação» (*Caminho*, 455). Então, continua o Papa, quando já se começa a sentir algo de negativo no coração contra alguém, e se exprime **com um insulto, maldição ou cólera, há algo que não funciona. Deves converter-te, tens que mudar** (*Meditação matutina*, 13-VI-2013).

E se houvesse quem pensasse que tudo isto é justificável porque o "merece", o Papa faz esta recomendação: **Vai e reza por ele. Vai e faz penitência por ele. E depois, se for necessário, fala com a pessoa que pode resolver o problema. Mas não o digas a todos (...)** Paulo foi um grande pecador. E diz de si mesmo: antes, fui um perseguidor, um blasfemo, um violento. Mas comigo usaram de misericórdia. Talvez nenhum de nós blasfeme. Mas se algum de nós murmura, é certamente um perseguidor e um violento (*Meditação matutina*, 13-IX-2013).

Hoje, cada um deve interrogar-se: faço crescer a unidade na família, na paróquia, na comunidade, ou sou um tagarela, uma tagarela? Sou motivo de divisão, de dificuldade? Mas vós não sabeis o mal que os mexericos fazem à Igreja, às paróquias, às comunidades! Fazem mal! As bisbilhotices ferem! Antes de coscuvilhar, o cristão deve morder a sua língua! (Audiência, 25-IX-2013)

A difamação e a necessidade de reparar

É bom ter presente que não basta que algo seja ou pareça verdadeiro para que se possa divulgar sem mais considerações. «O direito à comunicação da verdade não é absoluto. Cada um deve conformar a sua vida com o preceito evangélico do amor fraterno, mas este requer, em situações concretas, que avaliemos se convém ou não revelar a verdade a quem a pede» (*Catecismo*, n. 2488).

Muitas vezes, o suposto *interesse informativo* (tanto do emissor como do recetor) é na realidade o disfarce de uma curiosidade desrespeitosa, que deriva com frequência em bisbilhotices ou boatos, em insinuações e afirmações caluniosas sobre pessoas e instituições, que se propagam depois sem que haja muitas possibilidades de as retificar.

Por esse motivo, em tais casos, a reparação é um dever de consciência. Assim o recorda o *Catecismo*: «Qualquer falta cometida contra a justiça e contra a verdade implica o dever da reparação, mesmo que o seu autor tenha sido perdoado. Quando for impossível reparar publicamente um mal, deve-se fazê-lo em segredo; se aquele que foi lesado não pode ser indemnizado diretamente, deve dar-se-lhe uma satisfação moral, em nome da caridade. Este dever de reparação diz respeito também às faltas cometidas contra a reputação alheia. A reparação moral e às vezes material, deve ser avaliada segundo a medida do prejuízo causado e obriga em consciência» (*Catecismo*, n. 2487).

Vale a pena rever, portanto, a nossa atitude ante a ligeireza com que se costuma tratar em conversas e comentários – também entre os cristãos – a intimidade e a fama dos outros, talvez alegando como justificação que estamos a limitar-nos a repetir o que dizem as notícias ou os boatos! **Os mexericos** – disse o Papa – **ferem, são bofetadas na fama de uma pessoa,**

são bofetadas no coração de uma pessoa (*Homilia*, 12-IX-2014). Também podemos pensar no nosso modo de reagir perante a facilidade com que se aceita como coisa normal criticar as pessoas (desde a vizinha de cima, até ao político ou ao futebolista que vai à televisão), por palavra ou por escrito, de forma amarga ou malévola, sem compreensão, chegando com grande naturalidade até à calúnia e ao insulto, sem a menor possibilidade de que a crítica seja construtiva para ninguém.

Que procuramos? Que ganham os outros, quando difundimos essas notícias ou rumores, sem saber exatamente o que há neles de verdade? Porque, de facto, até mesmo a informação verdadeira que sabemos sobre os outros deve ser analisada com prudência e ponderação, para não difamar nem escandalizar ou provocar outros danos (cf. *Catecismo*, n. 2477 e 2479). Facilmente deixamos adormecer a nossa sensibilidade para rejeitar tal comportamento, ou para advertir que talvez estejamos caindo também neles. *E se o sal perde o sabor, com que lhe será restituído o sabor?* (Mt 5, 13). Nós, cristãos, temos a missão e a graça para a levar a cabo, para manter no mundo o ar livre e limpo da verdade. «Hoje, quando o ambiente está cheio de desobediência, de murmuração, de engano, de enredo, temos de amar mais do que nunca a obediência, a sinceridade, a lealdade, a simplicidade: e tudo isto, com sentido sobrenatural, far-nos-á mais humanos» (S. Josemaria, *Forja*, n. 530).

Para conseguir a paz

No encontro com os presidentes de Israel e da Palestina para pedir a paz, o Papa pronunciou uma oração que, na parte final, rezava assim: **Senhor, desarmai a língua e as mãos, renovai os corações e as mentes, para que a palavra que nos leva ao encontro seja sempre «irmão»** (*Discurso*, 8-VI-2014).

A verdade que nos torna livres (cf. *Jo* 8, 31-32) não consiste simplesmente na posse ou na transmissão de manifestos e informações que correspondem à realidade das coisas. É algo de mais profundo: a verdade que fundamenta a sinceridade e a lealdade para com os outros, em todas as suas formas, é que todos os homens somos irmãos, filhos do mesmo Pai.

Jesus Cristo mostrou-nos com a sua vida, *veritatem faciens in caritate* (cf. *Ef* 4, 15), esta harmonia fundamental entre a verdade e o amor. Por isso, a verdade que liberta e traz paz, está nessa manifestação eminente do amor de Deus para com os homens, que é a Cruz redentora: **Como eu queria que, por um momento, todos os homens e mulheres de boa vontade olhassem para a Cruz! Na cruz podemos ver a resposta de Deus: ali à violência não se respondeu com violência, à morte não se respondeu com a linguagem da morte. No silêncio da Cruz, cala-se o fragor das armas e fala a linguagem da reconciliação, do perdão, do diálogo, da paz.** (*Homilia na Vigília de oração pela paz, 7-XI-2013*)

R. Valdés e C. Ayxelà

COMO MELHORAR A MINHA EMPATIA?

Para viver a caridade tem de se começar por reconhecer no outro alguém digno de consideração, e colocar-se nas suas circunstâncias. Trata-se de ter empatia, tema de um novo artigo da série sobre "Formação da personalidade".



Todos experimentámos que, em muitas ocasiões, para assimilar bem o que sucede à nossa volta, não basta que se nos transmitam simplesmente dados objetivos. Por exemplo, se alguém interpreta uma peça musical para uns amigos, esperará ver como eles passam um tempo agradável ao ouvir a mesma melodia de que ele gosta tanto. Pelo contrário, se os amigos se limitassem a dizer que a execução tinha sido correta, mas sem mostrarem o menor entusiasmo, então viria seguramente o desânimo, juntamente com a sensação de que, na realidade, não se possui talento.

Quantos problemas se evitariam se procurássemos entender melhor o que sucede no interior dos outros, as suas expectativas e ideais. «Mais do que em “dar”, a caridade está em “compreender”»^[1]. Para viver a caridade tem de se começar por reconhecer no outro alguém digno de consideração e colocar-se nas suas circunstâncias. Hoje costuma falar-se de empatia para

nos referirmos à qualidade que facilita colocar-se no lugar dos outros, compreender a sua situação e ponderar os seus sentimentos. Unida à caridade, esta atitude contribui para fomentar a comunhão, a união de corações, como escreve São Pedro: «tende todos o mesmo pensar e o mesmo sentir»^[2].

Aprender de Cristo

Desde o princípio, os discípulos experimentaram a sensibilidade do Senhor, a sua capacidade de se colocar no lugar dos outros, a sua delicada compreensão do que sucedia no interior do coração humano, a sua finura para perceber a dor alheia. Ao chegar a Naím, sem que haja uma palavra, compreende o drama da mulher viúva que perdeu o seu único filho^[3]; ao escutar a súplica de Jairo e o rumor das carpideiras, sabe consolar um e apaziguar os restantes^[4]; tem consciência das necessidades dos que o seguem e preocupa-se se não têm que comer^[5]; chora com o pranto de Marta e de Maria diante do túmulo de Lázaro^[6] e indigna-se diante da dureza de coração dos seus quando querem que desça fogo do céu para queimar a aldeia dos samaritanos que não os tinham recebido^[7].

Com a sua vida, Jesus ensina-nos a ver os outros de um modo diferente, partilhando os seus afetos, acompanhando-os nos seus anseios e desencantos. Aprendemos d'Ele a interessar-nos pelo estado interior dos que nos rodeiam e com a ajuda da graça superamos progressivamente os defeitos que o impedem, como a distração, a impulsividade ou a frieza. Não há desculpa para desistir deste empenho. «Não pensemos que vale alguma coisa a nossa aparente virtude de santos, se não estiver unida às comuns virtudes de cristãos. – Seria o mesmo que adornar-se com esplêndidas jóias sobre trajos menores»^[8]. A proximidade com o Coração do Senhor ajudará a moldar o nosso de maneira que nos enchamos dos sentimentos de Cristo Jesus.

Caridade, afabilidade e empatia

«A caridade de Cristo não é apenas um bom sentimento em relação ao próximo. não se limita ao gosto pela filantropia. A caridade, infundida por Deus na alma, transforma a partir de dentro a inteligência e a vontade,

fundamenta sobrenaturalmente a amizade e a alegria de fazer o bem»^[9]. É bonito descobrir como os apóstolos, ao calor da sua relação com o Senhor, vão apaziguando os seus temperamentos, muito variados, que nalgumas ocasiões os levaram a manifestar-se pouco compassivos frente a outras pessoas. João, tão veemente que, com o seu irmão Tiago, mereceu o sobrenome de filho do trovão, mais tarde encher-se-á de mansidão e insistirá na necessidade de abrir-se ao próximo, de entregar-se aos outros como fez o próprio Cristo: «Nisto conhecemos o amor: em que Ele deu a Sua vida por nós. Por isso também nós devemos dar a vida pelos nossos irmãos»^[10]. Também São Pedro, que antes se tinha mostrado duro diante dos adversários de Jesus, dirige-se ao povo no Templo procurando a sua conversão, mas com palavras isentas de qualquer resquício de amargura: «Irmãos, sei que agistes por ignorância, bem como os vossos chefes. (...) Arrependei-vos, portanto, e convertei-vos, para que sejam apagados os vossos pecados, de modo que venham do Senhor os tempos da consolação»^[11].

São Paulo oferece-nos outro exemplo, que depois de ter sido um terrível carrasco para os cristãos, converte-se e põe ao serviço do Evangelho o seu génio e o seu *génio*: a sua mente clara e o seu carácter forte. Em Atenas, embora o seu espírito ferva de indignação perante a presença de tantos ídolos, procura empatias com os seus habitantes. Quando tem ocasião de se lhes dirigir no Areópago, em vez de lhes atirar à cara o seu paganismo e depravação de costumes, apela à sua fome de Deus: «Atenienses, em tudo vejo que sois mais religiosos do que ninguém, porque ao passar e contemplar os vossos monumentos sagrados encontrei também um altar em que estava escrito: “Ao Deus desconhecido”. Pois bem, eu venho anunciar-vos Aquele que venerais sem conhecer»^[12]. Nesta atitude, que sabe compreender e motivar, descobrem-se os traços excelentes de uma inteligência que integra e modula as suas emoções. Manifesta-se também a genialidade de uma pessoa que se apercebe da situação dos outros: escolhe um aspeto da sua sensibilidade, por mais pequeno que pareça, para sintonizar com os ouvintes, captar o seu interesse e levá-los para a verdade plena.

Caminhos para amar a verdade

Ao procurar ajudar os outros, a caridade e a mansidão guiar-nos-ão até às razões do coração, que costumam abrir as portas da alma com maior facilidade do que uma argumentação fria ou distante. O amor de Deus impulsionar-nos-á a conservar um estilo afável, que mostre quão atrativa é a vida cristã: «A verdadeira virtude não é triste e antipática, mas amavelmente alegre»^[13] Saberemos descobrir o positivo de cada pessoa, pois amar a verdade implica reconhecer as marcas de Deus nos corações, por mais desfiguradas que pareçam estar.

A caridade faz com que, no convívio com amigos, colegas de trabalho, familiares, o cristão se mostre compreensivo com os que estão desorientados, às vezes porque não tiveram oportunidade de receber uma boa formação na fé, ou porque não viram um exemplo encarnado da autêntica mensagem do Evangelho. Mantém-se, assim, uma disposição de empatia também quando os outros estão enganados: «Não compreendo a violência: não me parece apta nem para convencer, nem para vencer; o erro supera-se com a oração, com a graça de Deus, com o estudo; nunca com a força, sempre com a caridade»^[14] Temos de dizer a verdade com uma paciência constante – «*veritatem facientes in caritate*»^[15] – sabendo estar ao lado de quem talvez esteja confundido, mas que, com um pouco de tempo, se poderá abrir à ação da graça. Esta atitude consiste muitas vezes, como salienta o Papa Francisco, em «deter o passo, deixar de lado a ansiedade para olhar os olhos e escutar, ou renunciar às urgências para acompanhar o que ficou ao lado do caminho. Às vezes é como o pai do filho pródigo, que fica com as portas abertas para que, quando regresse, possa entrar sem dificuldade»^[16].

Apostolado e comunhão de sentimentos

Alguns poderiam procurar reduzir a empatia a uma simples estratégia, como se fosse uma dessas técnicas que propõe um produto ao consumidor de tal modo que tem a sensação de que isso era mesmo aquilo de que andava à procura. Embora isso possa ser válido no âmbito comercial, as relações inter-pessoais seguem outra lógica. A autêntica empatia implica sinceridade, é incompatível com uma conduta de disfarce, que esconde os interesses próprios.

Esta sinceridade é fundamental quando procuramos dar a conhecer o Senhor às pessoas com que convivemos. Fazendo próprios os sentimentos daqueles que Deus pôs ao nosso lado no caminho, temos a finura de caridade de nos alegrarmos com cada um deles e de sofrer também com cada um. «Quem está enfermo, que eu não esteja enfermo? Quem é escandalizado, que eu não me abraze?»^[17] Quanto afeto sincero se descobre nesta carinhosa alusão de São Paulo aos cristãos de Corinto! É mais fácil que a verdade penetre através deste modo de partilhar sentimentos, porque se estabelece uma corrente de afetos – de afabilidade – que potencia a comunicação. A alma torna-se assim mais recetiva ao que escuta, especialmente se se trata de um comentário construtivo que a anima a melhorar na sua vida espiritual.

«O mais importante na comunicação com o outro é a capacidade do coração que torna possível a proximidade, sem a qual não existe um verdadeiro encontro espiritual. A escuta ajuda-nos a encontrar o gesto e a palavra oportuna que nos desinstala da tranquila condição de espectadores»^[18]. Quando a escuta é atenta, envolvemo-nos na realidade dos outros. Procuramos ajudar o outro a discernir qual é o passo que o Senhor lhe pede para dar nesse momento específico. É no momento em que o interlocutor percebe que a sua situação, opiniões e sentimentos são respeitados – mais, assumidos por quem o escuta – quando abre os olhos da alma para contemplar o resplendor da verdade, a amabilidade da virtude.

Por contraste, a indiferença perante os outros é uma grave doença para a alma apostólica. Não pode acontecer ser distantes com os que nos rodeiam: «Essas pessoas, que te acham antipático, deixarão de pensar assim quando repararem que as amas *deveras*. *Depende de ti.*»^[19] A palavra compreensiva, os detalhes de serviço, a conversa amável, refletem um interesse sincero pelo bem daquelas pessoas com quem convivemos. Saberemos fazer-nos amar, abrindo as portas de uma amizade que partilha a maravilha do trato com o Senhor.

Animar a caminhar

O Papa Francisco salienta que «um bom acompanhante não consente fatalismos ou a pusilanimidade. Convida sempre a querer curar-se, a

carregar a maca, a abraçar a cruz, a deixar tudo, a sair sempre de novo a anunciar o Evangelho»^[20]. Ao responsabilizarmo-nos pelas debilidades dos outros, saberemos também animar a não ceder ao conformismo, a alargar os seus horizontes para que continuem a aspirar à meta da santidade.

Ao agir deste modo, seguiremos o exemplo de profunda compreensão e amável exigência que nos deixou Nosso Senhor. Quando, na tarde do dia da Ressurreição, caminha ao lado dos discípulos de Emaús, pergunta-lhes: «Que palavras são essas que trocáis entre vós pelo caminho?»^[21], e deixa que desabafem, manifestando a desilusão que oprimia os seus corações e a dificuldade que tinham em acreditar que Jesus tinha realmente regressado à vida, como testemunhavam as santas mulheres. Só então o Senhor toma a palavra e lhes explica como «era necessário que o Cristo sofresse tais coisas para entrar na Sua glória»^[22].

Como teria sido a conversa de Jesus, de que modo teria sabido responder às inquietações dos discípulos de Emaús, que no final Lhe dizem: «Fica connosco?»^[23] E isso, apesar de que no início lhes censura a sua incapacidade de compreender o que tinham anunciado os Profetas^[24]. Talvez fosse o tom de voz, o olhar carinhoso, que faria com que estes personagens se sentissem acolhidos mas, ao mesmo tempo, convidados a mudar. Com a graça do Senhor, também o nosso trato refletirá o apreço por cada pessoa, o conhecimento do seu mundo interior, que impulsiona a caminhar na vida cristã.

Javier Laínez

NOTAS

[1] S. Josemaría, *Caminho*, n. 463.

[2] *1 Pe* 3, 8.

[3] *Lc* 7, 11-17.

[4] Cfr. *Lc* 8, 40-56; *Mt* 9, 18-26.

[5] Cfr. *Mt* 15, 32.

- [6] Cfr. *Jo* 11, 35.
- [7] Cfr. *Lc* 9, 51-56.
- [8] *Caminho*, n. 409.
- [9] S. Josemaría, *Cristo que passa*, n. 71.
- [10] *Jo* 3, 16.
- [11] *Act* 3, 17. 19-20.
- [12] *Act* 17, 23.
- [13] *Caminho*, n. 657.
- [14] S. Josemaría, *Temas actuais do cristianismo*, n. 44.
- [15] *Ef* 4, 15 (Vg).
- [16] Francisco, Ex. Ap. *Evangelii gaudium*, 24-XI-2013, n. 46.
- [17] *2 Cor* 11, 29.
- [18] Francisco, *Evangelii gaudium*, n. 171.
- [19] S. Josemaría, *Sulco*, n. 734.
- [20] Francisco, *Evangelii gaudium*, n. 171.
- [21] *Lc* 24, 17.
- [22] *Lc* 24, 26.
- [23] *Lc* 24, 29.
- [24] Cfr. *Lc* 24, 25.

VIVER PARA OS OUTROS

O Senhor quer – demonstrou-o com o exemplo da Sua vida – que os cristãos pensem naqueles que os rodeiam e sirvam a sociedade. Está aí também o segredo da felicidade cristã.



Durante a última Jornada Mundial da Juventude, o Papa Bento XI reflectiu sobre a herança recebida das gerações passadas e animou os que o ouviam a construir, com a sua vida cristã firme, uma sociedade e um mundo um pouco mais humanos^[1].

Cada geração há-de pensar no que deixará à sociedade, aos homens que hão-de vir, no que fazer – e como – para que no futuro encontrem um mundo melhor. «A fé ensina-nos que em Cristo Jesus, Verbo Encarnado, conseguimos compreender a grandeza da nossa própria humanidade, o mistério da nossa vida na terra e o sublime destino que nos espera no Céu (cfr. *Gaudium et spes*, n. 24). A fé ensina-nos também que somos criaturas de Deus, feitas à Sua imagem e semelhança, dotadas de uma dignidade inviolável e chamadas à vida eterna»^[2]. A mensagem cristã permite reconhecer a verdadeira dignidade do homem e proporciona os meios para agir de acordo com a verdade.

A sociedade necessita do espírito evangelizador da Igreja, que nos transmite, sempre actuais, os ensinamentos de Jesus Cristo e o Senhor quer – demonstrou-o com o exemplo da Sua vida – que os cristãos pensem

naqueles que os rodeiam e sirvam a sociedade. Está aí também o segredo da felicidade cristã: fazer-se portador da mensagem de Jesus.

O APOSTOLADO, MANIFESTAÇÃO DA CARIDADE

O apostolado nasce precisamente da consciência da missão de caridade a que Deus nos chama. O cristão é testemunha da caridade de Cristo entre os outros homens e da comunhão. Por isso, o apostolado não pode converter-se numa técnica, nem numa estratégia para levar as almas a Deus; tão pouco consiste num conjunto de deveres, pois a partir do amor torna-se natural e tem de se ter presente que a eficácia é divina, embora Deus conte com a disposição das pessoas.

Caridade e apostolado vão de mãos dadas; mais, pode dizer-se que são inseparáveis, pois a caridade aguça o engenho para descobrir como melhorar o nível do serviço aos outros. A mensagem recebida por S. Josemaria fala também da relação entre caridade e apostolado e indica-nos que ambas – a caridade apostólica, o apostolado vivido por amor – se identificam com a amizade: *A caridade exige que se viva(...) a amizade*^[3].

Num cristão, num filho de Deus, amizade e caridade formam uma só coisa: luz divina que dá calor^[4]. A virtude da caridade aproxima-nos profundamente do próximo; com a ajuda da graça, o cristão descobre no outro um irmão, um filho de Deus, irmão de Jesus Cristo; encontra o próprio Deus que nos entrega a Sua imagem feita homem para que a respeitemos e lhe demos a honra devida. O apostolado, que tende a identificar-se com a amizade, não é senão *venerar – insisto – a imagem de Deus que há em cada homem, procurando que também ele a contemple, para que saiba dirigir-se a Cristo*^[5].

A caridade verdadeira é distinta da sociabilidade natural e vai muito para além dos laços de sangue e de camaradagem entre amigos de diversão ou de jogo; também se distingue da compaixão que podemos sentir pela solidão e miséria alheias. A sua medida é o amor que Cristo expressou no “mandamento novo”, o amor divino, *um carinho como o que tive e continuo a manter vivo*, porque nasce do próprio interior da Vida da Trindade. Um amor que não se detém nos defeitos físicos ou de carácter, um desejo de

estar com os filhos dos homens que não foi travado nem pelo pecado, nem pelo repúdio, nem pela Cruz. A virtude da caridade é o próprio Amor que Deus põe no coração do cristão para assumir e elevar sobrenaturalmente os amores humanos, os nossos desejos e aspirações.

Quem não ama não conhece a Deus, porque Deus é amor^[6]. Parafraseando São João, poderíamos acrescentar que quem não ama também não conhece o seu próximo, porque não é capaz de reconhecer a imagem de Deus nos outros. A falta de caridade embota tanto a inteligência e as outras potências que torna a pessoa insensível aos pedidos do Senhor e impede-a de dar o agradecimento devido ao próximo. Mas o que é ainda mais grave, impossibilita de que o Senhor reconheça a pessoa na qualidade de Seu filho: é como se impedisse a Deus de tocar a alma de quem se fechou completamente à graça.

A IMPORTÂNCIA DE CADA PESSOA

A caridade adquire o seu pleno sentido quando nos colocamos ao serviço dos outros; quando aceitamos que a vocação cristã consiste em ser um dom para os outros, de modo que muitos encontrem a Cristo.

Foi o exemplo que o próprio Jesus nos deixou e de que nos falam as testemunhas da Sua passagem pela terra: alegra-se com as alegrias dos seus amigos^[7] e sofre diante da sua dor^[8]. Teve sempre tempo para se deter com os outros: sobrepôs-Se ao cansaço para falar com a samaritana^[9]; deteve-Se com a hemorroísa, quando O esperavam na casa de Jairo^[10]; e na dor da Cruz, entabula um diálogo com o bom ladrão que lhe abre as portas do Céu^[11]. Além disso, o Seu carinho foi um carinho concreto: vemo-lo preocupado com o alimento dos que O rodeiam e a pôr os meios para satisfazer essa necessidade material^[12]; interessa-Se pelo descanso dos discípulos e leva-os a um lugar afastado para gozarem da Sua companhia^[13]. Os exemplos poderiam multiplicar-se, mas no fundo todos nos indicam a categoria que Deus atribui a cada pessoa.

Nisto se manifesta a amizade: pôr em primeiro lugar os outros e dedicar-lhes tempo, ou seja, trato pessoal. Foi essa a chave que nos deu S. Josemaria para mostrar Cristo e Jesus ensinou-no-lo com a Sua vida: teve

sempre tempo para se dedicar a cada um, para se deter com todos. A caridade conquista o seu verdadeiro sentido quando a vida do outro se converte em prioridade da minha vida. As pessoas que se aproximam de um cristão autêntico hão-de descobrir o amor pessoal de Deus, ao sentir como são tratadas, como se lhes dá valor, como se lhes dá ouvidos, como se têm em conta as suas virtudes, como se lhes faz participar desta aventura sobrenatural.

Como ajudar as almas nessa direcção espiritual que, talvez sem esse nome, se dá no apostolado? ***Repara: se se tratam mal os instrumentos mais fortes e eficazes, ficam rombos, desgastam-se e inutilizam-se***^[14]. Expressado de uma forma positiva, trata-se de fazer ver a cada pessoa os talentos que recebeu de Deus e alguns modos de os pôr ao serviço daqueles que o rodeiam; estimula-se a sua iniciativa, como fez Jesus com os apóstolos formando-os um a um, procurando que todos dêem o melhor de si; interessamo-nos pela sua situação, pelos seus imperativos familiares ou laborais, colocando-nos no seu lugar; partilhamos os projectos, os desafios da sociedade de hoje, a missão da Igreja e da Obra num mundo que clama por sal e luz, ainda que o não saiba.

E tudo isso, temperado com o sal da caridade. **A caridade é paciente, é bondosa; a caridade não é invejosa, não é arrogante, não se ensoberbece, não é ambiciosa, não busca os seus próprios interesses, não se irrita, não guarda ressentimento pelo mal sofrido, não se alegra com a injustiça, mas regozija-se com a verdade; tudo desculpa, tudo crê, tudo espera, tudo suporta**^[15]. A caridade está disposta a procurar o bem de todos, por isso requer um coração grande, generoso, que aprenda a superar os defeitos próprios e os alheios, as zangas, o mau humor, as respostas desagradáveis. É paciente, com fortaleza de espírito: sabe esperar, não humilha, suporta qualquer coisa por amor. Não murmura nem se alegra com a dor ou com as contrariedades dos outros, não procura sobressair. Tem sempre à mão uma palavra amável de compreensão e de serenidade.

O VALOR DA AMIZADE

S. Josemaria deu um exemplo de como ser amigos dos nossos amigos. O amigo, como os clássicos disseram, é como outro eu. Alguém que nos

ajuda a tornar a vida mais agradável, que nos acompanha nos apuros e partilha alegrias e penas. É alguém em quem confiamos, porque nos podemos fiar dele. Costumava dizer que necessitamos ***de apoiar-nos uns nos outros, para percorrer o caminho da vida, converter em realidade os nossos anseios, superar as dificuldades, gozar do produto dos nossos afãs.***

A amizade é algo que se comunica, que se nota, que quase se pode palpar: sente-se que estamos em sintonia com o amigo, que há afinidade, que estamos bem. Para um cristão, a amizade é assumida e elevada pela graça; consiste, no fim de contas, em comunicar aos outros a vida de Cristo. A amizade transforma-se assim num verdadeiro presente de Deus, inseparável da caridade.

Cada um deve aprofundar no valor que atribui à amizade, para sair do círculo limitado de pessoas com quem convive. O cristão há-de fomentar um sã espírito de diálogo com todo o tipo de pessoas, evitando que as opiniões próprias o conduzam a discriminações injustas, ou que o seu modo de ser ou de dizer se torne odioso para os que pensam de modo diferente. Para o conseguir, é importante ouvir as razões do outro, interiorizar os seus argumentos; de outro modo não haveria verdadeiro diálogo, porque notariam que não nos interessa o que dizem: é preciso também saber olhar do seu ponto de vista.

Isto não significa transigir em questões que não nos pertencem, pois são de Deus, ou que – com medo de contristar – se ocultem ou tergiversem os ensinamentos de Jesus. Uma atitude assim implicaria enganar aqueles que amamos, ou fechar-lhes o caminho à única verdade que pode satisfazer plenamente os seus corações e aplacar as suas inquietações. Melhor, a caridade de Cristo robustece as próprias opiniões ao mesmo tempo que tranquiliza o coração e adoça os modos de dizer. Desta forma, tornamos mais próxima a mensagem de Jesus, portadora de esperança e salvação: ao dar um conselho, ou ao corrigir uma atitude, o carinho faz com que as nossas palavras não firam, nem pressuponham que se está a julgar o interessado; faz, de facto, que sejam compreendidas como o que são: desejo sincero de que os nossos amigos sejam felizes.

Experimenta-se, então, a profundidade daquelas palavras de Santo Inácio de Antioquia: «O cristianismo não é obra de persuasão, mas de

grandeza»^[16]. Essa grandeza é a caridade de Cristo, pois as pessoas aproximar-se-ão de Deus não tanto pelos nossos argumentos, mas sobretudo pelo que somos, com a graça de Deus.

Cada geração de cristãos deve redimir e santificar o seu tempo: para tanto, precisa de compreender e compartilhar os anseios dos homens, seus iguais, a fim de lhes dar a conhecer, com dom de línguas como corresponder à acção do Espírito Santo, à efusão permanente das riquezas do Coração divino. A nós, cristãos, compete anunciar nestes dias, ao mundo a que pertencemos e em que vivemos, a antiga e sempre nova mensagem do Evangelho^[17].

J.M. Martín y C. Cavazzoli

NOTAS

[1] Cfr. Bento XVI, *Discurso*, 17-VII-2008; *Homilia*, 19-VII-2008.

[2] Bento XVI, *Homilia*, 19-VII-2008.

[3] *Temas actuais do Cristianismo*, n. 62.

[4] *Forja*, n. 565.

[5] *Amigos de Deus*, n. 226.

[6] 1 Jo 4, 8.

[7] Cfr. *Lc* 10, 21.

[8] Cfr. *Jo* 11, 35.

[9] Cfr. *Jo* 4, 6 ss.

[10] Cfr. *Mc* 5, 30-32.

[11] Cfr. *Lc* 23, 42-43.

[12] Cfr. *Mt* 14, 15-16.

[13] Cfr. *Mc* 6, 31.

[14] *Sulco*, n. 391.

[15] 1 Co 13, 4-7.

[16] Santo Inácio de Antioquia, *Epistola ad Romanos*, 3, 3.

[17] *Cristo que passa*, n. 132.

**EM ESPÍRITO E EM VERDADE:
CRIAR A UNIDADE DE VIDA (I)**

A unidade de vida é um traço essencial do espírito do Opus Dei. Este artigo, em dois capítulos, apresenta algumas das suas manifestações.



Deus deseja adoradores «em espírito e em verdade» (*Jo 4,24*), diz Jesus à samaritana no seu diálogo junto do poço de Sicar. Toda a existência de um cristão é chamada a tornar-se adoração do Pai (*Jo 4,23*), sem que haja espaços onde a luz de Deus não chegue a entrar: esse é o culto espiritual (cf. *Rm 12,1*) e é por ele que chegamos a ser templos vivos de Deus, pedras vivas do seu templo (cf. *1 Pd 2,5*).

«Faz do teu coração um altar»,^[1] diz S. Pedro Crisólogo. Para se ser um altar, não basta dar: é necessário dar-se. Tudo na nossa vida se há-de purificar, em união profunda com a hóstia verdadeiramente agradável a Deus, o sacrifício de Cristo. Assim, pouco a pouco, cria-se a unidade de vida, preenche-se o abismo que o pecado abre entre a fé e a vida. Sem desanimarmos diante das dificuldades, descobrimos a maravilhosa realidade de que aí, onde estamos, tudo contribui para o nosso bem, se nos

refugiarmos no Amor eterno do Deus Uno e Trino, cuja presença ilumina toda a nossa vida.

«O olho é a lâmpada do corpo. Se o teu olho for são, todo o teu corpo terá luz» (Mt 6,22). Se as nossas intenções são retas, se estão encaminhadas para Deus e para os outros n'Ele, então todas as nossas ações se dirigirão para o bem, «numa unidade de vida simples e forte»,^[2] porque «tudo pode e deve levar-nos a Deus».^[3] No entanto, frequentemente podemos esquecer esta realidade. Por isso, do ponto de vista espiritual, a formação que se dá aos fiéis da Obra tende a criar em cada um a unidade de vida, que é característica essencial do espírito do Opus Dei. Essa unificação reforça cada vez mais a nossa identidade de filhos de Deus em Cristo, pela força do Espírito Santo, que vivifica tudo através da caridade e nos impulsiona para a santidade e para o apostolado nas ocupações do nosso dia.

A unidade de vida de Jesus

A unidade de vida «tem como nervo a presença de Deus, Nosso Pai»^[4] e é, pelo Espírito Santo, «participação na suprema unidade do divino e humano realizada na Encarnação do Filho de Deus».^[5] Cristo é «princípio de unidade e de paz»:^[6] Ele está sempre unido ao seu Pai e reza-Lhe para que nos santifique na verdade (cf. Jo 13,17). O seu alimento, o que Lhe dá vida, é fazer a vontade do Pai (cf. Jo 4,34). Tudo está orientado para essa missão, desde o instante da Encarnação (cf. Hb 10,5-7) até quando sobe a Jerusalém, a caminhar diante dos seus discípulos com a pressa do amor (cf. Lc 19,28). Os seus milagres avalizam as suas palavras e a multidão comenta sem rodeios: «fez tudo bem» (Mc 7,37).

S. Josemaria costumava ver nesse entusiasmo popular – «*bene omnia fecit*» – não só os milagres, que maravilham tanta gente, mas o facto de que Cristo «acabou tudo bem, terminou todas as coisas bem, não fez senão o bem».^[7] No Senhor, consagração e missão formam uma unidade perfeita. «Não é possível separar em Cristo o seu ser de Deus-Homem e a sua função de Redentor. O Verbo fez-se Carne e veio à terra *ut omnes homines salvi fiant* (1 Tm 2,4)».^[8] Por isso se aplicam a Jesus de modo eminente aquelas palavras de Isaías que Ele mesmo proclamou na sinagoga de Nazaré: «O Espírito do Senhor repousou sobre Mim, pelo que Me ungiu para anunciar a

boa nova aos pobres,...» (Lc 4,18; cf. Is 61,1). Jesus é o Deus e homem perfeito que viveu na sua vida terrena uma total unidade de vida e que «na própria revelação do mistério do Pai e do seu amor, revela o homem a si mesmo e descobre-lhe a sua vocação sublime».^[9] Ele revela a cada um a sua chamada a reconciliar-se com Deus, e a atrair com alegria para essa reconciliação o âmbito que no mundo Deus confiou a cada um (cfr. 2 Cor 5,18-19).

O divórcio entre a fé e a vida quotidiana

Embora já se tenha realizado para sempre na Pessoa do Senhor, esta reconciliação pessoal e social está ainda a caminho dessa plenitude, no caminho para Cristo. Como em tempos do Concílio Vaticano II, «o divórcio entre a fé e a vida diária de muitos deve ser considerado como um dos mais graves erros da nossa época. Já no Antigo Testamento os profetas repreendiam com veemência semelhante escândalo. E no Novo Testamento sobretudo, Jesus Cristo pessoalmente cominava graves penas contra ele»;^[10] «ninguém pode servir a dois senhores, porque ou terá aversão a um e amor ao outro, ou prestará a sua adesão ao primeiro e desprezará o segundo» (Mt 6,24).

A incoerência de vida, em que caem muitas pessoas, crentes ou não, é uma falta de harmonia e de paz que quebra o equilíbrio pessoal. Isto não deveria surpreender, porque «ignorar que o homem possui uma natureza ferida, inclinada para o mal, dá lugar a graves erros no domínio da educação, da política, da ação social e dos costumes»^[11]. A unidade de vida é decisiva para todos e de um modo peculiar para os leigos, como ensina S. João Paulo II: tudo há-de ser ocasião de união com Deus e de serviço aos outros^[12]. O trabalho profissional de um cristão é coerente com a sua fé. «Aconfessionalismo. Neutralidade. - Velhos mitos que tentam sempre remoçar. Tens-te dado ao trabalho de meditar no absurdo que é deixar de ser católico ao entrar na Universidade ou na Associação profissional, ou na sábia Assembleia, ou no Parlamento, como quem deixa o chapéu à porta?»^[13].

Essas palavras têm grande atualidade: Deus não pode deixar-se atirar para um canto por um laicismo erigido em religião sem Deus. O Papa

Francisco convida a «reconhecer a cidade – e, portanto, todos os espaços onde se desenvolve a vida da nossa gente – com um olhar contemplativo, um olhar de fé que descubra o Deus que habita nos seus lares, nas suas ruas, nas suas praças... Ele vive entre os cidadãos promovendo a caridade, a fraternidade, o desejo do bem, da verdade, da justiça. Essa presença não deve ser fabricada mas descoberta, desvelada. Deus não se oculta àqueles que o procuram com um coração sincero»^[14].

Alegrear-nos na tempestade

Os cristãos, selados pela cruz no Batismo, sempre conheceram a perseguição. «Toda a vida de Cristo estará sob o signo da perseguição. Os seus partilham-na com Ele (cf. *Jo 15,20*)»^[15]. Perante a perspectiva do desterro, S. João Crisóstomo, o grande orador do Oriente, não perdia a confiança: «São muitas as ondas que nos põem em perigo e uma grande tempestade nos ameaça; no entanto, não tememos ser submergidos porque permanecemos de pé sobre a rocha. Mesmo quando o mar se desate, não quebrará a rocha; mesmo que se levantem as ondas, nada poderão contra a barca de Jesus. Dizei-me: o que é que podemos temer? A morte? Para mim, a vida é Cristo e a morte, um lucro. O desterro? Do Senhor é a terra e quanto nela existe. A confiscação dos bens? Nada trouxemos ao mundo, de modo que nada podemos levar dele. Rio-me de tudo o que é temível neste mundo e dos seus bens. Não temo a morte nem invejo as riquezas. Não tenho desejo de viver se não for para vosso bem. Por isso, vos falo do que sucede agora exortando a vossa caridade à confiança»^[16].

As dificuldades de dispersão que o mundo apresenta não nos hão de desanimar. Contemporâneo do Crisóstomo, Santo Agostinho pregava a alegria mais do que o lamento: «Porquê, pois, hás-de pensar que qualquer tempo passado foi melhor do que os atuais? Desde o primeiro Adão até ao Adão de hoje, esta é a perspectiva humana: trabalho e suor, espinhos e cardos. Caiu sobre nós algum dilúvio? Tivemos aqueles difíceis tempos de fome e de guerras? Precisamente refere-no-lo a história para que nos abstenhamos de protestar contra Deus nos tempos atuais. Que tempos tão terríveis foram aqueles! Não nos faz tremer só o facto de os escutarmos ou os lermos? Por isso temos mais motivos para nos alegrarmos de viver neste tempo do que para nos queixarmos dele»^[17].

Ainda que haja guerras, epidemias, novas pobreza e perseguições, desde as mais toscas, por parte de fundamentalismos que se dizem religiosos, até às mais refinadas, na forma de laicismos que podem chegar a ser igualmente fundamentalistas – basta pensar nos obstáculos à objeção de consciência em vários países do Ocidente – a confiança em Deus é mais forte do que todas as dificuldades: trata-se de uma esperança que nasce do Amor, e que por isso não defrauda (cf. *Rm* 5,5). Somos chamados a glorificar a Deus no mais profundo do nosso ser, a partir do coração, onde Ele tudo unifica, a partir de uma glória divina que é o peso do Amor, uma força arrebatadora que nos permite dar razão da nossa esperança (cf. *1 Pe* 3,15): Cristo vive em nós.

Omnia in bonum

Dezasseis séculos depois do Crisóstomo e de Santo Agostinho, S. Josemaria lançava um grito cheio de otimismo: «Deveis sentir sempre no vosso coração este grito, que tenho como que esculpido na minha alma: *omnia in bonum!* Tudo é para bem. É S. Paulo que nos dá esta doutrina de serenidade, de alegria, de paz, de filiação com Deus: porque o Senhor nos ama como um Pai, e é sapientíssimo e todo-poderoso: *omnia in bonum!*(cf. *Rm* 8,28)»^[18].

D. Álvaro comentava: «Quando o Padre escreveu esta Instrução, em 1941, acabava de se sair da grande tragédia da guerra civil espanhola e tinha começado a segunda guerra mundial. A situação era verdadeiramente apocalíptica: e, na Igreja, pelo comportamento de uns e de outros, tinham-se produzido grandes ruturas, enormes feridas. Espanha, que tinha saído a sangrar e destroçada da guerra civil, encontrava-se em perigo de se ver envolvida nesse conflito muito maior e o Padre pensava na possibilidade de ficar outra vez sozinho – como na anterior guerra espanhola – com todos os seus filhos espalhados pelas diferentes frentes de guerra ou presos em cadeias»^[19].

Parte da nossa unidade de vida é amar o lugar e o tempo em que Deus nos pôs: é entusiasmante poder trabalhar e melhorar este mundo, ao mesmo tempo que temos a cabeça no Céu. Criação e redenção realizam-se dinamicamente aqui, hoje e agora, sempre que vibremos por conhecer e

compreender o nosso mundo, para o amar com um otimismo criativo, como fez S. Josemaria, que convidava também a não ter «sonhos vãos»^[20], a fugir de qualquer «mística do oxalá»^[21]. No nosso ambiente, procuramos mostrar-nos tal como somos: «Ao apresentarmo-nos como o que somos, como cidadãos correntes – carregando cada um com as suas responsabilidades pessoais: familiares, profissionais, sociais, políticas – não fingimos nada, porque este modo de proceder não é o resultado de uma tática. Pelo contrário: é naturalidade, é sinceridade, é manifestar a verdade da nossa vida e da nossa vocação. Somos pessoas da rua»^[22].

Deus quer-nos neste mundo

Atualmente assistimos a graves acontecimentos que manifestam a ação do diabo no mundo. Embora «cada época da história traga em si elementos críticos – comenta o Papa – pelo menos nos últimos quatro séculos não viram tão sacudidas as certezas fundamentais que constituem a vida dos seres humanos como na nossa época (...). É uma mudança que se refere ao próprio modo em que a humanidade leva por diante a sua existência no mundo»^[23]. Também S. Josemaria, vendo vir essa decadência, proclamava com acentos proféticos: «Ouve-se como que um colossal *non serviam* (Jer 2,20) na vida pessoal, na vida familiar, nos ambientes de trabalho e na vida pública. As três concupiscências (cf. 1 Jo2,16) são como três forças gigantescas que desencadearam um turbilhão imponente de luxúria, de petulância orgulhosa da criatura nas suas próprias forças e de afã de riquezas. Toda uma civilização cambaleia, impotente e sem recursos morais»^[24].

O amor ao mundo não nos impede de ver o que está mal, o que necessita de purificação, o que deve ser transformado. Temos que aceitar a realidade tal como é, tal como se apresenta, com as suas luzes e as suas sombras. E isto requer vibrar com as coisas, conhecer os problemas, conviver com muitas pessoas, ler, escutar. Para amar a Deus não temos nada melhor do que o mundo em que Ele mesmo nos chamou a viver, fiados na oração que o Filho eleva ao Pai: «Não peço que os tires do mundo, mas que os guardes do mal» (Jo 17,15).

Amando este mundo, que é o que nos serve, tal como é, para a nossa própria santificação e para a amizade com os outros, recorreremos a Jesus para o melhorar, para o transformar, convertendo-nos nós próprios dia após dia. Santa Maria fez crescer Jesus na vida normal de Nazaré; agora, dedicada inteiramente à sua missão de nossa Mãe, faz crescer Jesus na nossa vida normal. Ela ajuda-nos a ponderar todos os acontecimentos no nosso coração (cf. *Lc 2,51*) para descobrir a presença de Deus que nos chama cada dia. «Nós, filhos – volto a dizer-vos – somos pessoas da rua. E quando trabalhamos nas coisas temporais, fazemo-lo porque esse é o nosso sítio, esse é o lugar em que encontramos Jesus Cristo, onde a nossa vocação nos deixou»^[25]. É ali onde brilha essa luz da alma que reflete a eterna bondade do Senhor. E, com essa luz, Deus ilumina o mundo.

Guillaume Derville

NOTAS

[1] S. Pedro Crisólogo, Sermão 108: PL 52, 499-500.

[2] S. Josemaria, *Cristo que passa*, 10. Cfr. S. Tomás de Aquino, *Sup. Ev. Matt.* (Mt 6,22).

[3] *Ibidem*.

[4] *Cristo que passa*, 11.

[5] I. de Celaya, “Unidad de vida”, en *Diccionario de San Josemaria*, Monte Carmelo - Instituto Histórico San Josemaria Escrivá de Balaguer, Burgos 2013, 1222.

[6] Concílio Vaticano II, Const. dogm. *Lumen Gentium* (21-XI-1964), 9.

[7] *Cristo que passa*, 16.

[8] *Cristo que passa*, 106.

[9] Concílio Vaticano II, Const. past. *Gaudium et spes* (7-XII-1965), 22.

[10] *Ibidem*, 43.

[11] *Catecismo da Igreja Católica*, 407.

[12] Cfr. S. João Paulo II, Ex. Ap. postsinodal *Christifideles laici* (30-XIII-88), 17 y 59.

[13] S. Josemaria, *Caminho*, 353.

[14] Francisco, Ex. ap. *Evangelii gaudium* (24-XI-2013), 71.

[15] *Catecismo da Igreja Católica*, 530.

[16] S. João Crisóstomo, Homilia, 1-3: PG 52, 427-430.

[17] Santo Agostinho, Sermão Caillau-Saint Yves 2, 92: PLS 2, 441-442, cit. em *Liturgia horarum, lectio* de quarta-feira da XX semana do Tempo comum.

[18] S. Josemaria, *Instrução*, 8-XII-1941, 34.

[19] Beato Álvaro del Portillo, nota 48 a *Instrução*, 8-XII-1941, 34.

[20] S. Josemaria, *Amigos de Deus*, 8.

[21] San Josemaría, *Conversaciones*, 88. Cfr. S. Sanz, “L’ottimismo creazionale di san Josemaría”, em J. López (ed.) *San Josemaría e il pensiero teologico, Atti del Convegno Teologico*, vol. 1, Edusc, Roma 2014, 230; A. Rodríguez Luño, “San Josemaría e la teologia morale”, em *Ibidem*, 308; “Epílogo. Unidad de vida”, em E. Burkhardt – J. López, *Vida cotidiana y santidad en la enseñanza de san Josemaría: estudio de teología espiritual*, vol. 3, Rialp, Madrid 2013, 617-653.

[22] S. Josemaria, *Carta 19-III-1954*, 27.

[23] Francisco, Discurso, 22-III-2013.

[24] S. Josemaria, *Carta 14-II-1974*, 10.

[25] S. Josemaria, *Carta 19-III-1954*, 29.

**ONDE DEUS NOS QUER:
CRIAR A UNIDADE DE VIDA (II)**

Segunda parte do artigo sobre a unidade de vida. O autor faz uma reflexão sobre a necessidade de aceitar o lugar em que Deus nos colocou e aí procurar a Sua presença.



«É Deus que produz em vós o querer e o agir, segundo a Sua vontade», escreve S. Paulo aos Filipenses (*Fil* 2,13). É o Senhor que unifica a nossa vida: vimos d’Ele e vamos para Ele e, de facto, acompanha-nos muito de perto na nossa peregrinação terrestre, no nosso caminhar *per agrum*, através do grande campo do mundo (cf. *Mt* 13,38). Jesus Cristo é «*via, veritas et vita*: caminho, verdade e vida» (*Jo* 14,6). Verdade e vida, comenta Santo Agostinho, porque é Deus e caminho, porque é homem^[1]. Esta realidade enche-nos de paz. Na nossa vida, o caminho, alguma vez plano, outras vezes mais acidentado e árduo, não está tão longe da meta, porque a própria meta está já presente *in spe*, na esperança, a cada passo. «Ele próprio, escreve S. Tomás, é ao mesmo tempo o caminho e o seu termo. É o caminho segundo a sua humanidade, o termo segundo a sua divindade»^[2].

Com a Encarnação, o Verbo de Deus «retoma a travessia do deserto humano passando pela morte para chegar à ressurreição, levando consigo toda a humanidade para Deus. Agora, Jesus já não está encerrado num espaço e tempo determinados, antes o seu Espírito, o Espírito Santo, brota d’Ele e entra nos nossos corações, unindo-nos assim ao próprio Jesus e, com Ele, ao Pai, ao Deus uno e trino»^[3]. A unidade de vida consiste nesta elevação do humano à ordem sobrenatural; é uma encarnação do divino no humano. Por isso, «se aceitamos a nossa responsabilidade de seus filhos, Deus quer-nos muito humanos. Que a cabeça toque o Céu, mas que os pés pisem a terra com firmeza. O preço de viver como cristão não é deixar de ser homens ou abdicar do esforço por adquirir essas virtudes que alguns têm, mesmo sem conhecer Cristo. O preço de cada cristão é o Sangue redentor de Nosso Senhor, que nos quer – insisto – muito humanos e muito divinos, com o empenho diário de O imitar a Ele, que é *perfectus Deus, perfectus homo*»^[4].

«Se conhecesses o dom de Deus e Quem é que te diz: “Dá-Me de beber”, certamente Lhe pedirias e Ele te daria de uma água viva» (Jo 4,10). O Senhor mostra à mulher samaritana, na sede, a sua humanidade; e na Sua promessa de água viva, a Sua divindade. «Senhor, dá-me dessa água, para que não tenha sede», responde a mulher, que começa a entrever que quem fala com ela não é um galileu mais. A samaritana passa da suficiência de quem pensa poder construir a sua vida sozinha, a pedir, balbuciando, o dom de Deus. Só Ele pode saciar a sede do nosso coração: é impossível alcançar Deus sem Deus, se o Espírito não atua para que Cristo viva em nós.

Estar onde Deus nos quer

«Todo o panorama da nossa vocação cristã, essa unidade de vida que tem como nervo a presença de Deus, Nosso Pai, pode e deve ser uma realidade diária»^[5]. Esta convicção levava S. Josemaria, já nos primeiros anos da Obra, a «trazer muitas vezes à baila a presença de Deus, em conversas particulares, nas palestras comuns, e sempre»^[6]; também na sua correspondência: «Para a frente, pois; sobretudo, na presença de Deus. É muito bom que te habitues a referir a Ele todas as coisas e a dar-Lhe graças por tudo»^[7].

Juntamente com a presença de Deus, convicção profunda de que «Deus está junto de nós continuamente»^[8], para cumprir o nosso dever na vida corrente, é precisa a humildade de estar onde Deus nos colocou. Estar no nosso lugar, passar oculto talvez, sermos nós próprios nas tarefas que os outros esperam de nós. A continuidade, a perseverança, a obediência, esculpem em nós um caráter rijo e maduro. A partir da experiência da chamada divina a fundar a Obra *apesar dele*, S. Josemaria insistia na humildade que consiste em querer servir, sem outra ambição senão a de secundar a graça divina. Por contraste, descrevia um aspeto pitoresco do desejo de mudar sempre de lugar que se verificava em certos ambientes eclesiais, bem diferente da autêntica entrega da vida religiosa, que é tão necessária na vida da Igreja:

«É tal o meu horror a tudo o que suponha ambição humana, ainda que irrepreensível, que se Deus na sua misericórdia se quis servir de mim, que sou um pecador, para a fundação da Obra, foi apesar de mim. Sabeis que aversão tive sempre a esse empenho de alguns – quando não é baseado em razões muito sobrenaturais, que a Igreja julga – em fazer novas fundações. Parecia-me – e continua a parecer-me – que havia fundações e fundadores a mais; via o perigo de uma espécie de psicose de fundação, que levava a criar coisas desnecessárias por motivos que considerava ridículos. Pensava, talvez com falta de caridade, que nalguma ocasião o motivo era o menos importante: o essencial era criar algo novo e chamar-se fundador»^[9].

Coerência na vida de cada dia

A vocação dá um horizonte e ao mesmo tempo marca um caminho seguro, que se constrói ao longo da vida, dia após dia. Ao começar, não sabíamos o que o Senhor nos pediria, mas desejamos dizer sempre que sim, fazendo atual a entrega do primeiro dia, quando demos tudo por amor e para sempre, pois «os dons e a vocação de Deus são irrevogáveis» (Ro 11,29). A vocação, semente que Deus pôs nos nossos corações, há de crescer para dar luz e calor a muitas almas, e chegar a ser uma árvore frondosa; esta é uma realidade que abraça todo o nosso ser e toda a nossa vida e unifica-a: dá sentido, segurança, harmonia.

A unidade de vida desfruta-se no lugar onde Deus nos colocou, com as pessoas que temos à volta, sem sonhar com atividades que, talvez, desdissem do que somos e devemos ser. S. Paulo convida os Tessalonicenses a trabalhar e a ganharem o seu sustento e a que se ajudem a comportar-se desse modo (cf. *2 Tes* 3,6-15). Esta coerência de vida faz com que, porque reza e porque aprofunda nos ensinamentos da Igreja, cada um cumpra os seus compromissos: desde assistir a uma reunião ainda que se tenha apresentado depois outro plano aparentemente melhor, até pagar o bilhete do transporte público mesmo que não haja revisor, passando por cumprir com as obrigações fiscais.

Viver assim é lutar para pôr em prática a exortação do Senhor: «Que o vosso modo de falar seja: «sim, sim»; «não, não». O que passe disto vem do Maligno» (*Mt* 5,37). Cristo indica um modo de falar: um estilo de vida cristão que se atualiza mediante a presença de Deus, uma «atenção respeitadora da Sua presença, reconhecida ou menosprezada em cada uma das nossas afirmações»^[10], que se concretiza em não mentir nunca, mesmo que num dado momento isso nos pudesse tirar de algum apuro; comportar-nos com dignidade, mesmo que ninguém nos veja; não dar rédea solta à ira quando vamos a conduzir ou estamos a jogar futebol, como quem considera normal transformar-se assim nessas circunstâncias. Como ensina o Concílio Vaticano II, enfim, os batizados têm que «cumprir fielmente os seus deveres temporais, guiados pelo Espírito do Evangelho. [...] Pela sua própria fé estão mais obrigados a cumpri-los, cada um segundo a vocação a que foi chamado»^[11].

Ser apóstolos

Acabamos de viver um ano da misericórdia, pela mão do Papa. Na misericórdia manifesta-se não só a onipotência de Deus, mas também a nossa fé n'Ele. Só a partir da misericórdia se constrói «a harmonia entre a fé e a vida»^[12], como ensina S. Tiago ao longo da sua epístola: «Se um irmão ou uma irmã estão nus e carecem do sustento quotidiano, e algum de vós lhes diz: “Ide em paz, aquecei-vos e saciai-vos”, mas não lhe dais o necessário para o corpo, de que serve? Assim também a fé, se não vai acompanhada de obras, está realmente morta» (*Tg* 2,15-17).

«Todos os dias, filhos queridíssimos, devem presenciar o nosso afã por cumprir a missão divina que, pela Sua misericórdia, o Senhor nos encomendou. O coração do Senhor é coração de misericórdia, que se compadece dos homens e se aproxima deles. A nossa entrega, ao serviço das almas, é uma manifestação dessa misericórdia do Senhor, não só para conosco, mas para com toda a humanidade. Porque nos chamou a santificar-nos na vida corrente, diária e a que a mostremos aos outros – *providentes, non coacte, sed spontanee secundum Deum (1 Pe 5,2)*, prudentemente, sem coação; espontaneamente, segundo a vontade de Deus – o caminho para cada um se santificar no seu estado, no meio do mundo»^[13].

A misericórdia leva a desejar o melhor para os outros e, por isso, a reforçar a formação humana e cristã de todos, de modo que, dentro do possível, evitem meter-se por caminhos que arruinem a vida das pessoas, como a dependência da droga, o divórcio, o aborto, a eutanásia. De resto, o otimismo sobrenatural leva-nos a valorizar o bem que há em cada alma, mais do que a deter-nos nos defeitos. «A mim não me agrada falar de gente má e de gente boa; não divido os homens em bons e maus»^[14]. Esse olhar nasce do amor que o Espírito Santo põe nas nossas almas. Comentando o *Mandatum novum*, o nosso Padre dizia-nos: «Vós, meus filhos, ponde-o sempre em prática, ultrapassando com alegria os defeitos das pessoas que tendes ao vosso lado. Não vos comporteis como o escaravelho, que forma entre as patas e depois coloca em cima de si uma bola de imundície. Sede como a abelha, que vai de flor em flor e procura o que é bom que se encontra escondido em cada uma, para o converter em mel doce, em manjar saboroso, que nos vossos irmãos se manifeste como o aroma da santidade. Amai-vos, numa palavra, amai-vos muito!»^[15].

Os cristãos têm consciência de ter *uma* missão: transformar o mundo para glória de Deus. «É o momento de dar lugar à fantasia da misericórdia para dar vida a tantas iniciativas novas, fruto da graça. A Igreja necessita de anunciar hoje esses “muitos outros sinais” que Jesus realizou e que “não estão escritos” (*Jo 20,30*), de modo que sejam expressão eloquente da fecundidade do amor de Cristo e da comunidade que vive d’Ele»^[16]. Este horizonte apostólico que nos une não é extrínseco a nós: o nosso Padre «habitualmente falava não tanto de *fazer apostolado*, quanto de *ser*

apóstolos»^[17], e acrescentava que o apostolado é «uma orientação permanente da alma (...), uma disposição do espírito que tende, pela sua própria natureza, a impregnar toda a vida»^[18]. O apostolado verdadeiro não se reduz a umas tarefas determinadas, nem reduz as pessoas a objetivos: é o Amor de Deus que se expande através da nossa vida, com a consciência de que é cada um que deverá levar para afrente a sua vocação e mostrar as suas potencialidades, com a sua entrega livre e alegre.

A formação plenamente cristã

Na Obra dá-se a formação a partir de uma visão unitária da mensagem cristã; dessa forma facilita-se conseguir a autêntica unidade de vida em Cristo, acolhendo com alegria a graça de Deus. O *Catecismo da Igreja Católica* é uma boa fonte de referência desta visão unitária: nele, as «quatro partes articulam-se entre si: o mistério cristão é o objeto da fé (primeira parte); é celebrado e comunicado mediante ações litúrgicas (segunda parte); está presente para iluminar e apoiar os filhos de Deus no seu agir (terceira parte); é o fundamento da nossa oração, cuja expressão principal é o “Pai Nosso”, que expressa o objeto da nossa súplica, do nosso louvor e da nossa intercessão (quarta parte)»^[19]. Doutrina, vida litúrgica, vida espiritual e vida moral são inseparáveis. Jesus Cristo é «*via, veritas et vita*» (Jo 14,6); por isso a verdade não só ilumina mas estimula, guia e impulsiona, é alimento (cfr. Sal 23) e é doutrina de salvação.

Deus escolheu S. Josemaria para que fundasse o Opus Dei no seio da Igreja^[20], e aí o encarnou com a sua vida. O espírito da Obra, que é de Deus, cresce agora no seu Povo através das suas filhas e dos seus filhos. Por isso, a formação desenvolve-se nesse quadro unitário: Sagrada Escritura, Tradição apostólica (os Padres), Magistério eclesiástico (especialmente o *Catecismo da Igreja Católica* e o magistério do Papa), liturgia (sacramentos), oração; vida dos santos. Com o conhecimento meditado da vida e dos ensinamentos de S. Josemaria, a formação que recebem as pessoas da Obra leva-as a relacionar as diversas dimensões da sua fé e da sua vocação, a compreender e a apresentar o espírito do Opus Dei a partir da Escritura, da Tradição, do Magistério. Transmite-se assim uma mensagem incisiva de modo equilibrado, que se desenvolve no próprio

humus, a mesma terra fecunda em que S. Josemaria viu e compreendeu a Obra.

A formação é aberta porque surge da oração e da vida real, que é composta de lutas, acompanhadas pela graça de Deus, numa grande variedade de incidências e situações. O Decálogo «unifica a vida teologal e a vida social do homem»^[21], e assim, por exemplo, «a pessoa casta mantém a integridade das forças de vida e de amor nela depositadas. Esta integridade assegura a unidade da pessoa; opõe-se a todo o comportamento que a lesionasse. Não tolera nem a vida dupla, nem a dupla linguagem (cfr. Mt 5,37)»^[22]. E o mesmo é válido para as demais virtudes que conformam a existência cristã. Toda a vida da nossa Mãe, a Virgem esteve selada por essa unidade de vida; por isso, ao pé da Cruz, repete o *fiat* da Anunciação.

A Obra nasceu e estende-se para servir a Igreja e para contribuir na sua edificação: queremos tornar presente Cristo entre os homens. Tudo se reconduz a Jesus: na nossa tarefa de evangelização que «é de Cristo de quem temos que falar e não de nós mesmos»^[23]. Assim levamos as pessoas para Cristo, apoiados pelo nosso plano de vida, presença amorosa do Deus Uno e Trino. «Aquele que permanece em Mim e eu nele, esse dá muito fruto, porque sem Mim nada podeis fazer» (Jo 15,5).

Guillaume Derville

NOTAS

[1] Cf. Santo Agostinho, *Sermo* 341, 1, 1: PL 39, 1493.

[2] São Tomás de Aquino, *Comentário sobre o evangelho de S. João* (Cap. 14, lec. 21), em *Liturgia horarum, Lectio* do sábado da IX semana do tempo comum.

[3] Bento XVI, Discurso, 21-III-2009.

[4] S. Josemaria, *Amigos de Deus*, 75.

[5] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 11.

[6] S. Josemaria, *Apontamentos íntimos*, 1160 (16-III-1934), *ibidem*, 478.

[7] S. Josemaria, Carta a Luis de Azúa (5-VIII-1931), citada em J.L. González Gullón, *DYA. La Academia y Residencia en la historia del Opus Dei (1933-1939)*, Rialp, Madrid 2016, 242.

- [8] S. Josemaria, *Caminho*, 267
- [9] S. Josemaria, *Carta 9-I-1932*, 84 (cf. A. Vázquez de Prada, *Josemaria Escrivá*, vol. I, Verbo, Lisboa, 2002, p. 291-292)
- [10] *Catecismo da Igreja Católica*, 2153.
- [11] Concílio Vaticano II, *Gaudium et spes*, 43.
- [12] S. João Paulo II, Enc. *Veritatis splendor* (6-VIII-1993), 26.
- [13] S. Josemaria, *Carta 24-III-1930*, 1 (citado parcialmente em A. Vázquez de Prada, *Josemaria Escrivá*, vol I, Verbo, Lisboa 2002, p.275 e P. Berglar, *Opus Dei. Vida y obra del Fundador Josemaria Escrivá de Balaguer*, Rialp, 2ª ed., Madrid 1987, 96).
- [14] S. Josemaria, *Instrução*, 8-XII-1941, 35.
- [15] S. Josemaria, *Mientras nos hablaba en camino*, 320 (AGP, biblioteca, P18).
- [16] Francisco, Carta apostólica *Misera et Misericordia* (20-XI-2016), 18.
- [17] “Trabajo, santificación del”, em *Diccionario de San Josemaria*, Monte Carmelo - Instituto Histórico San Josemaria Escrivá de Balaguer, Burgos 2013, 1206.
- [18] *Ibidem*, 1207.
- [19] S. João Paulo II, Constituição Apostólica *Fidei Depositum* pela qual se promulga o Catecismo da Igreja Católica, 11-XII-1992.
- [20] Cf. Colecta da Missa de S. Josemaria.
- [21] *Catecismo da Igreja Católica*, 2069.
- [22] *Catecismo da Igreja Católica*, 2338.
- [23] S. Josemaria, *Cristo que passa*, 163.

PAIXÃO PELA VERDADE

O mundo necessita de “testemunhas apaixonadas e coerentes da verdade”. Numa época em que o relativismo tem convencido muitas pessoas que é impossível conhecer a verdade, a paixão por buscá-la e transmiti-la converteu-se numa tarefa alegre para os cristãos.



«Amou a verdade de maneira desinteressada. Procurou-a onde se pudesse manifestar, destacando ao máximo a sua universalidade. O Magistério da Igreja viu e apreciou nele a paixão pela verdade; o seu pensamento, ao manter-se sempre no horizonte da verdade universal, objetiva e transcendente, alcançou quotas que a inteligência humana jamais poderia ter pensado»^[1].

Estas palavras de João Paulo II referem-se a São Tomás de Aquino, e constituem um elogio significativo a um grande santo, ao mesmo tempo que mostram quanto a Igreja valoriza o dom da inteligência.

Segundo S. João Paulo II – usando uma expressão do B. Paulo VI –, «com razão se pode chamar ao Aquinate “o Apóstolo da Verdade”. Precisamente porque a busca sem reservas, soube reconhecer no seu

realismo a objetividade da verdade. A sua filosofia é verdadeiramente a filosofia do ser, e não do simples parecer»^[2].

Louvar a finura filosófica e teológica de um santo também supõe enaltecer uma determinada atitude perante a verdade: o amor, a paixão, a sua busca, abertura e reconhecimento.

Parte da missão da Igreja consiste em acender e expandir, no ânimo dos cristãos e de todos os homens, o impulso e a tensão para a verdade. Este foi um objetivo constante do magistério de S. João Paulo II – exemplos claros são as Encíclicas *Fides et Ratio* e *Veritatis Splendor* – e também é a atitude de Bento XVI, uma vez que, desde os primeiros dias do seu pontificado, animou todos os homens a não se deixarem levar pela mentalidade relativista, que não é senão um modo de renunciar à busca das verdades que dão sentido à vida, com a conseqüente restrição do horizonte vital.

O relativismo – que o Papa Bento XVI identificou, há alguns anos, como «o problema central da fé cristã»^[3] – é uma atitude perante a vida, que facilmente se entranha na cultura, impregnando as relações sociais entre os homens. Não é tanto um sistema filosófico ou um organismo doutrinal, mas um estilo de pensar em que se evita falar de verdadeiro e falso, pois não se reconhece uma instância de validade objetiva aos juízos que façam referência a realidades que transcendem o que cada um pode ver e tocar: Deus, a alma e inclusivamente a mais íntima meta do amor.

Além disso, esta atitude comporta um modo de agir que manifesta uma perplexidade de fundo perante a realidade: como não posso conhecer nada de forma definitiva, também não posso tomar decisões que levem consigo uma entrega indiscutível e para sempre. Tudo pode mudar, tudo é provisório.

Segundo esta posição, aquilo que podemos conhecer e afirmar sobre as realidades divinas e o que se refere ao sentido da vida e do mundo é, no fundo, tão imperfeito e tão relativo que as nossas palavras não têm qualquer conteúdo de verdade.

Nesta perspetiva, qualquer tentativa de escapar ao método de cálculo e controlo das ciências experimentais – única fonte autorizada de saber –

resulta ilusório ou é simplesmente declarado como um regresso ao conhecimento pré-científico ou como uma revitalização de antigas mitologias.

VERDADE E LIBERDADE

O relativismo procura, assim, impor uma atitude existencial: se não posso chegar a nenhuma conclusão certa, ao menos tratemos de estabelecer um caminho – um *método* – que me permita alcançar a maior *quantidade* de felicidade possível neste nosso *pobre* mundo. Uma felicidade que, em virtude da própria dinâmica dos factos – contingentes e finitos –, será fragmentária e limitada.

Neste contexto, é lógico que o mais importante é evadir o problema da verdade: na cultura atual qualquer opinião é aceite, desde que não se apresente com pretensões de universalidade, como uma explicação – tendencialmente – completa sobre Deus e o mundo.

Assim, as verdades religiosas ficam à mercê da preferência do momento ou do gosto, reduzidas a questões opináveis – talvez privilegiadas para alguns, dentro do supermercado de crenças e de pressupostos que se cozinham e se servem no oceano do *sobrenatural* – e carentes de racionalidade, precisamente porque não podem ser validadas segundo os critérios da ciência experimental.

Deste modo, o relativismo converte-se na justificação vital, não teórica, para conduzir uma existência *vivível* num mundo privado de consistência. Qual é a melhor garantia para que todos os homens possam manter uma convivência pacífica senão um mundo sem verdade?

Em muitas das nossas sociedades, uma ideia débil de razão tem-se levantado como pressuposto necessário da democracia e da convivência: numa sociedade multi-cultural, multi-étnica e multi-religiosa defender a existência de verdades leva ao conflito e à violência, pois quem estiver convencido de tais verdades será suspeito de querer impor – de modo fundamentalista, dizem – algo que não passa de mera opinião.

Curiosamente, porém, ocorre o contrário. A falta de sensibilidade para a verdade, para a busca de respostas sobre a realidade das coisas e para o sentido da própria vida, leva consigo a deformação – quando não a corrupção – da ideia e da experiência da liberdade.

Não surpreende observar que a consolidação social e legal dos modos de vida congruentes com o relativismo sempre se fundamente num pressuposto “direito de conquista” por parte da liberdade.

Certamente, a liberdade política foi uma das grandes conquistas da Idade Moderna. E, no entanto, a liberdade no homem não é um absoluto. Pelo contrário, encontra-se ligada, em primeiro lugar, à natureza humana.

Se for desconectada da razão e da totalidade do homem, de modo que seja concebida como um “poder desejar tudo” e “poder pôr em prática tudo o que se deseja”, tem-se, no final das contas, que «o desejo próprio é a única norma das nossas ações»^[4].

Todos percebemos que não nos movemos simplesmente *pelos nossos desejos*. A própria realidade é orientadora e sugere-nos motivos de atuação. Ninguém compra um frasco de geleia só por causa do design do recipiente. Uma boa dona de casa pergunta, informa-se, lê as características indicadas no rótulo... e depois escolhe. E nessa escolha – o exemplo é banal, mas indicativo – dão-se razões: a percentagem de fruta, a sua qualidade, a procedência, se se trata de agricultura “biológica”, se tem açúcar ou não, etc. A liberdade não é uma potência *sem restrições*, tem os seus limites: está ligada ao bem integral do homem, isto é, à sua verdade.

Na verdade, parece que, sob a acusação de fundamentalismo que é feita a muitos cristãos que querem ser coerentes com a sua fé, dissimula-se o autêntico fundamentalismo: o da debilidade das convicções, muito mais perigoso por se ocultar por trás da máscara da tolerância.

Em todo caso, argumentando de forma positiva, seria preciso esclarecer que aquela acusação confunde dois planos: o das convicções pessoais acerca da verdade e o da sua realização no campo político.

Estar persuadido da verdade não implica necessariamente procurar impô-la aos outros. Portanto, perante a acusação de despotismo – mais ou menos implícita – dirigida àquele que defende o valor da verdade como um bem ao qual a pessoa não pode renunciar, é preciso dizer que o despotismo não é produzido pelo reconhecimento de verdades universais e absolutas, mas pela falta de respeito pela liberdade.

A estima pelas ideias contrárias e, sobretudo, pelas pessoas que as pronunciam, não nasce da debilidade das crenças pessoais, nem da disposição a pôr em dúvida qualquer convicção. O que acontece, na verdade, é o contrário: para que exista uma autêntica atitude de respeito para com todos, são necessárias algumas verdades universalmente aceites, “não negociáveis”, começando pelo reconhecimento da dignidade de cada ser humano, pressuposto para respeitar a sua liberdade.

Quanto mais fortemente convencidos estivermos daquela *verdade* – que para os cristãos nos parece tão óbvia, ao compreender que todos os homens são filhos do mesmo Pai –, maior será a possibilidade de se garantir o respeito por todos, inclusive por aqueles que não compartilham esse princípio.

De facto, se não se admitir a universalidade dos direitos humanos, nem a validade objetiva que os sustenta – a dignidade de cada pessoa –, tão pouco se poderá exigir a sua aplicação a todos os cidadãos, nem se poderá limitar, portanto, a arbitrariedade no exercício do poder, ficando a própria democracia indefesa perante os abusos que dela se fizerem.

O problema do relativismo encontra-se no âmago do próprio homem, que, por mais que deseje usufruir de uma autonomia sem vínculos nem limites, sempre desejará conhecer o sentido de sua vida, anseio que está em íntima correspondência com a pergunta sobre Deus e sobre a salvação.

O Senhor proclamou que **não só de pão vive o homem, mas de toda palavra que sai da boca de Deus**^[5]. O desejo natural de saber e a fome da palavra divina são inextinguíveis, e ninguém poderá fazê-los desaparecer da vida humana: **assim será a palavra que sai de minha boca: não voltará a mim de mãos vazias, mas fará o que Eu quero e realizará a missão que lhe confiei**^[6].

TORNAR AMÁVEL A VERDADE

A verdade é amável por si mesma. No entanto, às vezes podemos defendê-la de maneira um pouco antipática. Certo é que algumas verdades incomodam a quem as escuta, e que uma vida coerente não é um caminho fácil para ninguém. Mas isto não faz com que a verdade não tenha, por si mesma, uma força de atração, que temos de procurar não esconder.

Para mostrar o esplendor da verdade convém, em primeiro lugar, fazer o esforço por procurá-la, por conhecê-la e por contemplá-la, também com o estudo e com a formação. Se realmente se ama a verdade, é mais fácil expressá-la com dom de línguas e fazê-la visível com a vida.

Parte do serviço à verdade consiste em tentar compreender as diferentes situações, com o fim de encontrar os canais apropriados para transmitir o seu atrativo e convidar os outros a procurá-la.

Às vezes, é mais fácil empregar um tom negativo do que tentar conhecer os interlocutores para procurar o melhor modo de explicar as coisas; mas, certamente, é muito menos eficaz.

Mostrar a amabilidade da verdade é uma tarefa muito apropriada para os cristãos, porque sabemos que amor e verdade se identificam. A Encíclica *Deus caritas est* do Papa Bento XVI é uma resposta ao desafio que ele mesmo propôs nos dias prévios à sua eleição e noutros escritos anteriores, nos quais – como dissemos – caracterizou o relativismo como “o problema central para a fé”.

Se o relativismo é uma atitude que se esquia do encontro com a verdade, por medo a perder a liberdade e a felicidade, não será a caridade a que pode reconciliar verdade, liberdade e felicidade? «A verdade e o amor são idênticos. Esta proposição – compreendida em toda a sua profundidade – é a suprema garantia da tolerância; de uma relação com a verdade cuja única arma é ela mesma e que, por sê-lo, é o amor»^[7].

O Papa Bento XVI, nos pontos iniciais de sua primeira Encíclica, propõe uma questão que descreve a atitude defensiva de muitas pessoas perante a verdade, neste caso perante algumas verdades morais afirmadas

pela Igreja: «a Igreja – perguntam-se –, com os seus preceitos e proibições, por acaso não converte em amargo o que há de mais formoso na vida? Não põe, talvez, cartazes de proibição precisamente onde a alegria, predisposta em nós pelo Criador, nos oferece uma felicidade que nos faz saborear algo do divino?»^[8].

Tornar amável a verdade consiste, precisamente, em mostrar que se encontra maior felicidade vivendo na verdade do que procurando contorná-la. *Quando te lançares ao apostolado, convence-te de que se trata sempre de fazer felizes, muito felizes, as pessoas: a Verdade é inseparável da autêntica alegria*^[9].

Tornar amável a verdade é uma boa definição do apostolado, no qual se unem amor e verdade. Uma verdade crua e sem caridade tornar-se-á antipática e, inclusive, inalcançável, porque as verdades decisivas para a existência «não se conseguem só por via racional, mas também mediante o abandono confiado noutras pessoas, que podem garantir a certeza e a autenticidade da própria verdade»^[10].

Nós, os cristãos, servimos a verdade sobretudo quando a acompanhamos e a envolvemos com a caridade de Cristo, com a santidade de vida, que supõe, entre outras coisas, saber acolher todas as pessoas.

S. Josemaria amava a verdade e a liberdade, por isso ensinava que a verdade não se impõe, mas que se oferece: *Sentes-te depositário do bem e da verdade absoluta e, portanto, investido de um título pessoal ou de um direito a desarraigat o mal a todo o custo?*

– *Por esse caminho não consertarás nada: só por Amor e com amor!, recordando que o Amor te perdoou e te perdoa tanto*^[11].

O ambiente em que se aprende a amar a verdade não é um ambiente de confronto entre vencedores e vencidos. A amizade, a alegria, o afeto e a atitude de serviço convencem, movem, iluminam, preparam o espírito para romper os muros do relativismo que fecham a inteligência à consideração da verdade. «A melhor defesa de Deus e do homem consiste precisamente

no amor»^[12]. O ambiente que devolve a confiança de encontrar a verdade, e que prepara para a receber e amar, é o da coerência de vida.

Também entre pessoas que não conheceram Cristo, não faltaram testemunhas apaixonadas e coerentes da verdade. Pensemos nos testemunhos que chegaram de Sócrates, um dos grandes exploradores da verdade, que S. João Paulo II cita na Encíclica *Fides et Ratio*: as suas palavras – mas, sobretudo, a sua atitude de coerência até a morte – marcaram o pensamento filosófico desde há mais de dois mil anos^[13].

Com muito mais razão os cristãos podem testemunhar a Verdade, não só com a inteligência – cultivada com a leitura, com o estudo e com a reflexão –, mas também através das virtudes que refletem Cristo, verdade feita vida.

O ambiente da sociedade [...] precisa de uma nova forma de viver e de propagar a verdade eterna do Evangelho: nas próprias entranhas da sociedade, do mundo, os filhos de Deus não de brilhar pelas suas virtudes como lanternas na escuridão – «quase lucernae lucentes in caliginoso loco»^[14].

Cristo ensinou-nos a Verdade sobre Deus morrendo na Cruz. Os santos tornaram crível que Deus é amor, entregando a vida por amor a Deus e pelos outros. A Igreja não cessa de se empenhar nesta tarefa de iluminar o mundo e de o tirar das trevas de uma vida sem verdade e sem sentido.

Notas

[1] S. João Paulo II, Enc. *Fides et ratio*, n. 44.

[2] S. João Paulo II, Enc. *Fides et ratio*, n. 44. Cfr. B. Paulo VI, Carta apost. *Lumen Ecclesiae*, 20-XI-1974, n. 8.

[3] J. Ratzinger, *Fé – Verdade – Tolerância, O Cristianismo e as Grandes Religiões do Mundo*, UCEditora, 2006.

[4] J. Ratzinger, *Fé – Verdade – Tolerância, O Cristianismo e as Grandes Religiões do Mundo*, UCEditora, 2006.

[5] *Mt* 4, 4.

[6] *Is* 55, 11.

[7] J. Ratzinger, *Fé – Verdade – Tolerância, O Cristianismo e as Grandes Religiões do Mundo*, UCEditora, 2006.

[8] Bento XVI, Enc. *Deus caritas est*, n. 3.

[9] S. Josemaria, *Sulco*, n. 185.

[10] S. João Paulo II, Enc. *Fides et ratio*, n. 33.

[11] S. Josemaria, *Sulco*, n. 824.

[12] Bento XVI, Enc. *Deus caritas est*, n. 31.

[13] Cfr. S. João Paulo II, Enc. *Fides et ratio*, n. 26.

[14] S. Josemaria, *Sulco*, n. 318.

A PORTA DA HUMILDADE

"Vinde a mim, que sou manso e humilde de coração". Deus fez-se pequeno para nós podermos ser grandes, com a grandeza verdadeira: a humildade do coração.



A fachada da basílica da Natividade em Belém deixa ver ainda hoje os sinais da sua antiga entrada, que, com o passar do tempo, ficou reduzida a uma pequena porta, de metro e meio de altura. Com isso impedia-se que se pudesse entrar a cavalo, protegendo assim o lugar santo. As reduzidas dimensões desta porta interpelam também o visitante actual: dizem-lhe, sem palavras, que «Devemos inclinar-nos, caminhar espiritualmente por assim dizer a pé, para podermos entrar pelo portal da fé e encontrar o Deus que é diverso dos nossos preconceitos e das nossas opiniões: o Deus que Se esconde na humildade dum menino acabado de nascer»^[1].

Somos filhos e filhas de Deus

Na sua segunda encíclica, o Papa Francisco lembra-nos um dos profundos motivos da humildade. Trata-se de uma verdade simples e grande que temos o perigo de esquecer muito facilmente entre a agitação da vida

quotidiana: «Não somos Deus»^[2]. A criação é, com efeito, o ponto de partida firme do nosso ser: recebemos a nossa existência de Deus. Quando aceitamos esta verdade fundamental, deixamo-nos transformar pela graça divina. Conhecemos então a realidade, aperfeiçoamo-la e oferecemo-la a Deus. O amor ao mundo que nos transmite S. Josemaria leva-nos a querer melhorar o que amamos, lá onde nos encontramos, e de acordo com as nossas possibilidades. E no centro desta imensa tarefa encontra-se a humildade, «que nos ajuda a conhecer simultaneamente a nossa miséria e a nossa grandeza»^[3]: a miséria, que experimentamos com frequência, e a grandeza de ser, pelo baptismo, filhas e filhos de Deus em Cristo.

A humildade é «a virtude dos santos e das pessoas cheias de Deus (...): quanto mais sobem de importância, tanto mais cresce nelas a consciência de nada serem e de nada poderem fazer sem a graça de Deus (cf. *Jo 15, 8*)»^[4]. Assim são as crianças, e assim somos diante de Deus. Por isso é bom voltar ao essencial: Deus ama-me. Quando uma pessoa se sabe amada por Deus – um Amor que descobre no amor que os outros lhe mostram – pode amar a todos.

Humildade para com os outros

A humildade leva-nos a aceitar a realidade que nos é dada, e em particular as pessoas que nos são mais próximas pelas relações familiares, pelos vínculos da fé, pela própria vida. «Logo, enquanto temos tempo, façamos o bem a todos, mas principalmente aos irmãos na fé» (*Gal 6,10*). O Apóstolo ensina-nos a não nos cansarmos de exercitar uma caridade ordenada. Aos que receberam o dom do batismo, como nós, como não havemos de vê-los como irmãos, filhos do mesmo Pai de bondade e misericórdia? «A humildade leva-nos pela mão a tratar o próximo da melhor forma: compreender todos, conviver com todos, desculpar todos; não criar divisões nem barreiras; comportarmo-nos - sempre! - como instrumentos de unidade»^[5].

Quem é humilde, desenvolve uma sensibilidade para os dons de Deus, tanto na sua própria vida como na dos outros. Compreende que cada pessoa é um dom de Deus, e assim acolhe todas as pessoas sem comparações nem rivalidades. Cada pessoa é única aos olhos de Deus e contribui com coisas

que os outros não podem dar. A humildade leva-o a alegrar-se com a alegria dos outros, pelo facto de eles existirem e fazerem parte da humanidade. Quem é humilde aprende a ser mais um: um entre outros. Neste sentido, a família tem um papel primordial: a criança aprende a relacionar-se, a falar e a escutar; não é sempre o centro da atenção entre os próprios irmãos e irmãs; aprende a agradecer, porque pouco a pouco repara no que as coisas custam. Assim, com o passar do tempo, na altura de um sucesso pessoal, verifica que muitas coisas foram possíveis pela dedicação dos seus familiares e amigos, das pessoas que o cuidam, alimentando-o e dando-lhe o calor do lar. Quem sou eu, para que me digam: “perdoa-me”? A humildade de quem pede perdão, sendo talvez pessoa revestida de autoridade, é amável e contagiosa. É-o entre esposos, entre pais e filhos, entre superiores e colaboradores.

Sem por isso ser considerado ingénuo, o cristão tem boa disposição habitual para tudo o que vier do próximo, pois realmente cada pessoa vale, cada pessoa conta; cada forma de inteligência, quer seja especulativa, quer venha do coração, ilumina. A consciência da dignidade dos outros evita cair «na indiferença que humilha»^[6]. O cristão, por vocação, está virado para os outros: manifesta-se a eles sem preocupações excessivas por cair no ridículo ou ficar mal visto. Há pessoas que provocam intimidação, por serem tímidas, em vez de comunicarem luz e calor: pensam demasiado em si mesmas, no que hão-de dizer os outros, talvez por um excessivo sentido de honra, da própria imagem, que poderia encobrir orgulho ou falta de simplicidade.

Polarizar a atenção sobre si mesmo, expressar repetidamente desejos excessivamente concretos e singulares, enfatizar problemas de saúde mais ou menos comuns; ou, pelo contrário, esconder de modo exagerado uma doença que os outros poderiam conhecer para ajudar-nos melhor, com a sua oração e o seu apoio: tudo isto são atitudes que precisam provavelmente de uma purificação. A humildade manifesta-se também numa certa flexibilidade, num esforço por comunicar o que vemos ou sentimos. «Tu não podes ser mortificado se és susceptível, se só vives os teus egoísmos, se dominas os outros, se não sabes privar-te do supérfluo e, por vezes, até do necessário e, enfim, se te entristeces quando as coisas não correm como tu

tinhas previsto. Serás, pelo contrário, mortificado se souberes fazer-te tudo para todos para salvar a todos (1 Cor 9, 22)»^[7].

Ver as coisas boas e conviver

«Tocámos flauta e não bailastes; entoámos lamentações e não chorastes» (Mt 11, 17): o Senhor serve-se de uma canção ou talvez de um jogo popular, para ilustrar o facto de alguns dos seus contemporâneos não saberem reconhecê-lo. Nós estamos chamados para descobrir Cristo nos acontecimentos e nas pessoas. Corresponde-nos respeitar os modos divinos de actuar: Deus cria, liberta, resgata, perdoa, chama... «Não podemos correr o risco de nos opormos à plena liberdade do amor com que Deus entra na vida de cada pessoa»^[8].

Manifestar-se aos outros implica adaptar-se a eles; por exemplo, para participar num desporto colectivo com outros que têm menos técnica; ou esquecendo alguma preferência nossa para descansar com os outros como eles gostam. No convívio, quem é humilde gosta de ser positivo. Ao contrário, o orgulhoso tende a destacar demasiado o que é negativo. Na família, no trabalho, na sociedade, a humildade permite-nos ver os outros a partir das suas virtudes. Quem, por outro lado, tem tendência a falar frequentemente das coisas que o “põem nervoso” ou o irritam, costuma fazê-lo por falta de amplitude de horizontes, de indulgência, de abertura da mente e do coração. Talvez devesse aprender a amar os outros com os seus defeitos. Exercita-se assim uma pedagogia do amor que, pouco a pouco, cria uma dinâmica irresistível: fazemo-nos mais pequenos para que os outros cresçam. Foi assim que fez o precursor: «Convém que Ele cresça e eu diminua» (Jo 3, 30), disse o Batista. O Verbo tornou-se ainda mais pequeno: «Na tradução grega do Antigo Testamento, os Padres da Igreja encontravam uma frase do profeta Isaías – que o próprio São Paulo cita – para mostrar como os caminhos novos de Deus estavam já pré-anunciados no Antigo Testamento. Eis a frase: “O Senhor compendiou a sua Palavra, abreviou-a” (Is 10, 23; Rm 9, 28). (...) O próprio Filho é a Palavra, é o Logos: a Palavra eterna fez-Se pequena; tão pequena que cabe numa manjedoura. Fez-Se criança, para que a Palavra possa ser compreendida por nós»^[9].

Jesus Cristo esteve disponível para todos: sabia dialogar com os seus discípulos, recorrendo a parábolas, colocando-se ao seu nível – por exemplo, quando soluciona o problema do imposto a César, não hesita em considerar Pedro como seu igual (cf. *Mt 17, 27*)^[10] –, com as mulheres, santas ou mais afastadas de Deus, com os fariseus, com Pilatos. O que interessa é chegar a desprender-se do próprio feitio, para ir ao encontro dos outros. Desenvolve-se assim, por exemplo, uma certa capacidade de acomodar-se aos outros, evitando deixar-se levar por obsessões ou manias; descobrindo em cada pessoa o seu aspecto amável, o fulgor do amor divino; bastando a cada um ser mais um entre os outros, em correspondência com o que se está a celebrar na nossa casa ou no nosso país, também à luz do tempo litúrgico, que marca o ritmo da nossa vida de filhos e filhas de Deus. Quem é humilde vive atento aos que o rodeiam. Esta atitude é a base da boa educação e manifesta-se em muitos pormenores, como, por exemplo, não interromper uma conversa, um almoço ou um jantar, e menos ainda a oração mental, para atender o telefone, salvo em caso de autêntica urgência. A caridade, finalmente, nasce no ‘humus’ – terra fértil – da humildade: «A caridade é paciente, é bondosa; a caridade não é invejosa, não é arrogante, não se ensoberbece» (1 *Cor 13, 4*).

Humildade no trabalho

O Papa assinala na sua encíclica *Laudato si* que «qualquer forma de trabalho pressupõe uma concepção sobre a relação que o ser humano pode ou deve estabelecer»^[11] com o que o rodeia e com os que o rodeiam. O trabalho oferece não poucas ocasiões de crescer na humildade.

Se, por exemplo, um dirigente se mostra demasiado autoritário, pode-se encontrar uma desculpa, pensando que tem muita responsabilidade sobre os seus ombros, ou simplesmente que dormiu mal. Quando um colaborador se engana, é possível corrigi-lo sem o ferir. Entristecer-se pelo sucesso dos outros denotaria falta de humildade e também de fé: «todas as coisas são vossas (...) mas vós sois de Cristo, e Cristo é de Deus» (1 *Cor 3, 22-23*). A quem é humilde, nada lhe é alheio: se, por exemplo, se esforça por melhorar a sua formação profissional para além do interesse natural pela sua especialidade, fá-lo para servir melhor os outros. Isso pressupõe rectificar a intenção, voltar ao ponto de vista sobrenatural, não se deixar arrastar por

um ambiente superficial ou até corrompido, sem olhar, por isso, os outros por cima do ombro. Quem é humilde foge do perfeccionismo, reconhece as próprias limitações e conta que outros poderão melhorar aquilo que ele fez. Quem é humilde sabe rectificar e pedir desculpa. Quando dirige, o que lhe dá capacidade de liderança é o reconhecimento da sua autoridade, mais do que um certo poder estabelecido.

Deus chamou-nos à existência com um amor gratuito. Todavia, às vezes parece que precisamos de justificar a nossa própria vida. O desejo de distinção, de fazer as coisas de outra maneira, de chamar a atenção, a excessiva preocupação por sentir-se útil e destacar no serviço aos outros, podem ser sintomas de uma doença da alma, que convidam a pedir ajuda e a aceitá-la, sendo dóceis à graça. «Com um olhar ofuscado para o bem e outro mais penetrante para o que adula o próprio ego, a vontade tibia acumula na alma sarro e podridão de egoísmo e de soberba (...), a conversa insubstancial ou centrada em si mesmo, (...) o *non cogitare nisi de se* que se exterioriza no *non loqui nisi de se* (...), arrefece a caridade e perde-se a vibração apostólica»^[12]. Pensar muito em si mesmo, falar apenas de si mesmo... A pessoa humilde evita encaminhar as conversas para a sua história pessoal, para a sua experiência, para o que fez: evita procurar desmedidamente que reconheçam os seus méritos. Bem diferente é, por outro lado, recordar as misericórdias de Deus e integrar a própria vida no desígnio da Providência. Se uma pessoa fala do que fez, é para que o outro possa desenvolver a sua própria história. Portanto, o testemunho de um encontro pessoal com Cristo, com o recato natural da alma, pode ajudar o outro a descobrir que também Jesus o ama, o perdoa e o diviniza. Que alegria, nesse caso! «Sou amado, logo existo»^[13].

Há momentos especialmente propícios para renovar os desejos de humildade. Por exemplo, quando se é promovido ou se começa a ter um trabalho com certa visibilidade pública. Então é a altura de se tomarem decisões que mostrem um modo cristão de trabalhar: assumir essa posição como uma oportunidade que Deus nos dá para servir ainda mais; recusar qualquer vantagem pessoal desnecessária; intensificar a nossa atenção para com os mais débeis, sem cair na tentação de os esquecer, agora que nos damos com pessoas às que antes não conseguíamos aceder. Também é o momento de dar exemplo nos êxitos e honras inerentes a esse cargo ou

trabalho, de tirar importância aos aplausos que costuma receber quem manda e, por outro lado, mostrar abertura às críticas, que costumam ficar mais veladas e que têm indícios de verdade. São muitas as possíveis manifestações da simplicidade no trabalho: rir-nos de nós próprios quando nos surpreendemos, por exemplo, procurando ver se ficámos na fotografia ou se fomos citados num texto; superar a tendência para deixarmos em tudo a nossa assinatura, ou amplificar um problema quando ninguém nos pediu conselho para o resolver, como se fosse precisa a nossa opinião em todas as circunstâncias...

Aprender a render o juízo

No ambiente profissional, familiar, até recreativo, organizam-se reuniões onde se trocam pontos de vista, talvez opostos. Somos pessoas que pretendem que os outros se submetam ao nosso modo de pensar? O que devia ser, o que devia ter sido feito... A tendência excessiva para insistir no ponto de vista pessoal pode denotar rigidez mental. É evidente que ceder não é uma coisa automática, mas em todo o caso, muitas vezes, demonstra que foram captadas as diferentes situações. Aproveitar as ocasiões para render o próprio juízo é agradável aos olhos de Deus^[14]. Com frase lapidar, Bento XVI comentava numa ocasião a triste volta que deu Tertuliano nos últimos anos da sua vida: «Quando se vê apenas o próprio pensamento na sua grandeza, no final é precisamente esta grandeza que se perde»^[15].

Alguma vez teremos de ouvir pessoas mais jovens, com menos experiência, mas que talvez tenham mais dotes de inteligência ou de coração, ou tenham funções às quais assiste a graça de Deus. Certamente, ninguém gosta de passar por tolo, ou por ser pessoa sem coração, mas se nos preocupar demasiado o que os outros pensam de nós, pode significar que nos falta humildade. A vida de Jesus, o Filho de Deus, é uma lição infinita para qualquer cristão investido de uma responsabilidade que a sociedade considera elevada. As aclamações de Jerusalém não fizeram esquecer ao Rei dos Reis que outros iriam crucificá-lo e que era também o Servo sofredor (cf. *Jo* 12, 12-19).

O rei S. Luís aconselhava o seu filho que, se algum dia chegasse a ser rei, não defendesse com vivacidade a sua opinião nas reuniões do conselho

real, sem antes ouvir os outros: «os membros do teu conselho poderiam ter medo de contradizer-te, coisa que não convém desejar»^[16]. É muito salutar aprender a não opinar com superficialidade, sobretudo quando não se tem a responsabilidade última e não se conhecem os fundamentos de um assunto, para além de se carecer da graça de estado e dos dados que talvez possua quem está constituído em autoridade. Por outro lado, tão importante como a ponderação e a reflexão é a disposição para render o juízo de forma nobre e magnanimamente. Às vezes é preciso exercer a prudência de ouvir os conselheiros e mudar de parecer, e nisso se manifesta como a humildade e o senso comum engrandecem a pessoa e a tornam eficaz. A prudência no juízo é favorecida pelo trabalho em equipa: fazer equipa, juntar esforços, elaborar uma ideia e chegar a uma decisão com os outros: isso tudo é também um exercício de humildade e inteligência.

Humildade do servo inútil

Nas iniciativas pastorais, nas paróquias, nas associações de beneficência, nos projetos de ajuda aos imigrantes, as soluções aos problemas muitas vezes não são evidentes, ou simplesmente existem diferentes modos de resolvê-los. A atitude humilde leva-nos a manifestar a própria opinião, a perguntar oportunamente se algum assunto está menos claro, e a aceitar até uma orientação diferente da que temos, confiando em que a graça de Deus assiste a quem exerce a sua função com retidão de intenção e conta com a ajuda de peritos na matéria.

É pouco sabido que a Igreja católica, na sua valiosa humildade coletiva, é a instituição que dá vida a mais iniciativas de ajuda a pobres e doentes, em todo o mundo. Justamente no povo de Deus, onde convivem o humano e o divino, a humildade é especialmente necessária. Que bonito é desejar ser o envelope que se deita fora quando a carta é lida, ou a agulha que deixa a linha cosida e desaparece, após ter cumprido a sua missão! O Senhor convida-nos a dizer: «Somos servos inúteis; fizemos o que devíamos fazer» (Lc 17, 10). Assim, o sacerdote terá a humildade de «aprender a não estar na moda»^[17], não procurar estar sempre à frente, na vanguarda de tudo; a rejeitar o protagonismo de modo quase instintivo, porque costuma ir associado à mentalidade de proprietário das almas. Por sua vez, o fiel leigo, se for humilde, respeita os ministros do culto pelo que representam: não

critica o seu pároco ou os sacerdotes em geral, mas ajuda-os discretamente. Os filhos de Noé cobriram a nudez do seu pai embriagado (cf. *Gen* 9, 23). «Como os filhos bons de Noé, cobre com o manto da caridade as misérias que vires no teu pai, o Sacerdote»^[18]. S. Tomás Moro aplicava este relato até ao Romano Pontífice, por quem o povo cristão deveria ter rezado... em vez de o perseguir!^[19]

O tempo é de Deus: fé e humildade

«É unânime, a este respeito, o testemunho da Escritura: a solícitude da divina Providência é concreta e imediata, cuida de tudo, desde os mais insignificantes pormenores até aos grandes acontecimentos do mundo e da história. Os livros santos afirmam, com veemência, a soberania absoluta de Deus no decurso dos acontecimentos: “Tudo quanto Lhe aprouve, o nosso Deus fez, no céu e na terra” (*Sl* 115, 3); e de Cristo se diz: “que abre e ninguém fecha, e fecha e ninguém abre” (*Ap* 3, 7); “há muitos projectos no coração do homem, mas é a vontade do Senhor que prevalece” (*Pr* 19, 21)»^[20]. A direcção espiritual é um meio excelente para nos situar melhor nesse horizonte. O Espírito Santo atua, com paciência, e conta com o tempo: o conselho recebido deve fazer o seu caminho na alma. Deus espera a humildade de um ouvido atento à sua voz. Deste modo é possível tirar proveito pessoal das homilias ouvidas na paróquia, não só para aprender alguma coisa, mas sobretudo para melhorar. Tomar alguma nota numa palestra de formação ou num tempo de oração, para a comentar depois com quem conhece bem a nossa alma, também é reconhecer a voz do Espírito Santo.

A fé e a humildade andam de mãos dadas. No nosso peregrinar para a pátria celestial é preciso deixar-nos guiar pelo Senhor, recorrendo a Ele e ouvindo a sua Palavra^[21]. A leitura sossegada do Antigo e do Novo Testamento, com os comentários de carácter teológico-espiritual, ajuda-nos a compreender o que Deus nos diz em cada momento, convidando-nos à conversão: «Os meus planos não são os vossos planos, os vossos caminhos não são os meus caminhos – oráculo do Senhor» (*Is* 55, 8; cf. *Rom* 11, 33). A humildade da fé ajoelha-se ante Jesus Cristo presente na Eucaristia, adorando o Verbo encarnado como os pastores em Belém. Assim aconteceu com S. Teresa Benedita da Cruz, Edith Stein. Nunca se esqueceu daquela

mulher que entrou numa igreja com o seu saco das compras e se ajoelhou para fazer a sua oração pessoal, em íntima conversa com Deus^[22].

A humildade leva-nos a viver o presente aligeirado de qualquer possível futuro, porque os cristãos somos os que «esperam com amor a Sua vinda» (2 *Tim* 4, 8). Se nos zangamos perante circunstâncias menos favoráveis, precisamos de crescer em fé e em humildade. «Quando realmente te abandonares no Senhor, aprenderás a contentar-te com o que suceder, e a não perder a serenidade, se as tarefas - apesar de teres posto todo o teu empenho e empregado os meios convenientes - não saem a teu gosto... Porque terão “saído” como convém a Deus que saiam»^[23]. Assim, evita-se o descontentamento exagerado, ou a tendência para reter na memória as humilhações. Um filho de Deus perdoa os agravos, não fica ressentido, segue em frente^[24]. E se alguém pensa que foi ofendido, tenta não recordar as ofensas, não fica rancoroso: olha para Jesus, sabendo que «a mim, a quem ainda mais foi perdoado, que grande dívida de amor me fica!»^[25]. Quem é humilde diz, com S. Paulo: «esquecendo-me do que fica para trás e avançando para as coisas que estão adiante, prossigo para a meta, para alcançar o prémio da celeste vocação de Deus em Cristo Jesus» (*Fil* 3, 13-14).

Esta atitude ajuda-nos a aceitar a doença e a convertê-la num tempo fecundo: é uma missão que nos dá Deus. E faz parte dessa missão aprender a facilitar que os outros possam ajudar-nos a aliviar a nossa dor e as possíveis angústias. Permitir que nos assistam, nos curem, nos acompanhem, é a prova de que nos abandonamos nas mãos de Jesus, que se faz presente nos nossos irmãos. Temos de completar «o que falta à Paixão de Cristo pelo seu corpo, que é a Igreja» (*Col* 1, 24).

A consciência de que somos débeis levar-nos-á a deixar-nos ajudar, a ser indulgentes com os outros, a compreender a condição humana, a evitar surpresas farisaicas. A nossa debilidade abre-nos a inteligência e o coração para compreender a dos outros. Pode-se, por exemplo, salvar a intenção ou pensar que uma pessoa esteve em situações muito difíceis de gerir, embora evidentemente isso não suponha ignorar a verdade, chamando «ao mal bem e ao bem mal», e trocando «o amargo pelo doce e o doce pelo amargo» (*Is* 5, 20). Por outro lado, pode acontecer, às vezes, que a pessoa tenha

tendência para se infra valorizar. A baixa auto-estima, frequente em muitos ambientes, também não é salutar, porque não corresponde à verdade e corta as asas de quem está chamado a altos voos. Não há motivo para a desmoralização: a humildade leva-nos a aceitar o que nos é dado, com a profunda convicção de que os caminhos pelos que deseja conduzir-nos o Senhor são de misericórdia (cf. *Heb* 3, 10; *Sl* 95 [94], 10); mas leva-nos também, por isso mesmo, a sonhar com audácia: «Sentir-se barro, recomposto com grampos, é fonte contínua de alegria; significa reconhecer-se pouca coisa diante de Deus: criança, filho. E haverá maior alegria do que a daquele que, sabendo-se pobre e débil, se sabe também filho de Deus?»^[26]

Abertura à Providência

O homem e a mulher humildes estão abertos à acção da Providência sobre o seu futuro. Não procuram nem desejam controlar tudo, nem ter explicação para tudo. Respeitam o mistério da pessoa humana e confiam em Deus, mesmo que o amanhã apareça incerto. Não tentam conhecer as secretas intenções divinas, nem aquilo que supera as suas forças (cf. *Sl* 3, 21). Basta-lhes a graça de Deus, porque «a força manifesta-se na fraqueza» (2 *Cor* 12, 9). Encontramos a graça no trato com Jesus Cristo: é participação na sua vida.

A seguir a uma emocionante ação de graças a Deus Pai, Jesus convida os seus discípulos de todos os tempos a aproximar-se d'Ele, *quia mitis sum et humilis corde* (*Mt* 11, 29): o Senhor é manso e humilde de coração, e por isso encontraremos n'Ele compreensão e sossego. Aproximamo-nos de Cristo na Eucaristia, aproximamo-nos do seu Corpo ferido e ressuscitado: *in humilitate carnis assumptae*, reza o Prefácio I do Advento – vem pela primeira vez na humildade da nossa carne. Tocamos a inefável humildade de Deus. «Humildade de Jesus: em Belém, em Nazaré, no Calvário... Porém, mais humilhação e mais aniquilamento na Hóstia Santíssima; mais que no estábulo, e que em Nazaré, e que na Cruz»^[27]. Nossa Senhora acompanha-nos para que O recebamos com a humildade com que Ela recebeu o seu Filho Jesus. *Salve radix, salve porta, ex qua mundo lux es orta*^[28]: Salve raíz, salve porta, pela qual a luz nasceu para o mundo

submerso nas trevas do orgulho: Jesus Cristo, Luz de Luz^[29], revela-nos a misericórdia de Deus Pai.

Guillaume Derville

NOTAS

- [1] Papa Bento XVI, Homilia, 24-XII-2011.
- [2] Papa Francisco, Encíclica *Laudato si* (24-V-2015), 67.
- [3] S. Josemaria, *Amigos de Deus*, 94.
- [4] Papa Francisco, Discurso à Cúria Romana, 21-XII-2015.
- [5] S. Josemaria, *Amigos de Deus*, 233.
- [6] Papa Francisco, Bula *Misericordiae Vultus* (11-IV-2015), 15.
- [7] S. Josemaria, *Cristo que passa*, 9.
- [8] Papa Francisco, Carta ap. *Misericordia et misera* (30-XI-2016), 2.
- [9] Papa Bento XVI, Ex. ap. *Verbum Domini*, 12.
- [10] Cf. Guillaume de Saint-Thierry, *Exposé sur le Cantique des Cantiques*, 109, em *Sources Chrétiennes* 82, 243.
- [11] Papa Francisco, Encíclica *Laudato si* (24-V-2015), 125.
- [12] B. Álvaro del Portillo, Carta pastoral, 9-I-1980, 31 (citado em Álvaro del Portillo, *Orar. Como sal y como luz*, Barcelona: Planeta, 2013, p. 207).
- [13] Papa Francisco, Carta ap. *Misericordia et misera* (30-XI-2016), 16.
- [14] Cf. S. Josemaria, *Caminho*, 177.
- [15] Papa Bento XVI, Audiência, 30-V-2007.
- [16] S. Luís de França, *Testamento espiritual* ao seu filho, futuro Filipe III, em *Acta Sanctorum Augustii* 5 (1868), 546.
- [17] S. Josemaria, *Temas atuais do cristianismo*, 59.
- [18] S. Josemaria, *Caminho*, 75.
- [19] Cf. S. Tomás Moro, *Responsio ad Lutherum*, em *The Yale Edition of The Complete Works of St Thomas More*, vol. 5, p. 142 (CW5, 142/1-4).

[20] *Catecismo da Igreja Católica*, 303.

[21] Cf. *Sagrada Bíblia*, Tradução e notas da Faculdade de Teologia da Universidade de Navarra, comentário ao Salmo 95[94].

[22] Cf. S. Teresa Benedita da Cruz (Edith Stein), *Aus dem Leben einer jüdischen Familie. Das Leben Edith Steins: Kindheit und Jugend*, 1965 (ed. completa 1985), p. 362.

[23] S. Josemaria, *Sulco*, 860.

[24] Cf. Javier Echevarría, Carta pastoral, 4-XI-2015, 21.

[25] S. Josemaria, *Forja*, 210.

[26] S. Josemaria, *Amigos de Deus*, 108.

[27] S. Josemaria, *Caminho*, 533.

[28] Hino *Ave Regina Cælorum*.

[29] Cf. *Missal Romano*, Credo.

A HUMILDADE, FONTE DE ALEGRIA

A humildade é uma nota distintiva básica, um dos fundamentos da autêntica vida cristã, porque é a "morada da caridade". Publicamos um texto espiritual sobre esta virtude.



Ninguém jamais viu Deus^[1], afirma a Sagrada Escritura. Enquanto vivemos na terra, não possuímos um conhecimento imediato da essência divina. Entre Deus e o homem há uma distância infinita, e só Ele, adequando-se à condição do ser humano, permite transpô-la por meio da sua Revelação. Deus manifestou-se aos homens na Criação, na história de Israel, nas palavras que dirige através dos profetas e, finalmente, no seu

próprio Filho, que é a Revelação última, completa e definitiva, a própria epifania de Deus: **Quem Me viu, viu também o Pai**^[2].

Um Deus que se faz homem! É surpreendente. Um Deus que, em Cristo, vê e se deixa ver, ouve e se deixa ouvir, toca e deixa-se tocar; rebaixa-se à condição humana e serve-se dos sentidos para nos fazer entender a chamada à intimidade do seu amor, à santidade. O assombro perante a Encarnação do Verbo move-nos a contemplar com veneração as acções, os gestos e as palavras de Jesus. Quando actuamos assim, descobrimos que tudo na vida de Cristo, desde o seu nascimento até à morte na Cruz, está repleto de humildade, porque **sendo de condição divina, não reivindicou o direito de ser igual a Deus, mas aniquilou-Se a Si mesmo, tomando a forma de servo, tornando-Se semelhante aos homens; e tido pelo aspecto como homem, humilhou-Se a Si mesmo, fazendo-se obediente até à morte, e morte de cruz!**^[3].

A HUMILDADE, MORADA DA CARIDADE

A mensagem do amor de Deus chegou a nós por meio do abatimento do Filho. A humildade é uma nota distintiva básica, um dos fundamentos da autêntica vida cristã, porque é a morada da caridade. Santo Agostinho afirma: «Se me perguntais o que é mais essencial na religião e na disciplina de Jesus Cristo responderei que o primeiro é a humildade, o segundo a humildade, e o terceiro a humildade»^[4]. A humildade do Verbo encarnado, além de mostrar a profundidade do amor de Deus por nós, ensina-nos o caminho real que nos conduz à plenitude do amor.

A vida cristã consiste na identificação com Cristo. Só na medida em que nos unimos a Ele somos introduzidos na comunhão com o Deus vivo, fonte de toda caridade, e nos tornamos capazes de amar os outros homens com o mesmo amor com que Ele nos amou^[5]. Ser humilde como Cristo significa servir a todos, dando a morte ao homem velho, às tendências que o pecado original desordenou na nossa natureza. Por isso, o cristão entende que «as humilhações, aceites por amor, são suaves e doces, são uma bênção de Deus»^[6]. Quem as recebe assim, abre-se a toda a riqueza da vida sobrenatural e pode exclamar com São Paulo: **renunciei a todas as coisas e**

considero-as como esterco, para ganhar Cristo e ser encontrado n'Ele^[7].

AS CAUSAS DO DESASSOSSEGO

A soberba produz somente inquietação e insatisfação, em contraste com o profundo gozo interior que provém da humildade. A soberba orienta as coisas para o próprio eu e analisa todos os acontecimentos com uma perspectiva exclusivamente subjectiva: se as coisas agradam ou não, se trazem uma vantagem ou se exigem esforço... E não considera se se trata de algo bom em si mesmo ou para os outros. Aquele egocentrismo leva a julgar o modo de actuar ou de pensar dos outros de acordo com as próprias categorias, e a mover-se com a pretensão, mais ou menos explícita, de que os outros devem comportar-se como eu desejo. Isto explica porque é que um homem soberbo é vítima de frequentes aborrecimentos quando acha que não o consideram suficientemente, ou fica triste ao perceber os seus próprios erros ou que os outros têm melhores qualidades.

Quando alguém se deixa levar pela soberba, ainda que procure a sua própria complacência, sempre alberga um ponto de desassossego. O que lhe falta para ser feliz? Não lhe falta nada porque tem tudo. E tem tudo, porque perdeu de vista o fundamental: a sua capacidade de dar-se aos outros. O seu comportamento forjou um modo de ser que lhe dificulta encontrar a verdadeira felicidade. Assim o advertia o Fundador do Opus Dei: «Se alguma vez vos sentis incómodos e notais que a alma se enche de intranquilidade, isso pode significar que estais centrados em vós mesmos (...). Meus filhos, se estiverdes centrados em vós mesmos, não só ides por um mau caminho, como além disso perdereis a felicidade cristã nesta vida»^[8].

A soberba é sempre um eco daquela primeira rebelião com que o homem tentou suplantar Deus, perdendo, como consequência, a amizade com o Criador e a harmonia consigo mesmo. O indivíduo orgulhoso confia tanto nas suas potencialidades que chega a esquecer que a sua natureza necessita de redenção. Por isso fica desconcertado não somente perante a doença física, mas até mesmo perante a inevitável experiência dos limites, defeitos e misérias; podendo inclusivamente chegar ao desespero. Vive de tal modo apegado aos seus próprios gostos e opiniões que não consegue

apreciar nem valorizar positivamente uma visão diferente da sua. Por isso não consegue resolver os seus conflitos interiores e está sujeito a frequentes discordâncias com os outros. Esta dificuldade de submeter-se a outras vontades leva-o também a não aceitar a vontade de Deus. Convencer-se-á facilmente da impossibilidade de que Deus lhe peça aquilo que ele não deseja e pode suceder inclusivamente, que a própria consciência de ser uma criatura dependente de Deus se converta para ele num motivo de ressentimento.

A FORÇA ATRACTIVA DA HUMILDADE

Por outro lado, para a pessoa humilde, confrontar-se com a vontade de Deus é causa de alegria. Mais ainda, é o único motivo de verdadeiro júbilo. Certamente, ao pôr-se diante d'Ele, descobre a sua finitude e a sua pequenez. Mas a sua condição de criatura, longe de ser uma ocasião de tristeza ou desespero, é fonte de íntima alegria. A humildade é uma luz que leva o homem a descobrir a grandeza da sua própria identidade – como ser pessoal capaz de dialogar com o seu Criador – e a aceitar – com completa liberdade – a sua dependência d'Ele.

A alma da pessoa humilde sente uma grande plenitude interior quando percebe que o Ser absoluto é um Deus pessoal de magnificência infinita, que nos criou, nos mantém na existência, e se nos revela com um rosto humano em Jesus Cristo. Conhecer a generosidade divina e a sua condescendência para com as suas criaturas leva a pessoa humilde a desfrutar – contemplando a beleza das coisas criadas onde descobre um reflexo do amor de Deus – e a sentir-se movida a compartilhar com os outros aquele permanente deslumbramento.

As reacções do soberbo e do humilde perante o chamamento de Deus são também muito diferentes. O soberbo esconde-se numa atitude de falsa modéstia, alegando que tem poucos méritos, porque não quer renunciar ao mundo que construiu para si. A pessoa humilde, pelo contrário, não se detém a julgar se é demasiado pouca coisa para alcançar a santidade. Basta-lhe identificar o convite para entrar em comunhão com Deus para o aceitar com alegria, por muito que isto a surpreenda.

Os que lutam para ser verdadeiramente humildes – como é o caso dos santos – adquirem uma personalidade atraente. Com o seu comportamento habitual conseguem criar à sua volta um remanso de paz e de alegria, porque reconhecem o valor dos outros. Apreciam-nos de verdade e, por isso, nas suas conversas quotidianas, na vida em família ou no relacionamento com os colegas e amigos, sabem compreender e desculpar. O interesse em ajudar e conviver com todos é aquilo que os move. São capazes de reconhecer o que devem aos que os cercam, sem pretender nem reclamar direitos. Numa palavra, ao seu lado toca-se o amor de Deus que anima as suas vidas. Todos notam a sua confiança: não se sentem julgados, mas queridos.

RECOMEÇAR A APRENDER A SER HUMILDES

A causa do desassossego ou do pessimismo que às vezes nos invadem, não se encontra normalmente na pequenez humana ou no esforço que devemos realizar diante de uma determinada tarefa, mas em ver as coisas com uma perspectiva demasiadamente centrada no eu. «Por que é que nós, os homens, nos entristecemos?», perguntava São Josemaria. E respondia: «Porque a vida na terra não se desenvolve como nós pessoalmente esperávamos, porque surgem obstáculos que impedem ou dificultam que levemos a cabo o que pretendemos»^[9].

É possível experimentar uma certa sensação de tristeza perante as dificuldades pessoais ou alheias; perante os defeitos próprios observados com mais rigor do que no passado ou que se julgavam superados; perante a possibilidade de alcançar objetivos profissionais ou apostólicos perseguidos com entusiasmo e esforço durante muito tempo. Também é possível sentir a rebeldia por não querer aceitar alguns acontecimentos ou circunstâncias que nos contrariam ou nos fazem sofrer. Sempre, mas especialmente em tais momentos, é necessário – como aconselhava D. Álvaro del Portillo numa das suas cartas – renovar o propósito de recomeçar a aprender a ser humildes^[10]: «pedindo ao Senhor a humildade – a sua humildade – e recorrendo à Virgem Maria para que nos ensine e nos dê forças». Este é o sentido das palavras do Senhor: **vinde a mim todos os que estais cansados e sobrecarregados, e eu vos aliviarei. Tomai sobre vós o meu jugo, e aprendei de mim que sou manso e humilde de coração, e achareis descanso para as vossas almas. Porque o meu jugo é**

suave e a minha carga leve^[11]. Por isso a alma enamorada aprende a ser humilde, cada dia, na oração: «A oração é a humildade do homem que reconhece a sua profunda miséria e a grandeza de Deus, a Quem se dirige e adora, de maneira que tudo espera d’Ele e nada de si mesmo»^[12]. A paz só é recuperada quando uma pessoa em vez de raciocinar e reflectir apenas em si própria sobre o que lhe acontece, procura deixar de lado as preocupações e se volta para Cristo.

«Alma calma»^[13]. Estas palavras, muito apreciadas pelo Fundador do Opus Dei, sintetizam todo um programa de vida em que a alma, contando com a graça divina, enfrenta qualquer dificuldade com vigor e prudência. Quando se vive assim, cumpre-se o que São Josemaria ensinava: «Todas aquelas contradições, que tantas vezes nos fizeram sofrer, não foram a causa da perda da alegria e da paz em nenhum momento, porque pudemos experimentar como o Senhor **tira doçura –mel saboroso –das rochas áridas da dificuldade: de petra, melle saturavit eos (Sal 80, 17)**»^[14].

A nossa Mãe Santa Maria mostra-nos a necessidade de sermos humildes para vivermos perto de Deus. Ela é modelo de alegria, precisamente porque também é modelo de humildade: **A minha alma glorifica o Senhor; e o meu espírito exulta de alegria em Deus meu Salvador, porque olhou para a humildade da Sua serva**^[15].

Notas:

[1] 1 Jo 4, 12

[2] Jo 14, 9

[3] Fl 2, 6-8

[4] Santo Agostinho, Epist. 118, 22

[5] Cf. Rom 5,5

[6] São Josemaria, anotações tiradas numa meditação, 25/12/1973

[7] Fl 3, 8-9

[8] São Josemaria, anotações tiradas numa meditação, 25/12/1972

[9] São Josemaria, Amigos de Deus, n. 108

[10] D. Álvaro del Portillo, Carta 1/5/1990

[11] Mt 11, 28-30

[12] São Josemaria, Sulco n. 259

[13] São Josemaria, anotações tiradas numa tertúlia, 9/11/1972

[14] São Josemaria, Carta, 29/09/1957, n. 4

[15] Lc 1, 46-48

© *Fuentes: Documentos, octubre de 2006*

A ALEGRIA CRISTÃ

Sorrir porque Deus sorri. Sorrir porque, com os meus defeitos, sou cômico. Sorrir porque os outros necessitam do meu sorriso. Estes são os três sorrisos que devem caracterizar um cristão.



«Alegrai-vos sempre no Senhor; repito: alegrai-vos» (Flp 4, 4), exorta São Paulo aos cristãos de Filipos para lhes recordar que são «cidadãos dos céus» (3, 20) e que têm que levar «uma vida digna do Evangelho de Cristo» (1, 27), «com humildade (...) tendo em vista não os seus próprios interesses, mas sim os dos outros» (2, 3-4). O Apóstolo fala da alegria enquanto se encontra preso, e os destinatários da sua carta têm inimigos, sofrem e mantêm a mesma luta que ele (cf. 1, 28-30), e devem proteger-se dos judaizantes (cf. 3, 2-3). Portanto, para os cristãos a alegria não é o resultado de uma vida fácil e sem dificuldades, ou algo sujeito às mudanças de circunstâncias ou estados de ânimo, mas sim uma profunda e constante atitude que nasce da fé em Cristo: «Nós conhecemos e cremos no amor que Deus tem para conosco» (1Jo 4, 16). A mensagem cristã que nos foi transmitida tem como finalidade entrar em comunhão com Deus «para que a nossa alegria seja completa» (1Jo 1, 4).

Deus deseja que o homem seja feliz, criou-o para a vida eterna, iniciada na terra pela graça que alcançará a sua plenitude no céu, quando o homem estiver unido para sempre a Deus: «Se o homem pode esquecer ou rejeitar Deus, Deus é que nunca deixa de chamar todo o homem a que O procure, para que encontre a vida e a felicidade»^[1]. Por isso, o anúncio do Evangelho é um convite aos homens para entrarem na alegria da comunhão com Cristo: «A alegria do Evangelho enche o coração e a vida inteira daqueles que se encontram com Jesus. Quantos se deixam salvar por Ele são libertados do pecado, da tristeza, do vazio interior, do isolamento. Com Jesus Cristo, renasce sem cessar a alegria»^[2]. Efetivamente, os Evangelhos narram-nos muitos encontros com Cristo que são fonte de alegria: o Baptista saltou de alegria no seio de Santa Isabel ao sentir a presença do Verbo Encarnado (cf. Lc 1, 45); aos pastores anuncia-se-lhes «uma grande alegria, que o será para todo o povo: Hoje, na cidade de David, nasceu-vos um Salvador, que é o Messias Senhor» (Lc 2, 11); os Magos, ao voltarem a ver a estrela que os conduzia ao Rei dos Judeus, «sentiram imensa alegria» (Mt 2, 10); a alegria dos parálíticos, do cego, dos leprosos e de todo o tipo de doentes que foram curados por Jesus; a alegria da viúva de Naim ao ver o seu filho ressuscitado (cf. Lc 7, 14-16); a alegria de Zaqueu transborda num banquete e numa profunda conversão (cf. Lc 19, 8); a alegria do Bom Ladrão, no meio da sua atroz dor física na Cruz, ao saber que nesse mesmo dia estaria com Jesus no seu Reino (cf. Lc 23, 42-43); por fim, a alegria de Maria Madalena, dos discípulos de Emaús e dos Apóstolos perante Jesus Ressuscitado. Só o encontro do jovem rico com Jesus não levou à alegria, pois não soube usar a sua liberdade para seguir o Mestre: «ele entristeceu-se, pois era muito rico» (Lc 18, 23).

A sua natureza

A alegria é uma paixão produzida pelo encontro com aquele que se ama, um sentimento ou sensação de prazer que não é puramente sensível, mas que vai acompanhado de racionalidade. São Tomás de Aquino explica no tratado sobre as paixões na Suma Teológica que «o termo alegria só se usa para o prazer que acompanha a razão: por isso para os animais não se fala de alegria, mas sim de prazer»^[3]. A alegria é o prazer espiritual, a terceira e última etapa do movimento concupiscível, ao possuir o bem que antes tinha sido amado e desejado. Pode ser uma vivência de curta duração ou um

estado de ânimo prolongado ativo, de tom emocional positivo, que participa de racionalidade. Por isso, é possível sentir prazer sem sentir alegria e, até, sentir prazer e tristeza ao mesmo tempo. Quando no Aquinate se pergunta se a alegria é uma virtude, responde-se dizendo que ela não está entre as virtudes teologais, morais, nem intelectuais, e portanto, «não é uma virtude diferente da caridade, mas um determinado ato e efeito da mesma. Por essa razão ela considera-se entre os frutos, como se vê no Apóstolo em Gl 5, 22»^[4]. Com efeito, a alegria cristã é consequência de possuir a Deus pela fé e caridade, é o fruto de viver todas as virtudes. Num cristão que vive de fé, a alegria supera o nível do temperamento, saúde, *welfare*, êxitos profissionais e sociais, etc., para introduzir-se na maturidade de uma vida interior rica: «A alegria que deves ter não é aquela a que poderíamos chamar fisiológica, de animal sadio, mas uma outra, sobrenatural, que procede de abandonar tudo e de te abandonares a ti mesmo nos braços carinhosos do nosso Pai-Deus» (*Caminho*, n. 659).

Na mensagem de São Josemaria, a alegria constitui um elemento importante no seguimento de Cristo, e um rasgo característico do espírito do Opus Dei: «Quero que estejas sempre contente, porque a alegria é parte integrante do teu caminho» (*Caminho*, n. 665). Tanto no *Caminho* como no *Sulco* dedicou dois capítulos à alegria, de 10 e 44 pontos de meditação, respetivamente; e nos dois volumes de homilias (*Cristo que Passa* e *Amigos de Deus*) encontramos capítulos como *Lares luminosos e alegres*, *A alegria da Quinta-Feira Santa*, *Sementeira de paz e de alegria*, *A alegria cristã* (na Homilia *A Virgem Santa, causa da nossa alegria*), *Humildade e alegria*, e *Deus ama o que dá com alegria*.

O seu fundamento

A alegria é um dos frutos da ação do Espírito Santo nas almas, que consiste substancialmente, em identificar-nos com Cristo e chamar-Lhe *Abba*, Pai: «De facto, todos os que se deixam guiar pelo Espírito, esses é que são filhos de Deus» (Rm, 8, 14). Reconhecemo-nos na dependência filial de Deus é «fonte de sabedoria e de liberdade, de alegria e de confiança»^[5]. São Josemaria expressava-o com convicção: «Se nos sentimos filhos prediletos do nosso Pai dos Céus – é o que somos! –, como

é que não estamos sempre alegres? Pensa bem nisto» (*Forja*, n. 266); «Que estejam tristes os que não se consideram filhos de Deus!» (*Sulco*, n. 54).

Portanto, a alegria do cristão nasce do saber-se filho de Deus. São Josemaria usava a expressão “realidade gozosa” para salientar a profunda felicidade que traz consigo o descobrir-se filho de Deus: «A alegria é consequência necessária da filiação divina, de nos sabermos queridos com predileção pelo nosso Pai Deus que nos acolhe, nos ajuda e nos perdoa» (*Forja* n. 332). E, além disso, a alegria alimenta-se do cumprimento da vontade divina: «A aceitação rendida da Vontade de Deus traz necessariamente a alegria e a paz» (*Caminho*, n. 758). Às vezes a vontade divina pode ser dolorosa e enigmática, mas quem vive de fé percebe que é sempre o melhor, pois sabe «que tudo contribui para o bem daqueles que amam a Deus» (Rm 8, 28). São Tomás Moro experimentou isso, quando escreveu à sua filha Margarida da sua prisão na Torre de Londres: «Queridíssima filha, que nunca se perturbe a tua alma por qualquer coisa que me possa acontecer neste mundo. Nada pode acontecer senão o que Deus quiser. E tenho a certeza de que, seja o que for, por pior que seja, será realmente o melhor»^[6]. E São Josemaria fez eco disso: «Deus é meu Pai, ainda que me envie sofrimento. Ama-me com ternura, mesmo quando me bate. Jesus sofre, para cumprir a Vontade do Pai... E eu, (...) seguindo os passos do Mestre, poderei queixar-me, se encontro por companheiro de caminho o sofrimento? Constituirá um sinal certo da minha filiação, porque me trata como ao Seu Divino Filho» (*Via Sacra*, Estação I, n.1). A alegria, portanto, é compatível com circunstâncias dolorosas, dificuldades e adversidades. Como a santidade consiste na identificação com Cristo, a Cruz é inevitável na vida cristã. Além disso, São Josemaria dirá que a alegria «tem as raízes em forma de Cruz» (*Forja*, n. 28).

O seu oposto

A paixão oposta à alegria é a tristeza, causada por não se possuir o bem-amado. Se a origem da alegria é o amor – digamos que é o efeito e o ato da caridade –, a da tristeza será, portanto, o egoísmo. São Tomás salienta que a tristeza «tem a sua origem no amor desordenado de si mesmo, que não é um vício especial, mas sim a raiz comum de todos os vícios»^[7]. Não são, pois, a dor ou as dificuldades que se opõem à alegria, mas a tristeza que pode

nascer da falta de fé e esperança perante essas situações. Por isso, a tristeza é vista como uma doença da alma, que pode proceder de uma causa fisiológica (doença ou cansaço) ou de uma causa moral: o pecado cometido e a falta de correspondência à graça, que poderá conduzir à acédia ou tibieza espiritual.

São Josemaria prevenia ante a presença da tristeza, à qual considerava uma “aliada do inimigo”: «Não há alegria? – Então pensa: há um obstáculo entre Deus e eu. – Quase sempre acertarás» (*Caminho*, n. 662). Por outro lado, o que se sabe filho de Deus não pode permitir que os pecados pessoais o conduzam à tristeza, pois encontra o amor misericordioso do Pai e a “força” de conhecer e reconhecer a sua debilidade: «Quando te afligirem as tuas misérias, não fiques triste. - Glorifica-te nas tuas fraquezas com São Paulo» (*Caminho* n. 879); «A tristeza é a escória do egoísmo. Se queremos viver para Nosso Senhor, não nos faltará a alegria, mesmo que descubramos os nossos erros e as nossas misérias» (*Amigos de Deus*, n. 92).

O Papa Francisco adverte sobre um perigo que pode causar a falta de alegria: «O grande risco do mundo atual, com sua múltipla e avassaladora oferta de consumo, é uma tristeza individualista que brota do coração comodista e mesquinho, da busca desordenada de prazeres superficiais, da consciência isolada. Quando a vida interior se fecha nos próprios interesses, deixa de haver espaço para os outros, já não entram os pobres, já não se ouve a voz de Deus, já não se goza da doce alegria do seu amor, nem fervilha o entusiasmo de fazer o bem»^[8].

O seu exercício

Um dos primeiros escritos cristãos afirma que «todo o homem alegre pratica o bem, pensa o bem e despreza a tristeza. Mas o homem triste sempre pratica o mal»^[9]. Ao ser a alegria efeito da caridade, aquele que procura a proximidade de Deus e responder à chamada à santidade pratica o bem e, conseqüentemente, o seu coração transborda de paz e alegria: «Se vivermos assim, realizaremos no mundo uma obra de paz; saberemos tornar amável aos outros o serviço a Nosso Senhor, porque *Deus ama quem dá com alegria* (2Cor 9, 7). O cristão é uma pessoa igual às outras na sociedade; mas do seu coração transbordará a alegria de quem se propõe

cumprir, com a ajuda constante da graça, a Vontade do Pai» (*Amigos de Deus*, n. 93).

O Papa Francisco, no texto citado anteriormente, ao diagnosticar o perigo da tristeza individualista que pode criar uma exacerbada sociedade de consumo, aponta indiretamente o antídoto: a atenção e o serviço aos outros. A convivência na família, no trabalho e na sociedade são ocasiões contínuas para fazer o bem e semear alegria: «Dar-se sinceramente aos outros é de tal eficácia, que Deus o premeia com uma humildade cheia de alegria» (*Forja*, n. 591).

Todos precisamos de ver caras alegres à nossa volta. Por isso vale a pena fazer um esforço para viver um conselho que era o título de um programa juvenil de televisão e de um livro ainda hoje à venda: *sempre alegres para fazer felizes os outros*. A mesma palavra alegria, na sua tradução inglesa – JOY – indica-nos a ordem dos nossos interesses e amores: *Jesus, Others, You*.

Vicente Bosch

NOTAS

[1] *Catecismo da Igreja Católica*, n. 30.

[2] Francisco, *Evangelii gaudium*, n. 1.

[3] São Tomás de Aquino, *Suma Teológica*, I-II, q. 31, a. 3.

[4] *Ibid.*, II-II, q. 28, a. 4.

[5] *Catecismo da Igreja Católica*, n. 301.

[6] São Tomás Moro, *Un hombre solo. Cartas desde la Torre* n. 7, Madrid 1988, p. 65.

[7] São Tomás de Aquino, *Suma Teológica*, II-II, q. 28, a. 4.

[8] Francisco, *Evangelii gaudium*, n. 2

[9] Pastor de Hermas, *Mand X*, 3, 2-3 (ed. J. J. Ayán Calvo, Madrid 1995, p. 161).

O SORRISO E A ALEGRIA

Sorrir porque Deus sorri. Sorrir porque, com os meus defeitos, sou cômico. Sorrir porque os outros necessitam do meu sorriso. Estes são os três sorrisos que devem caracterizar um cristão.



Não se pode anunciar o Evangelho com cara de funeral: a provocação do Papa Francisco não é uma piada casual, e a ideia de que os cristãos não devem andar com cara triste não é nova: «Deviam cantar-me melhores cânticos, para eu me decidir a acreditar no seu Salvador! Era preciso que os seus discípulos tivessem mais aspeto de pessoas felizes», dizia Nietzsche.

Mas como ser capaz de sorrir quando as preocupações, o trabalho, os pequenos contratemplos e os grandes sofrimentos são tão frequentes na vida?

O primeiro sorriso é fundamental: Aquele que está nos Céus sorri, diz a Bíblia. E também: a alegria do Senhor é a vossa força. É o sorriso de Deus. A alegria com que o Criador contempla cada uma das suas criaturas deve ser o fundamento sólido da serenidade e da paz de cada um de nós.

Mas não pode ser irreverente pensar que Deus, o Senhor do Universo, sorri? «Deus deve amar-nos tanto mais, quanto mais o façamos rir», diz uma personagem criada por Ray Bradbury. «Nunca tinha pensado em Deus como um humorista», responde-lhe alguém. A resposta é imediata: «O Criador do ornitorrinco, do camelo, da avestruz e do homem? Oh, claro que é!»

O *segundo sorriso* é aquele com o qual olho para mim mesmo, sem perder de vista a minha humanidade, os meus limites, que não são necessariamente defeitos e não devem ser levados demasiado a sério. O meu Criador quer-me assim, como sou, porque se me quisesse diferente, ter-me-ia feito diferente.

«Saber ver o aspeto divertido da vida e a sua dimensão alegre, sem encarar tudo de forma trágica – disse uma vez Bento XVI – é algo muito importante, diria que necessário, para o meu ministério. Um escritor disse que os anjos podem voar porque não se levam demasiado a sério. E nós talvez pudéssemos voar um pouco mais se não nos déssemos tanta importância».

Sorrir é um ato de humildade. Significa que me aceito a mim mesmo e ao meu modo de ser, permanecendo onde estiver com santa paz, sem me levar muito a sério, porque a «seriedade não é uma virtude. Talvez seja uma heresia dizer que a seriedade é um vício, mas pelo menos, é uma heresia inteligente. Há uma tendência natural (uma espécie de decadência) para levar-se a sério, porque é a atitude mais fácil de viver. A solenidade é própria das pessoas que não se querem esforçar. Pelo contrário, uma gargalhada exige entusiasmo. É fácil estar triste, e é difícil ser simples. Satanás caiu pela força da gravidade» (Chesterton).

O *terceiro sorriso* é consequência dos dois anteriores. É o sorriso com que acolho as outras pessoas, especialmente aquelas que vivem e trabalham comigo, demonstrando-lhes afeto e sem dar demasiada importância a possíveis equívocos ou desentendimentos. De rosto alegre, a Madre Teresa de Calcutá ao receber o prémio Nobel, surpreendeu o público ao dar-lhes esta sugestão: «Esforçai-vos por sorrir uns aos outros, dedikai tempo para estar junto das vossas famílias. Sorri uns para os outros».

Diz o livro do Ben Sira (*Sir 19, 30*), que *a maneira como um homem se veste e como sorri, e a sua maneira de andar, revelam aquilo que ele é*.

O sorriso pode ser verdadeiramente o sinal que permite aos outros reconhecer um cristão.

Carlo de Marchi

OS 5 REMÉDIOS CONTRA A TRISTEZA

Os santos, que desfrutaram duma especial amizade com Jesus, também experimentaram a tristeza. Por isso, é bom conhecer os remédios que sugerem para recuperar a alegria própria do cristão.



Cada um de nós passou por dias tristes, dias em que não se consegue superar um certo peso interior que contamina o ânimo e dificulta as relações com os outros. Existirá alguma estratégia para superar o mau humor e recuperar o sorriso? S. Tomás de Aquino propõe cinco remédios de surpreendente eficácia contra a tristeza.

1. O primeiro remédio é concederemo-nos uma satisfação. É como se, sete séculos atrás, o famoso teólogo tivesse intuído a ideia, hoje tão difundida, de que o chocolate é antidepressivo. Talvez pareça uma ideia materialista, mas é evidente que um dia cheio de amarguras pode acabar bem, com uma boa cerveja. É difícil demonstrar que algo deste estilo seja contrário ao Evangelho: sabemos que o Senhor participava com gosto em banquetes e festas e, tanto antes como depois da Ressurreição, desfrutou com gosto das coisas belas da vida. Até mesmo um Salmo afirma que o

vinho alegra o coração do homem (embora se deva esclarecer que a Bíblia condena claramente as bebedeiras).

2. O segundo remédio é o choro. Muitas vezes, um momento de melancolia é mais duro se não se consegue encontrar uma via de escape, parecendo até que a amargura se acumula, a ponto de impedir levar a cabo a tarefa mais simples. O choro é uma linguagem, um modo de expressar e desfazer o nó de uma dor que às vezes nos pode asfixiar. Jesus também chorou. E o Papa Francisco assinala que «certas realidades da vida só se veem com olhos que foram limpos pelas lágrimas. Convido cada um de vós a perguntar-se: “Eu aprendi a chorar?”».

3. O terceiro remédio é a compaixão dos amigos. Vem-me à cabeça a personagem do amigo de Renzo, no famoso livro *Os noivos*, de Alessandro Manzoni, que numa grande casa desabitada por causa da peste vão repassando as grandes desgraças que atingiram a sua família. «São factos horríveis, que jamais imaginaria chegar a ver; coisas que tiram a alegria para toda a vida; mas falar delas com os amigos é um alívio». Para se acreditar nisso tem de se experimentar. Quando uma pessoa se sente triste, tende a ver tudo cinzento. Nessas ocasiões é muito eficaz abrir a alma com uma pessoa amiga. Às vezes basta uma mensagem ou um telefonema breve, e o panorama fica novamente iluminado.

4. O quarto remédio contra a tristeza é a contemplação da verdade, do *fulgor veritatis* de que fala Santo Agostinho. Contemplar o fulgor das coisas, na natureza ou numa obra de arte, ouvir música, surpreender-se com a beleza duma paisagem... pode ser um bálsamo eficaz contra a tristeza. Poucos dias depois do falecimento de um amigo que estimava muito, um crítico literário tinha de falar sobre a aventura em Tolkien. Começou assim: «Falar de coisas belas diante de pessoas interessadas é para mim um verdadeiro consolo...».

5. O quinto remédio proposto por S. Tomás é aquele que talvez menos esperássemos de um mestre medieval. O teólogo afirma que um remédio ótimo contra a tristeza é **dormir e tomar um bom banho.** A eficácia do conselho é evidente. É profundamente cristão compreender que, para remediar um mal espiritual, por vezes é necessário um alívio corporal.

Desde que Deus se fez Homem, e portanto assumiu um corpo, o mundo material superou a separação entre matéria e espírito.

Um preconceito muito difundido é que a visão cristã do homem se baseia na oposição entre alma e corpo, e este último seria visto sempre como um fardo ou obstáculo para a vida espiritual. Na realidade, o humanismo cristão considera que a pessoa (alma e corpo) é completamente *espiritualizada* quando busca a união com Deus. Usando palavras de S. Paulo, existe um corpo animal e um corpo espiritual, e nós não morreremos, mas seremos transformados, porque é necessário que este corpo corruptível se vista de incorruptibilidade, que este corpo se vista de imortalidade.

«Ninguém considere estranho recorrer a um médico do corpo como conselheiro para uma enfermidade espiritual», afirma S. Tomás More, reafirmando o pensamento do seu homónimo medieval: «O corpo e a alma estão tão intimamente unidos que juntos formam uma só pessoa, e assim o mal-estar de um deles gera por vezes o mal-estar de ambos. Portanto, aconselharia a todos que, perante qualquer enfermidade do corpo, se confessem e busquem um bom médico espiritual para a saúde da alma; do mesmo modo, aconselho que para algumas doenças da alma, além do médico espiritual, se procure o conselho do médico do corpo».

Através destes cinco remédios realiza-se a promessa divina e humana de Jesus: «Vós estais tristes, mas a vossa tristeza transformar-se-á em alegria».

Conferência de Carlo Marchi, vigário da região de Itália Centro-Sul, proferida num Congresso Eclesial em Florença (Itália).

FORMAR O CARÁTER NA VIRTUDE

A maturidade cristã implica tomar as rédeas da nossa vida, perguntar-nos realmente, diante de Deus, sobre o que nos falta ainda. Inicia-se então uma batalha para adquirir as virtudes, com o nosso empenho e, sobretudo, com a ajuda do Senhor.



*Tendo ele saído para se pôr a caminho, veio alguém correndo e, dobrando os joelhos diante d'Ele, suplicou-Lhe: Bom Mestre, que farei para alcançara vida eterna?^[1] Nós, discípulos do Senhor, presenciamos a cena com os Apóstolos e, talvez, nos surpreendamos com a resposta: *Por que me chamas bom? Só Deus é bom*^[2] Jesus não dá uma resposta direta. Com suave pedagogia divina, quer dirigir aquele jovem para o sentido último das suas aspirações: «Jesus mostra que a pergunta do jovem é, na verdade, uma pergunta religiosa, e que a bondade que atrai e simultaneamente vincula o homem, tem a sua fonte em Deus, mais, é o próprio Deus, o único que é digno de ser amado "com todo o coração, com toda a alma e com toda a mente"»^[3]*

Para entrar na Vida

O Senhor volta, em seguida, às palavras daquela consulta audaz: que devo fazer? *Se queres entrar na vida – responde – observa os mandamentos*^[4]. Tal como o apresentam os Evangelhos, o jovem é um judeu piedoso que poderia ter ficado satisfeito com esta resposta; o Mestre confirmou-o nas suas convicções, pois descreve-lhe os mandamentos que tem vivido desde a sua adolescência^[5]. No entanto, quer ouvi-los da boca deste novo Rabi que ensina com autoridade. Intui, e não se equivoca, que pode abrir-lhe horizontes unsuspeitados. Pergunta: *Quais?*^[6], Jesus recorda-lhe os deveres que têm a ver com o próximo: *Não matarás, não cometerás adultério, não furtarás, não dirás falso testemunho, honra teu pai e tua mãe, amarás o teu próximo como a ti mesmo*^[7]. São os preceitos – a chamada segunda tábua – que protegem «o bem da pessoa, imagem de Deus, mediante a *proteção dos seus bens*»^[8]. Constituem a primeira etapa, o caminho para a liberdade, não a liberdade perfeita, como afirma Santo Agostinho^[9]; dito de outro modo, são um primeiro passo no caminho do amor, mas ainda não o amor amadurecido, plenamente satisfeito.

Que me falta ainda?

O jovem conhece e vive aqueles preceitos, mas algo no seu interior lhe pede mais; tem que haver – pensa – algo mais que possa fazer. Jesus lê no seu coração: *fixou nele o olhar, sentiu afeição por ele*^[10]. E lança-lhe o desafio da sua vida: *Uma só coisa te falta; vai, vende tudo o que tens e dá-o aos pobres e terás um tesouro no Céu. Depois, vem e segue-Me*^[11]. Jesus Cristo pôs aquele homem perante a sua consciência, perante a sua liberdade, perante o seu desejo de ser melhor. Nós não sabemos em que medida entendeu o convite do Mestre, embora pela sua própria pergunta – que me falta ainda? – pareça que ele esperava outras "coisas para fazer". As suas disposições são boas, embora talvez ainda não tivesse compreendido a necessidade de interiorizar o sentido dos mandamentos do Senhor.

A vida, para a qual Deus chama, não consiste unicamente em fazer coisas boas, mas em "ser bons", virtuosos. Como costumava concretizar S. Josemaria^[12], não basta ser bondadosos, mas bons, de acordo com o panorama imenso – *só Deus é bom*^[13] - que Jesus abre diante de nós.

A maturidade cristã implica tomar as rédeas da nossa vida, perguntar-nos realmente, diante de Deus, o que nos falta ainda. Obriga-nos a sair do refúgio confortável de quem é um cumpridor da lei para descobrir que o que conta é seguir Jesus, apesar dos próprios erros. Deixamos então que os seus ensinamentos transformem o nosso modo de pensar e de sentir. Experimentamos que o nosso coração, antes pequeno e estreito, dilata-se com a liberdade que Deus nele colocou: *correrei pelo caminho dos vossos mandamentos, porque sois Vós que dilatais o meu coração*^[14]

O desafio da formação moral

O jovem não esperava que "o que lhe faltava" fosse precisamente pôr a sua vida aos pés de Deus e dos outros, perdendo a segurança de ser *cumpridor*. E retirou-se triste, como sucede a todo aquele que prefere seguir apenas o seu próprio itinerário, em vez de deixar que Deus o guie e o surpreenda. Deus chamou-nos para viver com a Sua liberdade - *hac libertate nos Christus liberavit*^[15] - e, no fundo, o nosso coração não se conforma com menos.

Amadurecer, é aprender a viver de acordo com uns ideais elevados. Não se trata simplesmente de conhecer uns preceitos ou de adquirir uma visão cada vez mais aperfeiçoada das repercussões dos nossos atos. Decidir-se a ser *bons* – santos, em última análise – supõe identificar-se com Cristo, sabendo descobrir as razões do estilo de vida que Ele nos propõe. Implica, portanto, saber o significado das normas morais, que nos ensinam a que bens precisamos de aspirar, como devemos viver para alcançar uma existência plena. E isto consegue-se incorporando no nosso modo de ser as virtudes cristãs.

Os pilares do caráter

O saber moral não é um discurso abstrato, nem uma técnica. A formação da consciência requer um fortalecimento do caráter que se apoia nas virtudes como seus pilares. Estas são a base da personalidade, estabilizam-na, transmitem-lhe equilíbrio. Fazem-nos capazes de sair de nós mesmos, do egocentrismo, e direcionar o foco dos nossos interesses para fora de nós próprios, para Deus e para os outros. A pessoa virtuosa está *centrada*, é ponderada em tudo, é reta, íntegra, de uma só peça. Por sua vez,

aquele que carece de virtudes, dificilmente será capaz de empreender grandes projetos ou de dar forma aos grandes ideais. A sua vida estará feita de improvisos e oscilações, de modo que não será fiável, nem sequer para si mesmo.

Fomentar as virtudes expande a nossa liberdade. Não tem nada a ver a virtude com a habituação ou com a rotina. Desde logo, para que ganhe raízes um hábito operativo bom, para que cristalize no nosso modo de ser e nos leve a fazer o bem com mais facilidade, não basta uma única ação. A repetição sucessiva, ajuda a que se estabilizem os hábitos: faz-nos bons *sendo* bons. Repetir a resolução de pôr-se a estudar a uma hora, por exemplo, faz com que a segunda vez nos custe menos do que a primeira, e a terceira um pouco menos do que a segunda..., mas deve-se perseverar na determinação de pôr-se a estudar para manter o hábito de estudo, porque de outro modo perde-se.

A renovação do espírito

As virtudes humanas e sobrenaturais, orientam-nos para o bem, para aquilo que preenche as nossas aspirações. Ajudam-nos a alcançar a autêntica felicidade, que consiste em unir-se a Deus: *avida eterna consiste em que conheçam a Ti, um só Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo que enviaste*^[16]. Dão facilidade para agir de acordo com os preceitos morais, que já não se veem apenas como normas a cumprir, mas como um caminho que conduz à perfeição cristã, à identificação com Jesus Cristo, de acordo com o estilo de vida das bem-aventuranças, que são como que o retrato do Seu rosto e «referem-se a atitudes e disposições de fundo da existência»^[17] que conduzem à vida eterna.

Abre-se, então, um caminho de crescimento na vida cristã, segundo as palavras de S. Paulo: *transformai-vos pela renovação do vosso espírito, para que possais discernir qual é a vontade de Deus, o que é bom, o que Lhe agrada e o que é perfeito*^[18]. A graça transforma o modo como julgamos os diferentes acontecimentos, e dá-nos novos critérios para atuar. Progressivamente, aprendemos a ajustar o nosso modo de ver as coisas com a vontade de Deus, que também se expressa na lei moral, de modo que amamos o bem, a vida santa, e gostamos do *que é bom, Lhe agrada e é*

perfeito^[19]. Alcança-se a maturidade moral e afetiva, do ponto de vista cristão, que leva a apreciar facilmente o que é verdadeiramente nobre, verdadeiro, justo e bonito, e a rejeitar o pecado, que ofende a dignidade dos filhos de Deus.

Este caminho leva a formar, como dizia S. Josemaria, uma «alma de critério»^[20]. Mas quais são as características deste critério? Noutro momento, ele acrescentava: «o critério pressupõe maturidade, firmeza de convicções, conhecimento suficiente da doutrina, delicadeza de espírito, educação da vontade»^[21]. Que grande retrato da personalidade cristã: uma *maturidade* que nos ajuda a tomar decisões, com liberdade interior, e a torná-las próprias, isto é, com a responsabilidade de quem sabe dar conta delas; umas *convicções* fortes e seguras, baseadas num conhecimento profundo da doutrina cristã que alcançamos através de aulas ou palestras de formação, de leituras, da reflexão e, especialmente, do exemplo de outros, pois as «verdadeiras estrelas da nossa vida são as pessoas que souberam viver com retidão»^[22]. Isto relaciona-se com a *delicadeza de espírito*, que se traduz na amabilidade para com os outros e na *educação da vontade* que se decide a levar uma vida virtuosa. Uma alma de critério, portanto, sabe perguntar-se nas diferentes circunstâncias: que espera Deus de mim? Pede luzes ao Espírito Santo, recorre aos princípios que assimilou, aconselha-se com quem pode ajudar, e sabe atuar em conformidade.

Fruto do amor

Assim entendido, o comportamento moral – que se concretiza em viver os mandamentos com a força da virtude – é fruto do amor, que nos compromete com a procura e a promoção do bem. Um amor assim, vai além do sentimento, que pela sua própria natureza é flutuante e efémero: não depende dos estados de ânimo do momento, do que me apetece, ou do que me agradaria numa determinada circunstância. Pelo contrário, amar e ser amado pressupõe um dar-se, que se baseia no atrativo que originam no coração o saber-se amado por Deus e aqueles grandes ideais pelos quais vale a pena penhorar a liberdade: «na entrega voluntária, em cada instante dessa dedicação, a liberdade renova o amor e renovar-se é ser continuamente jovem, generoso, capaz de grandes ideais e de grandes sacrifícios»^[23]

A perfeição cristã não se limita ao cumprimento de umas normas, nem ao desenvolvimento isolado de capacidades como o autocontrole ou a eficiência. Impulsiona, em vez disso, entregar a liberdade ao Senhor, para responder ao Seu convite: *vem e segue-Me*^[24], com a ajuda da Sua graça. Trata-se de viver segundo o Espírito^[25], movidos pela caridade, de modo que se deseja servir os outros, e compreende-se que a lei de Deus é a via privilegiada para realizar esse amor livremente escolhido. Não é questão de cumprir umas regras, mas de aderir a Jesus, de compartilhar a Sua vida e o Seu destino, obedecendo à vontade do Pai.

Sem ser perfeccionistas

Este esforço para crescer nas virtudes é alheio a qualquer afã narcisista de perfeição. Lutamos por amor ao nosso Pai Deus e é n'Ele que temos fixo o olhar e não em nós mesmos. Convém, portanto, rejeitar a tendência para o *perfeccionismo*, que poderia talvez surgir, se planeássemos erroneamente a nossa luta interior de acordo com uns critérios de eficácia, rigor, rendimento..., muito em voga nalguns contextos profissionais, mas que descaracterizam a vida moral cristã. A santidade consiste principalmente em amar a Deus.

Na verdade, a maturidade leva a harmonizar o desejo de atuar bem, com as limitações reais que experimentamos em nós mesmos e nos outros. Às vezes, podemos ter vontade de dizer com São Paulo: *não entendo, absolutamente, o que faço, pois não faço o que quero; faço o que aborreço (...)* *Homem infeliz que sou! Quem me livrará deste corpo que me acarreta a morte?*^[26]. No entanto, não perderemos a paz, porque Deus nos diz o mesmo que ao Apóstolo: *basta-te a Minha graça*^[27]. Enchemo-nos de agradecimento e esperança, porque o Senhor conta com as nossas limitações, desde que nos incentivem a converter-nos e a recorrer à Sua ajuda.

Mais uma vez, o cristão encontra um ponto de apoio na primeira resposta de Jesus ao jovem: *só Deus é bom*^[28]. Da bondade de Deus vivemos os seus filhos. Ele dá-nos a força para orientar toda a nossa vida para o que é verdadeiramente valioso, de compreender o que é bom e querê-lo, de dispor de nós mesmos com vista à missão que Ele nos confiou.

NOTAS

[1] *Mc* 10, 17.

[2] *Mc* 10, 18.

[3] S. João Paulo II, Enc. *Veritatis splendor* (6-VIII-1993), n. 9. Cfr. *Mt* 22, 37.

[4] *Mt* 19, 17.

[5] Cfr. *Mc* 10, 20.

[6] *Mt* 19, 18.

[7] *Mt* 19, 18-19.

[8] S. João Paulo II, Enc. *Veritatis splendor*, n. 13.

[9] Cfr. *In Ioannis Evangelium Tractatus*, 41, 9-10 (cit. em *Veritatis splendor*, n. 13).

[10] *Mc* 10, 21.

[11] *Mc* 10, 21.

[12] Cfr. S. Josemaria, *Caminho*, n. 337.

[13] *Mt* 19, 17.

[14] *Sl* 118 (119), 32.

[15] *Gl* 5, 1

[16] *Jo* 17, 3.

[17] S. João Paulo II, Enc. *Veritatis splendor*, n. 16.

[18] *Rm* 12, 2.

[19] *Rm* 12, 2.

[20] S. Josemaria, *Caminho*, Ao leitor.

[21] S. Josemaria, *Temas actuais do cristianismo*, n. 93.

[22] Bento XVI, Enc. *Spe salvi* (30-XI-2007), n. 49.

[23] S. Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 31.

[24] *Mc* 10, 21.

[25] Cfr. *Gl* 5, 16.

[26] *Rm* 7, 15.24

[27] *2 Cor* 12, 9.

[28] *Mt* 19, 17.

COERÊNCIA: EDIFICAR A ORDEM INTERIOR

Uma das notas da personalidade madura é a capacidade de conjugar o empenho numa atividade intensa com a ordem e a paz interior. Último artigo da série Formação da personalidade.



Quando Santo Agostinho, já idoso, escrevia «*pax omnium rerum tranquillitas ordinis.*», a paz de todas as coisas é a tranquilidade da ordem»^[1], fazia-o a partir da experiência de quem levava anos a ver-se constantemente solicitado por todo o tipo de tarefas: o governo pastoral da porção do Povo de Deus que lhe estava confiado; a sua abundante pregação; os desafios que apresentava uma época convulsa, de mudanças sociais e culturais. Não é este, pois, um aforismo escrito no sossego do retiro, mas no fragor da vida diária, com todos os seus imprevistos e vaivéns. A coerência deste santo era uma conquista quotidiana; com o passar dos dias, o seu esforço por “centrar o tiro” fortalecia cada vez mais o seu carácter.

Uma das notas da personalidade madura é a capacidade de conjugar o empenho numa atividade intensa com a ordem e a paz interior. Alcançar este equilíbrio implica certo esforço: também São Josemaría falava de sua luta neste campo. «Gostava de te ver dentro da minha batina! – dizia a uma

pessoa que lhe falava das dificuldades que o trabalho lhe colocava para cuidar da sua formação – Porque também eu tenho pluriemprego. Sobre essa desordem temos que edificar a ordem»^[2]. A ordem, a coerência da nossa vida, é um tesouro que vamos ganhando, moeda a moeda, na batalha de todos os dias: «esse começar pela tarefa menos agradável mas mais urgente (...), com perseverança no cumprimento do dever quando seria tão fácil abandoná-la, esse não deixar para amanhã o que temos que terminar hoje: Tudo para agradar ao Nosso Pai Deus!»^[3].

O senhorio de si

Esta batalha serena não tem só que ver com as coisas que manejamos e as tarefas que enchem o nosso dia, mas também com o nosso coração. Sem esse bater interior, a ordem seria apenas gestão do tempo, “otimização de processos”, eficácia empresarial, mas não demonstraria autêntica maturidade cristã. A coerência do cristão edifica-se num fluxo constante, de dentro para fora e de fora para dentro; cresce com o domínio de si, a ordem da atividade exterior, o recolhimento interior e a prudência.

Não podemos fugir dos obstáculos que existem para alcançar esta harmonia interior. Se bem apreciarmos o enorme atrativo de uma vida cristã plena, muitas vezes experimentamos tendências diversas e, às vezes, contrárias. São Paulo expressou-o com força: «eu encontro, pois esta lei: que o mal está em mim; porque me deleito na lei de Deus segundo o homem interior, mas vejo nos meus membros uma outra lei que se opõe à lei do meu espírito»^[4]. Sentimos uma coisa e queremos outra, notamos que estamos divididos entre o que nos apetece e o que devemos fazer e, por vezes, acaba por nos toldar a vista; então pode mesmo chegar a parecer-nos que, afinal de contas, também não acontece nada por sermos um pouco incoerentes, o que no fundo denota um amor vacilante.

E no entanto, como ecoa o elogio que nosso Senhor fez a Natanael! «Eis aqui um verdadeiro israelita em quem não há fingimento»^[5]. Quem procura conduzir-se de acordo com a voz de Deus que ressoa na sua consciência, inspira espontaneamente um grande respeito; as pessoas de uma só peça atraem, porque tudo nelas fala de autenticidade. Pelo contrário, a vida dupla, as compensações – ainda que pequenas – a falta de sinceridade,

fazem com que se nos turve o rosto da alma. Como todos estamos expostos a estes pequenos desvios de rumo, trata-se de que sejamos simples e os corrijamos com perseverança; assim se evita o risco de acabar à deriva no alto mar da vida.

Para tocar a melodia de Deus

Ao pôr ordem no nosso interior não se trata apenas de que a nossa inteligência “domine” a imaginação e canalize a força dos sentimentos e afetos: tem que descobrir tudo o que estes companheiros de viagem podem e lhe querem dizer. Dito de outro modo, não podemos corrigir a dissonância suprimindo uma das melodias: Deus fez-nos polifônicos. O senhorio de si, também conhecido desde sempre como temperança, não é frieza cerebral: Deus quer-nos com um coração que seja «grande, forte e terno e afetuoso e delicado»^[6].

Com o coração podemos tocar uma música para o Senhor. Se a queremos interpretar bem, convém pô-lo no tom, como se afinam os instrumentos para que dêem a nota adequada. Trata-se de educar os afetos, de fomentar uma sensibilidade pelo que é autenticamente bom, porque responde ao nosso ser pessoal, com todas as suas dimensões. Os sentimentos dão cor à nossa vida e permitem apercebermo-nos com maior riqueza do que sucede à nossa volta. No entanto, do mesmo modo que um quadro saturado de cores sem equilíbrio não é agradável, ou um instrumento desafinado é desagradável, o coração abandonado ao vaivém sentimental quebra a harmonia da nossa personalidade e corrói, por vezes de modo forte, as nossas relações com os outros.

São Josemaría aconselhava a pôr «sete ferrolhos»^[7] no coração. Numa ocasião, explicava-o assim: «fecha-o com sete ferrolhos que eu recomendo, um para cada pecado capital. Mas não deixes de ter coração»^[8]. A experiência acumulada de séculos, também nos lugares onde não chegou o cristianismo, mostra que os afetos e os instintos, sem controlo, podem arrastar-nos como as águas de uma inundaçãõ que semeia destruição por onde passa. Não se trata de anular a corrente, mas de fazer um trabalho parecido ao dos engenheiros que entubam a água que corre das torrentes das montanhas para que mova uma turbina e produza electricidade. Uma vez

canalizada a corrente -que poderia ter arrasado árvores e casas – todos podem viver tranquilos e aproveitar essa eletricidade para iluminar e aquecer as suas casas. Se o nosso espírito não consegue canalizar de maneira estável essas forças instintivas e afetivas da nossa natureza, não pode ter paz nem sossego: não pode existir vida interior.

Tomar as rédeas do nosso dia

Um passo importante para sermos senhores de nós próprios é o de nos sobrepormos à preguiça, um vírus silencioso mas eficaz, que nos pode paralisar pouco a pouco se não o mantemos sob controle. A preguiça tornar-se forte em quem não tem um norte, ou também em quem, tendo-o, não se decide a andar nessa direção. «Não confundas a serenidade com a preguiça, com o abandono, com o atraso nas decisões ou no estudo dos assuntos»^[9]. Pôr a cabeça no que requer a nossa atenção, evitar fugir do que implique ou que suponha um pouco de esforço; não deixar para depois o que podemos fazer agora... sobre esses hábitos sim, constrói-se uma personalidade ágil, rija e serena.

Convém também estar atentos ao outro extremo, o ativismo desordenado: «Filho, não te ocupes em muitos assuntos; se te ultrapassam, não estarás sem culpa; por mais que corras não os alcançarás, e mesmo que fujas não te poderás livrar deles»^[10]. Maturidade da personalidade significa aqui ponderação, ordem na nossa atividade. Para que a vida não nos arraste com as suas infinitas solicitações, bastar-nos-á tomar a iniciativa para distribuir as nossas atividades nos tempos adequados, quer dizer, planificar – sem nos quadricularmos – dando prioridade ao que deve estar em primeiro lugar e não ao que surge em cada momento. Assim evitamos que o urgente coma o importante. Logicamente, não é preciso programar tudo, mas sim evitar que o imprevisto conduza a perder tempo simplesmente porque nos dedicamos a ir ao ritmo do que nos ocorre durante o dia. Neste sentido dizia São Josemaría que «é preciso ordenar-se porque não temos tempo de fazer tudo depois».

No nosso dia há alguns momentos chave que podemos fixar de antemão: a hora de deitar, a hora de levantar, os tempos que vamos dedicar exclusivamente a Deus, a hora de trabalhar, a hora das refeições... Depois

vem todo o campo de fazer bem o que temos que fazer, com rendimento, atenção e perfeição, quer dizer, com amor. «Cumpra o pequeno dever de cada momento; faz o que deves e está no que fazes»^[11]. Trata-se, no fim de contas, de um programa de santidade que não oprime, porque se ordena a um fim grande: fazer feliz a Deus e aos outros. Ao mesmo tempo, esse mesmo amor que nos move a reger-nos por um horário nos indicará quando o plano tem que “saltar”, porque o exige o bem de outras pessoas, ou por tantos outros motivos que se apresentam com clareza a quem vive cara a Deus.

A cultura do espaço interior

A interioridade é o centro vivo da pessoa, o que faz com que as suas forças, qualidades, disposições de ânimo e ações formem uma unidade. Quem é capaz de viver dentro de si, de recolher os seus sentidos e potências até sossegar a alma, desenvolve uma personalidade mais rica, porque é mais capaz de relação, de diálogo. «O silêncio – dizia Bento XVI – é parte integrante da comunicação e sem ele não existem palavras com densidade de conteúdo»^[12].

Para não se limitar a nadar à superfície da vida, é preciso dedicar tempo a pensar o que nos aconteceu, o que lemos, o que nos disseram e sobretudo, as luzes que recebemos de Deus. Refletir alarga e enriquece o nosso espaço interior; ajuda-nos a integrar as diversas facetas da nossa vida – trabalho, relações sociais, lazer, etc. – com o projeto de vida cristã que realizamos pela mão do Senhor. Este hábito implica aprender a entrar dentro da nossa alma, superando a pressa, a impaciência, a dispersão. Abre-se, assim, um espaço de meditação na presença de Deus: «Qual de nós, à noite, antes de terminar o dia, quando fica só, não se pergunta: o que sucedeu hoje no meu coração? O que aconteceu? Que coisas passaram pelo meu coração?»^[13].

Esse sossego do espírito consegue-se quando cortamos com as tensões da vida e detemos as solicitações dos assuntos pendentes e a imaginação; quando detemos o ritmo da vida exterior e calamos tanto por fora como por dentro. Dessa maneira, os nossos conhecimentos e experiências adquirem profundidade, aprendemos a assombrar-nos, a contemplar, a saborear os bens do espírito, a escutar Deus. Com esta riqueza interior, quando saímos

poderemos desfrutar mais ao comunicarmos com os outros, pois teremos algo pessoal, algo *nosso.*, com que contribuir.

No silêncio, poderemos escutar a voz do Senhor. Quando Deus quer passar diante de Elias no monte Horeb, a Sagrada Escritura diz-nos que não estava na violência do furacão que partia as rochas, nem no susto do terramoto, nem no fogo que se seguiu, mas numa brisa que mal se notava^[14]. Calar é formoso; não é nenhum vazio, mas vida autêntica e plena, se permite estabelecer um diálogo íntimo com Deus. «Um fio sonoro de silêncio: assim se aproxima o Senhor, com a sonoridade do silêncio que é própria do amor»^[15].

A sabedoria de coração

«O sábio de coração será chamado prudente»^[16]. A capacidade de recolhimento permite-nos assentar cada vez com mais profundidade os motivos que guiam a nossa vida. A coerência amadurece então como a fruta ao sol e verte-se em nós o licor de uma sabedoria que nos ajuda a acertar nas nossas decisões.

Nem sempre é necessário dar respostas imediatas ao que se nos coloca. A prudência, muitas vezes, levará a informar-se bem antes de ajuizar ou tomar uma decisão, porque com frequência as coisas não são como parecem à primeira vista. Uma pessoa madura caracteriza-se por estudar os assuntos com atenção, recorrer à memória de experiências passadas de temas parecidos e pedir conselho a quem esteja em condições de o dar. E, antes de mais nada, algo que para um cristão é muito natural, quase como um reflexo: *pedir conselho*. a Deus: «não tomes uma decisão sem te deteres a considerar o assunto diante de Deus»^[17]. Assim é mais fácil aplicar à situação concreta um juízo ponderado, sem ceder à ligeireza, ao comodismo, ao peso da vida passada ou à pressão do ambiente. E ter a valentia de tomar uma decisão – embora toda a decisão traga consigo um risco – e de a executar sem demoras, com a disposição de retificar, se mais tarde nos apercebemos de que nos equivocámos.

A coerência cristã – fruto de uma interioridade cultivada – põe-nos, afinal, em condições de nos entregarmos a um ideal e de perseverar nele.

«Dá-me a tua graça para deixar tudo o que se refere à minha pessoa. Não devo ter mais preocupações que a tua Glória..., numa palavra, o teu Amor. Tudo por Amor!»^[18].

José Benito Cabaniña – Carlos Ayxelà.

Fotos de: Álvaro García Fuentes e Ismael Martínez.

NOTAS

[1] Santo Agostinho, *De civitate Dei*. XIX, 13.1.

[2] S. Josemaría, *Notas de uma reunião.*, 23-XI-1972.

[3] S. Josemaría, *Amigos de Deus.*, n. 67.

[4] *Rm.* 7, 21-23.

[5] *Jo.* 1, 47.

[6] *Amigos de Deus.*, n. 177.

[7] S. Josemaría, *Caminho.*, nn. 161, 188.

[8] S. Josemaría, *Notas de uma reunião.*, Santiago do Chile, 30-VI-1974. Estes pecados “são chamados capitais porque geram outros pecados, outros vícios. Entre eles soberba, avareza, inveja, ira, luxúria, gula, preguiça” (*Catecismo da Igreja Católica.*, n. 1866).

[9] S. Josemaría, *Forja.*, n. 467.

[10] *Si.* 11, 10.

[11] *Caminho.*, n. 815.

[12] Bento XVI, *Mensagem para o XLVI Dia Mundial das Comunicações Sociais.*, 24-I-2012.

[13] Francisco, *Homilia.*, 10-X-2014.

[14] Cfr. *1 R.* 19, 11-13.

[15] Francisco, *Homilia.*, 12-XII-2013.

[16] *Pr.* 16, 21.

[17] *Caminho.*, n. 266.

[18] *Forja.*, n. 247.

COISAS PEQUENAS

Em tempos de um quotidiano diferente nas nossas casas, reduzindo ao mínimo as saídas e os contactos próximos com os nossos amigos, temos uma nova oportunidade de redescobrir o valor e a grandeza de cada gesto e atitude, à luz da fé cristã.



Virtudes cristãs

A vida quotidiana e corrente das pessoas, que os cristãos desejam santificar, está entrelaçada de factos e situações, aparentemente sem importância, de relações habituais e costumes repetitivos que, facilmente, poderiam levar a uma existência rotineira e superficial.

Com efeito, a fé em Cristo confere uma grande dignidade tanto às pessoas e suas atividades, como às coisas criadas, retirando à existência humana uma possível monotonia e irrelevância. Nesse vaivém diário, os olhos da Fé encontram, constantemente, ocasiões de amar a Deus e de servir o próximo, tornando a vida mais humana e dotando de valor antropológico e sobrenatural as coisas pequenas e não transcendentais que, feitas com amor, se tornam grandes e transcendentais: «Ficai a saber:

escondido nas situações mais comuns há *um quê* de santo, de divino, que toca a cada um de vós descobrir.(...) Asseguro-vos, meus filhos, que, quando um cristão realiza com amor a mais intrascedente das ações diárias, ela transborda da transcendência de Deus.» (Entrevistas a S. Josemaria, nn. 114 e 116). Deste modo, aquilo que parece sem importância, prova ter uma grande força, ao unir-se à graça de Deus: «Mudar o mundo com as coisas pequenas de cada dia, com o partilhar com generosidade, ouvindo os outros, estabelecendo relações fraternas» (Mensagem do Papa Francisco aos jovens, 2-VI-2017).

1. O exemplo de Jesus

Apesar de a Encarnação do Verbo ter sido milagrosa, sem intervenção humana- «por obra do Espírito Santo» (Mt 1,18) – a Sua gestação durante os nove meses no ventre de Maria, a sua vinda ao mundo no seio de uma família foram normais e em nada excepcionais. Os trinta anos que precederam os três da sua vida pública e a sua Paixão, Morte e Ressurreição desenrolaram-se com a mais absoluta normalidade na aldeia de Nazaré, exercendo um trabalho manual, relacionando-se com familiares, amigos e vizinhos. Todavia, foi também um período redentor: uma gota de suor na oficina de Nazaré salva-nos do mesmo modo que uma gota do seu sangue na Cruz no Calvário.

Começada a vida pública, quando Jesus volta a Nazaré, os seus conterrâneos ficam admirados: «de onde Lhe vem essa sabedoria e esses poderes? Não é Ele o filho do artesão?» (Mt 13, 54-55), e S. Josemaria comentava que Jesus fez tudo admiravelmente bem «os grandes prodígios e as coisas mezinhas, quotidianas, que não deslumbraram ninguém, mas que Cristo realizou com a plenitude de quem é *perfectus Deus, perfectus Homo*, perfeito Deus e perfeito homem.» (*Amigos de Deus*, n. 56). Jesus dá muito valor ao pequeno, se feito com amor e generosidade, como a esmola da viúva pobre (Cf. Mc 12, 12, 41-43): não viste os fulgores do olhar de Jesus quando a pobre viúva deixou no Templo a sua pequena esmola? - Dá-Lhe tu o que puderes dar; não está o mérito no pouco nem no muito, mas na vontade com que o deres.» (*Caminho*, n. 829). Também são de referir os pequenos detalhes de delicadeza na casa de Simão, o fariseu, depois de uma mulher pecadora se ter aproximado de Jesus, regado os Seus pés com

lágrimas e depois enxugá-los com os seus cabelos, que ungira com perfume e cobrira de beijos, ao contrário do Seu anfitrião que não lhe tinha oferecido água para os pés, nem lhe havia dado o beijo de boas vindas, nem ungira a sua cabeça com óleo (cf. Lc 7, 38-46: Jesus - afirma S. Josemaria - «o Senhor trouxe à baila essa falta de urbanidade, para realçar com tal facto o ensinamento de que é nos pormenores que se mostra o amor.» (*Amigos de Deus*, n. 122).

Nos seus ensinamentos -diz S. Josemaria - Jesus salienta a importância de ser fiel no pouco. Na parábola dos talentos, mostra este apreço, com palavras que soam como umas boas-vindas ao Céu: «Muito bem, servo bom e fiel; como foste fiel no pouco, confiar-te-ei o muito: entra na alegria do teu Senhor» (Mt 25,21). S. Josemaria conclui: «São palavras de Cristo. - "*In pauca fidelis!*...". - Desdenharás agora as pequenas coisas, se se promete o Céu a quem as cumpre?» (Caminho, n. 819). Também a parábola das virgens néscias e prudentes (Cf. Mt, 25,9), constitui uma chamada de atenção para o cuidado com estes pormenores, que são como o óleo em falta nas lâmpadas das virgens néscias.: «Não souberam ou não quiseram preparar-se com a solicitude devida (...) Faltou-lhes generosidade para cumprirem acabadamente o pouco que lhes tinha sido pedido. (...). Podeis responder-me: são coisas pequenas. Sim, com efeito, mas essas coisas pequenas são o azeite, o nosso azeite, que mantém viva a chama e acesa a luz. ». (*Amigos de Deus*, n. 41). Jesus atende ao pormenor ao falar com os seus discípulos, depois da multiplicação dos pães: «guardai os pedaços que sobraram para que nada seja perdido» (Jo 5, 12). Enfim, Jesus dá muito valor às coisas pequenas para que nós não as desprezemos.

2. O campo das coisas pequenas

Materialmente, o espaço ou ambiente em que se vive o cuidado das coisas pequenas abrange todas as nossas atividades: o trabalho, a vida familiar, as relações sociais, o descanso, etc., são os princípios que constituem a vida espiritual de quem luta para ser santo no meio do mundo, em contacto próximo com as realidades do dia a dia. Do ponto de vista formal, o campo das coisas pequenas é o de todas as virtudes. Não seria virtuosa uma pessoa capaz de suportar com fortaleza todas as grandes tribulações e, ao mesmo tempo, ser insensível e mal agradecida perante um

pequeno benefício recebido; ou que vivesse com um forte sentido de justiça, mas que descurasse facilmente os pormenores de sobriedade. As virtudes formam uma espécie de tecido em que todas as fibras crescem de modo homogéneo, umas vezes com atos heroicos, mas habitualmente com atos de pouca importância que conduzem ao bem e à verdade. S. Josemaria advertia para o perigo de pretender fazer grandes feitos ao serviço do Senhor, referindo-se à personagem de Tartarin de Tarascon, que queria caçar leões nos corredores da sua casa e, como era de esperar, não os encontrava: «Convençei-vos de que normalmente não encontrareis ocasiões para grandes façanhas, entre outros motivos porque não é habitual que surjam essas oportunidades. Pelo contrário, não faltam ocasiões de demonstrar o amor a Jesus Cristo, através do que é pequeno, do normal.» (*Amigos de Deus*, n. 8). Mais gráfica e cheia de contraste é a consideração em *Caminho*, n. 204: «Quantos, que se deixariam cravar numa Cruz, perante o olhar atónito de milhares de espectadores, não sabem sofrer cristãmente as alfinetadas de cada dia! - Pensa então no que será mais heroico». O campo das coisas pequenas, portanto, é tão extenso como a própria vida, a começar pelas próprias obrigações: «Queres deveras ser santo? - Cumpre o pequeno dever de cada momento faz o que deves e está no que fazes.». (*Caminho*, n. 815). Para que haja virtude - afirma S. Tomás «há que ter em conta duas coisas: ao que se faz e o modo como se faz» (Quodl. IV, a. 19). Se queremos ser santos, não há outro caminho senão confiar na graça de Deus, procurar fazer tudo com a maior perfeição possível, não descurando os pormenores dia após dia, durante a vida toda. São tantas as virtudes que podem ser vividas e fortalecidas com pequenas coisas. Por exemplo, a sobriedade (*Caminho*, n. 681: «No dia em que levatares da mesa sem teres feito uma pequena mortificação, comeste como um pagão»); o desprendimento (*Amigos de Deus*, n. 119: «Habitua-te, desde já, a enfrentar com alegria as pequenas limitações, as incomodidades, o frio, o calor, a privação de algo que consideras imprescindível, o facto de não poderes descansar quando e como queres, a fome, a solidão, a ingratidão, a incompreensão, a desonra... »); a obediência (*Caminho*, n. 618: «O inimigo: obedecerás... até nesse pormenor "ridículo"? - Tu, com a graça de Deus: obedecerei... até nesse pormenor "heróico".»); a penitência (*Amigos de Deus*, n. 138: «A penitência consiste em suportar com bom humor as mil pequenas contrariedades do dia»), etc. Não faltam ocasiões, para vivermos todos os

dias pequenos pormenores que nos unem a Deus e nos tornam melhores: «Viste como ergueram aquele edifício de grandeza imponente? - Um tijolo, e outro. Milhares. Mas um a um.» (*Caminho*, n. 823). É desta maneira que se colabora com o Deus Arquiteto que levanta o edifício da nossa santificação pessoal.

3. A chave ou o segredo do valor das coisas pequenas

Só é possível viver com essa atenção às coisas pequenas quando nos deixamos mover pelo amor. A chave do valor das coisas pequenas – já o tínhamos afirmado – está em realizá-las por amor: «Fazei tudo por Amor. - Assim não há coisas pequenas: tudo é grande. - A perseverança nas pequenas coisas, por Amor, é heroísmo.» (*Caminho*, n. 813). Quando se escreve «Amor» com maiúscula está-se a querer indicar que é Deus o amado, através desses atos, aparentemente, irrelevantes. Efetivamente, o amor a Deus faz o prodígio de transfigurar esse conjunto de coisas pequenas, que por si sós mal teriam valor e que transformam o tecido de uma vida corrente, em algo divino, de preço infinito: em santidade. Não deveríamos permitir que esse tesouro diário nos escape das mãos. Essa grandeza resultante de tantas coisas pequenas feitas por Amor, é a isso que se refere S. Josemaria, quando escreve: «*De que tu e eu nos portemos como Deus quer – não o esqueças -, dependem muitas coisas grandes*» (*Caminho*, n. 755). A ideia pode levar, também, a conseguir descobrir na comunhão dos santos a importância do papel que cada um desempenha na empresa divina que é a Redenção: «Não sejas... tolo. É verdade que fazes o papel - quando muito - de um pequeno parafuso nessa grande empresa de Cristo. Mas sabes o que significa o parafuso não apertar o suficiente ou saltar fora do sítio? Cederão as peças de maior tamanho, ou cairão sem dentes as rodas. Ter-se-á dificultado o trabalho. - Talvez se inutilize toda a maquinaria. Que grande coisa é ser um pequeno parafuso!!» (*Caminho*, n. 830) Quando cada um cumpre o seu dever, no lugar em que se encontra, realizando a sua atividade profissional com competência, para dar glória a Deus e servir ao próximo, está a colaborar com Cristo na renovação do mundo

É exatamente o amor a chave que faz cair por terra toda a argumentação sobre o cuidado das pequenas coisas, no que se refere ao perfeccionismo

narcisista, ou próprio de pessoas com mentalidade maniaca ou quadrada. Essas possíveis atitudes colocam-se nos antípodas do amor, uma vez que surgem de interesses egoístas e apenas servem para «baralhar» as pessoas e dificultar o seu relacionamento com os outros. O cuidado das pequenas coisas de cada dia não quer dizer que tudo chegará à perfeição, pois Deus tem em conta sermos seres humanos com as nossas limitações, através das quais o seu amor pode continuar a atuar. Parafrazeando São Paulo, os cristãos têm de se transformar, renovando a sua mentalidade para poderem «discernir qual a vontade de Deus, o que é o bom, agradável e perfeito» (*Rm 12,2*). Temos, todos os dias, a possibilidade de saber a vontade de Deus materializada em coisas acessíveis e pequenas, mas boas, agradáveis aos olhos de Deus e dos homens.

Vicente Bosch

O QUE É A PRUDÊNCIA?

A prudência é a virtude que dispõe o espírito a discernir em todas as circunstâncias o nosso verdadeiro bem e a escolher os meios para o realizar.



A prudência é a virtude que dispõe o espírito a discernir em todas as circunstâncias o nosso verdadeiro bem e a escolher os meios para o realizar^[1]. Assim, são atos de prudência a avaliação para ver qual será a ação mais adequada para alcançar o bem, e o mandato para a realizar. A prudência baseia-se na memória do passado, no conhecimento do presente e, tanto quanto nos é possível, na previsão das consequências das nossas decisões. Indica a medida justa das outras virtudes, entre o excesso e o defeito, entre o exagero e a carência, ou a mediocridade.

A prudência está relacionada com a inteligência, mais ainda, segundo ensina a tradição filosófica, está na razão prática, isto é, na razão enquanto orientada e disposta para a *praxis*, para a ação. Mas pressupõe o desejo e o amor ao bem. É isto que distingue a prudência da astúcia, e também da ‘prudência da carne’ de que S. Paulo fala (cf. *Rm 8, 6*): "a daqueles que têm inteligência, mas procuram não a usar para descobrir e amar Nosso Senhor.

A verdadeira prudência é a que permanece atenta às insinuações de Deus e, nessa vigilante escuta, recebe na alma promessas e realidades de salvação "[2].

Sagrada Escritura: "o sábio de coração será chamado prudente" (Pr 16, 21)

Na Sagrada Escritura, a prudência aparece antes de mais como uma propriedade de Deus: «Eu, a Sabedoria, habito com a prudência, eu inventei a ciência da reflexão. Meus são o conselho e a habilidade, minha é a inteligência, minha a força» (Pr 8, 12-14). Job exclama: "Com Ele está a sabedoria e o poder, d'Ele é a inteligência e o conselho" (Job, 12, 13). Em consequência, é Deus quem concede a prudência ao homem. Isto é, acima de tudo, um dom de Deus, uma graça: "Javé é quem dá a sabedoria, da sua boca nascem a ciência e a prudência" (Pr 2, 6)^[3].

Para alcançar a sabedoria, são necessárias, em primeiro lugar, a oração e a meditação da Palavra de Deus: "Foi por isso que a pedi e me foi concedida a prudência. Supliquei e o espírito de sabedoria veio a mim" (Sab 7, 7); "Mas, percebendo que eu não poderia possuir a sabedoria se Deus não me desse – e já era um fruto de prudência saber de quem procedia essa graça – dirigi-me ao Senhor e pedi-Lha" (Sab 8, 21).^[4]

Em Cristo, a Sabedoria de Deus feita carne, encontramos a perfeita prudência e a perfeita liberdade. Com as Suas obras, Ele mostra-nos que a prudência aconselha a transformarmos a vida num serviço aos outros, amigos e inimigos, por amor do Pai. Com a Sua morte na cruz, mostra-nos que a verdadeira prudência leva mesmo a entregar a própria vida, em obediência ao Pai, pela salvação dos homens. Esta prudência de Cristo parece exagero e imprudência aos olhos humanos. Quando Ele diz aos discípulos que deve ir a Jerusalém, sofrer e morrer, Pedro «começou a repreendê-lo, dizendo: «'Deus te livre, Senhor! Isso nunca te há-de acontecer!'» Ele, porém, voltando-se, disse a Pedro: «Afasta-te, Satanás! Tu és para mim um estorvo, porque os teus pensamentos não são os de Deus, mas os dos homens!» (Mt 16, 22-23)^[5].

A medida da nova prudência é a de um amor sem medida ao Reino de Deus, valor absoluto que torna relativo tudo o resto: «Procurai primeiro o Reino de Deus e a sua justiça, e tudo o mais se vos dará por acréscimo» (*Mt* 6, 33) Pelo Reino vale a pena dar tudo (cf. *Mt* 13, 44-46), até a própria vida, porque, segundo a lógica divina, quem encontra a sua vida perde-a, e quem a perde encontra-a (cf. *Mt* 10, 39). Por isso, muitas atitudes que parecem prudentes aos olhos humanos, são na realidade insensatas, como a do homem que acumula riquezas, mas esquece a sua alma (cf. *Lc* 12, 16-20), a do jovem que não quer seguir Cristo porque tem muitos bens (cf. *Lc* 18, 18-23), ou a do servo que guarda o seu talento em vez de o fazer frutificar para o Senhor (cf. *Mt* 25, 24-28). São comportamentos imprudentes que têm a sua raiz na falta de liberdade, na escravidão voluntária em relação aos bens materiais ou ao conforto pessoal^[6].

Os atos próprios da prudência: o conselho, o juízo e a reta decisão

A prudência envolve três atos: o conselho (*consilium*), o juízo prático (*iudicium practicum*) e o preceito (*praeceptum*), império (*imperium*) ou mandato^[7]. Os dois primeiros são cognitivos e o terceiro é imperativo. "O primeiro passo da prudência é o reconhecimento da própria limitação: a virtude da humildade. Admitir, em determinadas matérias, que não compreendemos tudo, que não podemos abarcar, em tantos casos, circunstâncias que é preciso não perder de vista à hora de ajuizar. Por isso recorremos a um conselheiro, não a um qualquer, mas a um competente (...). Depois, é necessário julgar, porque a prudência normalmente exige uma determinação rápida e oportuna. Se às vezes é prudente adiar a decisão até ter todos os elementos para o juízo, outras vezes será imprudente não começar a pôr em prática, quanto antes, o que percebemos que se deve fazer, especialmente quando está em jogo o bem dos outros "^[8].

Para ser prudente, não basta resolver aconselhar-se bem e julgar retamente sobre o que se deve fazer. É preciso pôr em prática o que se julgou conveniente. Não o fazer, omiti-lo seria imprudente. Este ato, que consiste em pôr em prática o que se tem de fazer, é o ato próprio da virtude da prudência^[9]. Portanto, a prudência pode definir-se como "a virtude da função imperativa da razão prática que determina diretamente a ação »^[10].

É precisamente aqui que a relação íntima entre a prudência e a liberdade se pode apreciar melhor. Para pôr em prática o que se considerou conveniente, é necessário não nos deixarmos dominar pelo medo, pela preguiça, por nenhum laço que, em última análise, o egoísmo ou o orgulho nos lancem. Embora possa ser aconselhável saber aguardar conselhos e deliberações, logo que se tomou uma decisão, ela deve executar-se com rapidez e diligência. Aqui a palavra diligência (de *diligo*, amar) diz mais do que pode ser entendido na linguagem comum. Trata-se, neste caso, de atuar com prontidão, impelido pelo amor ao bem.

A medida justa

S. Josemaria procurou sempre transmitir duas atitudes em relação à prudência: a **flexibilidade** para saber adaptar-se a cada situação, sem ficar preso à rigidez de uma "casuística estéril"^[11], que basicamente procede da soberba ou de um exacerbado medo de se enganar, e a **disposição de retificar**: "não é prudente quem nunca se engana, mas quem sabe retificar os seus erros"^[12]. "Há coisas que fazes bem e coisas que fazes mal. Enche-te de alegria e de esperança pelas primeiras, e enfrenta-te, sem desânimo, com as segundas, para retificares"^[13].

A prudência não existe apenas nas pessoas, mas também nas organizações. Por exemplo, S. Josemaria estabeleceu que a estrutura e organização do governo do Opus Dei nos seus diferentes graus devia ser colegial, baseada na responsabilidade de quem faz parte dessas organizações e na confiança mútua. Nesse sentido, diz ele em *Sulco*: "As decisões de governo tomadas de ânimo leve por uma só pessoa nascem sempre, ou quase sempre, distorcidas por uma visão unilateral dos problemas.

Por maiores que sejam a tua preparação e o teu talento, debes ouvir quem partilha contigo essa tarefa de direção "(nº 392).

Cada uma das pessoas que compõem os vários órgãos de governo deve assumir plenamente a sua própria responsabilidade, manifestar livremente o seu parecer, sem se refugiar no anonimato: "Uma norma fundamental de bom governo: distribuir responsabilidades. Sem que isso signifique procurar

a comodidade ou o anonimato. Insisto: repartir responsabilidades, pedindo a cada um contas do seu encargo, para podermos "prestar contas" a Deus, e às almas, se for preciso. "[14].

Prudência e confiança em Deus: audácia

Já vimos a parte humana da virtude da prudência. Deve acrescentar-se que, quando confrontados com uma tarefa difícil, mesmo que aparentemente irrealizável, devemos também descobrir qual é a Vontade de Deus. Isso significa agir com uma total fé e confiança na ajuda divina. S. Josemaria estava convencido de que se Deus lhe pedia uma coisa, mesmo que humanamente pudesse parecer uma imprudência, era preciso lançar-se à ação, pois Deus daria os meios.

Assim viveu ele. Assim o ensinou a viver. E assim o deixou escrito, tanto em relação às obras apostólicas como à vida espiritual: "Nos empreendimentos de apostolado, está bem - é um dever - que consideres os teus meios terrenos ($2 + 2 = 4$). Mas não te esqueças - nunca! - de que tens de contar, felizmente, com outra parcela: Deus + 2 + 2... "[15]." Lança para longe de ti essa desesperança que te produz o conhecimento da tua miséria. - É verdade: pelo teu prestígio económico, és um zero..., pelo teu prestígio social, outro zero..., e outro pelas tuas virtudes, e outro pelo teu talento...

Mas, à esquerda desses zeros, está Cristo... E que cifra incomensurável isso dá! "[16].

Por isso, não é estranho que relacione a prudência com uma atitude que pode parecer oposta: a audácia. Fez isso com frequência, unindo-as pela confiança em Deus, e isto explica a conexão entre as duas realidades: "Deus e audácia! - Audácia não é imprudência. - Audácia não é temeridade"[17]; "Não faças caso. Sempre os "prudentes" têm chamado loucuras às obras de Deus.

- Para a frente! Audácia! "[18].

São experiências recolhidas em *Caminho*, que se completam com outra de *Sulco*, em que a audácia é apresentada como fruto de uma fortaleza

informada pela fé: "Audácia não é imprudência, nem ousadia irrefletida, nem simples atrevimento.

Audácia é fortaleza, virtude cardeal, necessária para a vida da alma "[19].

Josep-Ignasi Saranyana

Bibliografia básica e leituras recomendadas

Bibliografia básica: Catecismo da Igreja Católica, 1762-1770, 1803-1832 e 1987-2005.

Leituras recomendadas:

- S. Josemaria, Homilia Virtudes humanas, in *Amigos de Deus*, 73-92.
- KÜCKING, Marlies, *Dicionário de S. Josemaria* (2013), ILLANES José Luis, Entrada: Prudência.
- TRIGO, Tomás, *Scripta Theologica* 34 (2002/1) 273-307

NOTAS

[1] Cf. Catecismo da Igreja Católica, nº 1806.

[2] *Amigos de Deus*, 87.

[3] Cf. T. TRIGO, *Scripta Theologica* 34 (2002/1), pp. 273-307.

[4] *Ibidem*.

[5] *Ibidem*.

[6] *Ibidem*.

[7] Cf. S.Th., II-II, q. 47, a. 8.

[8] *Amigos de Deus*, nº 86.

[9] Cf. S.Th., II-II, q. 47, a. 8)

[10] M. RHONHEIMER, *La perspectiva de la moral. Fundamentos de la ética filosófica*, Rialp, Madrid 2000, 241. Cf. A. RODRÍGUEZ LUÑO, *La scelta etica. Il rapporto fra libertà & virtù*, Milano 1988, 83ss.

[11] *Amigos de Deus*, 222.

[12] *Amigos de Deus*, 88.

[13] *Sulco*, nº 68.

[14] *Sulco*, nº 972.

[15] *Caminho*, nº 471.

[16] *Ibidem*, nº 473.

[17] *Ibidem*, nº 401.

[18] *Ibidem*, nº 479.

[19] *Sulco*, nº 97.

FORTALEZA

Ser fortes de ânimo ajuda a suportar as dificuldades e superar nossos limites. Para os cristãos, Cristo é o exemplo para viver uma virtude que abre a porta a muitas outras.



Foto: jbhalper.

1. “Per aspera ad astra!”

“*Através das dificuldades, chega-se às estrelas*”. Esta conhecida frase de Sêneca exprime de modo gráfico a experiência humana de que, para conseguir o melhor, há que esforçar-se, de que “o que vale, custa”, de que é preciso lutar para vencer os obstáculos e arestas que se vão apresentando ao longo da vida, para poder alcançar os bens mais altos.

Muitas obras literárias de diversas culturas exaltam a figura do herói, que encarna de algum modo as palavras da sabedoria latina, que qualquer pessoa desejaria também para si: *nil difficile volenti*, nada é difícil para aquele que quer.

Assim pois, a nível humano, a fortaleza é valorizada e admirada. Essa virtude, que anda de mãos dadas com a capacidade de sacrificar-se, tinha entre os antigos um contorno bem definido. O pensamento grego considerava a “*andreia*” como uma das virtudes cardeais^[1], que modera os sentimentos de combate próprios do apetite irascível, e assim dá vigor ao homem para procurar o bem, mesmo que seja difícil e árduo, sem que o medo o detenha.

2. “Quia tu es fortitudo mea” (Sal 31, 5)

Pertence também à experiência humana a constatação da debilidade da nossa condição, que é, em certo sentido, a outra face da moeda da virtude da fortaleza. Muitas vezes temos de reconhecer que não fomos capazes de realizar tarefas que teoricamente estavam ao nosso alcance.

Dentro de nós encontramos a tendência de nos acomodarmos, a sermos condescendentes para conosco, a renunciar ao que é trabalhoso pelo esforço que comporta. Por outras palavras, a natureza humana, criada por Deus para o alto, mas ferida pelo pecado, é capaz de grandes sacrifícios e, ao mesmo tempo, de grandes transigências.

A Revelação cristã apresenta uma resposta cheia de sentido a essa condição paradoxal que é a nossa existência. Por um lado, assume os valores próprios da virtude humana da fortaleza, que é louvada em numerosas ocasiões na Bíblia. Já na literatura sapiencial se fazia eco dela, ao dar a entender, sob a forma de uma pergunta retórica no livro de Job, que a vida do homem sobre a terra é uma luta^[2].

Com frase em certo sentido misteriosa, Jesus disse, falando do Reino de Deus, que o alcançam os que fazem violência a si próprios: *violenti rapiunt*^[3]. Esta ideia ficou plasmada na iconografia medieval, como acontece por exemplo na capela de Todos os Santos de Regensburg, onde a imagem que representa a fortaleza luta contra um leão.

Ao mesmo tempo, são numerosos os textos da Escritura que sublinham como as diversas manifestações de um comportamento forte (paciência, perseverança, magnanimidade, audácia, firmeza, franqueza, e inclusive a disposição de dar a vida) provém (e só podem ser mantidas) se estão

ancoradas em Deus: “*quia tu es fortitudo mea*”, porque Tu és minha fortaleza (cf. *Sl 71, 3*)^[4]. Por outras palavras, a experiência cristã ensina que “toda a nossa fortaleza é emprestada”^[5].

S. Paulo exprime de modo certo este paradoxo, em que se entrelaçam os aspetos humanos e sobrenaturais da virtude: “*quando estou fraco, então é que sou forte*”, já que, como assegurou o Senhor: “*sufficit tibi gratia mea, nam virtus in infirmitate perficitur*, basta-te a minha graça, porque é na fraqueza que se revela a minha força”^[6].

3. “Sem Mim nada podeis fazer” (Jo 15, 5)

O modelo e fonte da fortaleza para o cristão é, pois, o próprio Cristo, que não só oferece com as suas ações um exemplo constante que chega ao extremo de dar a própria vida por amor aos homens^[7], mas que além disso afirma: “*sem mim nada podeis fazer*”^[8].

Assim, a fortaleza cristã torna possível o seguimento de Cristo, um dia após outro, sem que o temor, o prolongamento do esforço, os sofrimentos físicos ou morais, os perigos, obscureçam no cristão a percepção de que a verdadeira felicidade está em seguir a vontade de Deus, ou o afastam dela. A advertência de Jesus Cristo é clara: “*Expulsar-vos-ão das sinagogas, e virá a hora em que todo aquele que vos tirar a vida julgará prestar culto a Deus*”^[9].

4. “Beata quae sine morte meruit martyrii palmam”: o martírio da vida quotidiana

Desde o começo os cristãos consideraram uma honra sofrer o martírio, pois reconheciam que os levavam a uma plena identificação com Cristo. A Igreja manteve ao longo da história uma tradição de particular veneração pelos mártires, que por especial disposição da Providência derramaram o seu sangue para proclamar a sua adesão a Jesus, oferecendo assim o maior exemplo não só de fortaleza, mas também de testemunho cristão^[10].

Mesmo que não tenham faltado em cada época histórica, incluída a nossa, essas testemunhas do Evangelho, o facto é que na vida corrente em

que a maior parte dos cristãos se encontra, dificilmente chegaremos a essas condições.

Não obstante, como recordava Bento XVI, há também um “martírio da vida quotidiana”, de cujo testemunho o mundo de hoje está especialmente necessitado: “o testemunho silencioso e heroico de tantos cristãos que vivem o Evangelho sem compromissos, cumprindo o seu dever e dedicando-se generosamente ao serviço aos pobres”^[11].

Neste sentido, o olhar dirige-se a Santa Maria, pois Ela esteve ao pé da Cruz de seu Filho, dando exemplo de extraordinária fortaleza sem padecer a morte física, de modo que pode dizer-se que foi mártir sem morrer, segundo o teor de uma antiga oração litúrgica^[12]. *“Admira a firmeza de Santa Maria: ao pé da cruz, com a maior dor humana – não há dor como a sua dor -, cheia de fortaleza.- E pede-lhe essa firmeza, para que saibas também estar junto da Cruz”*^[13].

5. “Omnia sustineo propter electos” (2Tm 2, 10)

A Virgem dolorosa é testemunha fiel do Amor de Deus, e ilustra muito bem o ato mais típico da virtude da fortaleza, que consiste em resistir (*sustinere*)^[14] ao desfavorável, ao desagradável, ao doloroso. É um perseverar no bem, porque sem o bem não há felicidade. Para o cristão a felicidade identifica-se com a contemplação da Trindade no céu.

Em Santa Maria cumprem-se as palavras do Salmo: *si consistant adversum me castra, non timebit cor meum...* se todo um exército se virar contra mim, o meu coração não temerá^[15]. Também S. Paulo, antes de chegar ao supremo testemunho de Cristo, se exercitou durante a sua vida neste ato característico da fortaleza, até poder afirmar: “pelo que tudo suporte por amor dos escolhidos”^[16].

Para revelar este aspeto da virtude (a resistência), a Sagrada Escritura costuma referir-se à imagem da rocha. Jesus, numa das suas parábolas alude à necessidade de construir sobre a rocha, ou seja, não só escutar a palavra, mas esforçar-se por pô-la em prática^[17]. Entende-se que, em última análise, a rocha é Deus, como não cessa de repetir o Antigo Testamento^[18]:

“*Minha rocha e meu baluarte, meu libertador, meu Deus, o rochedo em que me amparo, meu escudo, força de minha salvação*”^[19]. Não surpreende então que S. Paulo chegue a afirmar que a rocha é o próprio Cristo^[20], o qual é “força de Deus”^[21].

Para resistir nas dificuldades a fortaleza provém, pois, da união com Cristo pela fé, como indica S. Pedro: *resistite fortes in fide!*, resisti-lhe fortes na fé^[22]. Deste modo, pode dizer-se que o cristão se converte, como Pedro, na rocha em que Cristo se apoia para construir e sustentar a sua Igreja^[23].

6. “In patientia vestra possidebitis animas vestras” (Lc 21,19)

Parte da fortaleza é a virtude da paciência, que Joseph Ratzinger descreveu como “a forma quotidiana do amor”^[24]. A razão pela qual o cristianismo deu tradicionalmente a essa virtude uma importância notável pode deduzir-se de umas palavras de Santo Agostinho no seu tratado sobre a paciência, que descreve como “um dom tão grande de Deus, que deve ser proclamada como uma marca de Deus que habita em nós”^[25].

A paciência é, pois, uma característica do Deus da história da salvação^[26], como ensinava Bento XVI no início de seu pontificado: “Este é o diferencial de Deus: Ele é o amor. Quantas vezes desejaríamos que Deus se mostrasse mais forte! Que atuasse duramente, derrotasse o mal e criasse um mundo melhor. Todas as ideologias do poder se justificam assim, justificam a destruição do que se opusesse ao progresso e à libertação da humanidade. Nós sofremos pela paciência de Deus. E, não obstante, todos necessitamos da sua paciência. O Deus, que se fez cordeiro, disse-nos que o mundo se salva pelo Crucificado e não pelos crucificadores. O mundo é redimido pela paciência de Deus e destruído pela impaciência dos homens”^[27].

Muitas implicações práticas podem ser extraídas desta consideração. A paciência conduz a saber sofrer em silêncio, a suportar as contrariedades que emergem do cansaço, do caráter alheio, das injustiças, etc. A serenidade de ânimo torna possível que procuremos fazer-nos tudo para todos^[28], acomodando-nos aos demais, levando connosco o nosso próprio ambiente,

o ambiente de Cristo. Por isso mesmo o cristão procura não pôr em perigo a sua fé e a sua vocação por uma concepção equivocada da caridade, sabendo que – utilizando uma expressão coloquial – pode chegar-se até às portas do inferno, porém não entrar, porque ali não se pode amar a Deus. Deste modo, se cumprem as palavras de Jesus: *“é pela vossa paciência que alcançareis a vossa salvação”*^[29].

7. “Aquele que perseverar até ao fim, será salvo” (Mt 10, 22)

A paciência está em estreita correspondência com a perseverança. Esta costuma ser definida como a persistência no exercício de obras virtuosas apesar da dificuldade e do cansaço derivado de sua demora no tempo. Mais precisamente costuma-se falar de constância quando se trata de vencer a tentação de abandonar o esforço perante o aparecimento de um obstáculo concreto; enquanto se fala de perseverança quando o obstáculo é apenas o prolongar no tempo desse esforço^[30].

Não se trata somente de uma qualidade humana, necessária para alcançar objetivos mais ou menos ambiciosos. A perseverança, à imitação de Cristo, que foi obediente ao desígnio do Pai até o final^[31], é necessária para a salvação, segundo as palavras evangélicas: *“mas aquele que perseverar até o fim será salvo”*^[32]. Entende-se então a verdade da afirmação de S. Josemaria: *“Começar é de todos; perseverar, de santos”*^[33]. Daí o amor que este sacerdote santo revelava pelo trabalho bem acabado, que descrevia como um saber colocar as “últimas pedras” em cada trabalho realizado^[34].

“Toda a fidelidade deve passar pela prova mais exigente: o tempo [...]. É fácil ser coerente por um dia, ou por alguns dias [...]. Só pode chamar-se fidelidade a uma coerência que dura toda uma vida”^[35]. Estas palavras de S. João Paulo II ajudam a compreender a perseverança sob uma luz mais profunda, não como mero persistir, mas antes de tudo como autêntica coerência de vida; uma fidelidade que acaba por merecer o louvor do senhor da parábola dos talentos, e que pode considerar-se como uma fórmula evangélica de canonização: *“Muito bem, servo bom e fiel; já que foste fiel no pouco, eu te confiarei muito. Vem regozijar-se com o teu senhor”*^[36].

8. “Magnus in prosperis, in adversis maior”

“Grande na prosperidade, maior na adversidade”. Estas palavras do epítáfio do rei inglês Jaime II, na igreja de Saint Germain em Laye, próximo de Paris, exprimem a harmonia entre os diferentes aspetos da virtude da fortaleza: por um lado, a paciência e a perseverança, que se relacionam com o ato de resistir no bem, e que já considerámos; do outro, a magnificência e a magnanimidade, que fazem referência direta ao ato de atacar, de se lançar a grandes empreendimentos, e também nos pequenos cometimentos da vida corrente. De facto, segundo a Teologia moral, “a fortaleza, como virtude do apetite irascível, não só domina os nossos medos (*cohibitiva timorum*), mas também modera as ações temerárias e audazes (*moderativa audaciarum*). Assim, a fortaleza ocupa-se do medo e da audácia, impedindo o primeiro e impondo um equilíbrio à segunda”^[37].

A magnanimidade ou grandeza de ânimo é a prontidão para tomar decisões de empreender obras virtuosas, admiráveis e difíceis, dignas de grande honra. Por sua parte, a magnificência refere-se à realização efetiva de obras grandes, e em particular a procura e emprego dos recursos económicos e materiais adequados para levar a cabo obras grandes ao serviço de Deus e do bem comum^[38].

S. Josemaria descrevia a pessoa magnânima com estes termos: “*ânimo grande, alma dilatada, onde cabem muitos. É a força que nos move a sair de nós mesmos, a fim de nos prepararmos para empreender obras valiosas, em benefício de todos. No homem magnânimo, não se alberga a mesquinhez, não se interpõe a tacanhez, nem o cálculo egoísta, nem a embuste interesseiro. O magnânimo dedica sem reservas as suas forças ao que vale a pena. Por isso é capaz de se entregar a si mesmo. Não se conforma com dar: dá-se. E assim consegue entender qual é a maior prova de magnanimidade: dar-se a Deus*”^[39].

Requer-se magnanimidade para empreender, em cada dia, o trabalho da própria santificação e o apostolado no meio do mundo, das dificuldades que sempre haverá, com a convicção de que tudo é possível ao que cre^[40]. Neste sentido, o cristão magnânimo não teme proclamar e defender com firmeza, nos ambientes em que se move, os ensinamentos da Igreja, também nos momentos em que isso possa supor um ir contra a corrente^[41], aspeto que tem uma profunda raiz evangélica. Assim, o cristão conduzir-se-

á com compreensão perante as pessoas por vezes com uma *santa intransigência* na doutrina^[42], fiel ao lema paulino *veritatem facientes in caritate*, vivendo a verdade com caridade^[43], que implica defender a totalidade da fé sem violência. Isto implica também que a obediência e docilidade ao Magistério da Igreja não se contrapõe ao respeito da liberdade de opinião; pelo contrário, ajuda a distinguir bem a verdade da fé do que são simples opiniões humanas.

* * *

No começo fez-se referência à resistência paciente de Maria ao pé da Cruz. A fortaleza exemplar de Nossa Senhora inclui também a grandeza de alma que a levou a exclamar ante a sua prima Isabel: *Magnificat anima mea Dominum... quia fecit mihi magna qui potens est*, a minha alma glorifica o Senhor... porque fez em mim grandes coisas^[44]. A exultação de Maria encerra uma importante lição para nós, como recordava Bento XVI: “O homem só é grande, se Deus é grande. Com Maria devemos começar a compreender que é assim. Não devemos distanciar-nos de Deus, mas fazer que Deus esteja presente, fazer que Deus seja grande na nossa vida; assim também nós seremos divinos: teremos todo o esplendor da dignidade divina”^[45].

S. Sanz Sánchez

Bibliografia básica

Catecismo da Igreja Católica, nn. 736, 1299, 1303, 1586, 1805, 1808, 1811, 1831-1832, 2473; João Paulo II, *A virtude da fortaleza*, *Audiência geral*, Roma, 15 de novembro de 1978; Santo Agostinho, *De patientia* (PL 40); S. Tomás de Aquino, *Suma Teológica*, II- II, qq. 123-140 S. Josemaria, *Amigos de Deus*, nn. 77-80

NOTAS

[1] Cf. Ángel Rodríguez Luño, *Scelti in Cristo per essere santi. III. Morale speciale*, EDUSC, Roma 2008, pp. 284 e 289.

[2] Cf. *Job* 7, 1.

[3] *Mt* 11, 12.

[4] Cf. *Ex* 15, 2; *Es* 8, 10; *Is* 25, 1; *Sl* 31, 4; 46, 2; 71, 3; 91, 2; *1 Tm* 1,12; *2 Tm* 1, 7; *Cl* 1, 11; *Fl* 4,1; *Rm* 5, 3-5.

[5] S. Josemaria, *Caminho*, n. 728.

[6] *2 Co* 12, 9-10.

[7] Cf. *Jo* 13, 15 e 15, 13.

[8] *Jo* 15, 5.

[9] *Jo* 16, 2.

[10] Cf. *Catecismo da Igreja Católica*, n. 2473. Como se sabe, a palavra latina martyr deriva do grego mártys, que significa testemunha.

[11] Bento XVI, *Angelus*, 28 de outubro de 2007. S. Josemaria descrevia este martírio incruento em *Caminho*, n. 848.

[12] “Bem-aventurada a Virgem Maria, que mereceu sem morrer a palma do martírio ao pé da Cruz do Senhor”. Trata-se da *Communio* da festa da Virgem Dolorosa no antigo Missal de São Pio V, que, com um leve retoque, passou a ser, na forma corrente do rito latino, a antífona do aleluia do capítulo n. 11 do Ordinário da Santíssima Virgem: “*Beata est Maria Virgo, quae sine morte meruit martyrii palmam sub cruce Domini*” (cf. Pedro Rodríguez, n. 622 de *Camino*, edição crítico-histórica, Rialp, Madrid 2004).

[13] S. Josemaria, *Caminho*, n. 508.

[14] Cf. Ángel Rodríguez Luño, *Scelti in Cristo per essere santi. III. Morale speciale*, EDUSC, Roma 2008, p. 291.

[15] *Sl* 26, 3.

[16] *2 Tm* 2, 10.

[17] Cf. *Lc* 6, 47-49.

[18] Cf. *1 Sm* 2, 2; *2 Sm* 22, 47; *Dt* 32, 4; *Hab* 1, 12; *Is* 26, 4; *Sl* 27, 1; *Sl* 30, 3-4; *Sl* 61, 3.7-8; *Sl* 94,22; *Sl* 144, 1; etc.

[19] *2 Sm* 22, 2-3; cf. *Sl* 18, 3.

[20] *1Cor* 10, 4.

[21] *1 Cor* 1, 24.

[22] *1 Pd* 5, 9.

[23] Cf. *Mt* 16, 18.

[24] Citado por G. Valente, *Ratzinger Professore. Gli anni dello studio e dell'insegnamento nel ricordo dei colleghi e degli allievi (1946-1977)*. São Paulo, Cinisello Balsamo (Milão) 2008, p. 11.

[25] Santo Agostinho, *De patientia*, 1 (PL 40, 611). A paciência é um dos frutos do Espírito Santo enumerados por S. Paulo em *Gl* 5, 22. Cf. *Catecismo da Igreja Católica*, nn. 736 e 1832.

[26] Alguns textos neotestamentários aludem à paciência de Deus: cf. *1 Pr* 3, 20; *2 Pr* 3, 9. 15; *Rm* 2, 4; *Rm* 3, 26; *Rm* 9, 22; *Rm* 15, 5; *1 Tm* 1, 16.

[27]; Bento XVI, *Homilia no solene início do ministério petrino*, Roma, 24 de abril de 2005.

[28] Cf. *1Co* 9, 22.

[29] *Lc* 21, 19.

[30] Cf. Ángel Rodríguez Luño, *Scelti in Cristo per essere santi III. Morale speciale*, EDUSC, Roma 2008, p. 298.

[31] Cf. *Fl.* 2, 8.

[32] *Mt* 10, 22.

[33] S. Josemaria, *Caminho*, n. 983.

[34] “*Gosto das últimas[pedras], que supõem o termo de um longo e paciente esforço*” (S. Josemaria, Entrevista para “*El Cruzado Aragonés*”, 3 de maio de 1969, n. 16).

[35] João Paulo II, *Homilia na Catedral Metropolitana*, México, 26 de janeiro de 1979.

[36] *Mt* 25, 23.

[37] R. Cessario, *As virtudes*, Edicep, Valência 1988, p. 206.

[38] Cf. Ángel Rodríguez Luño, *Scelti in Cristo per essere santi. III. Morale speciale*, EDUSC, Roma 2008, pp. 294 e 296. A magnanimidade ou longanimidade é propriamente considerada tradicionalmente como um dos frutos do Espírito Santo: cf. *Catecismo da Igreja Católica*, n. 1832.

[39] S. Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 80. O Fundador do Opus Dei considerava como manifestação de magnanimidade o cuidado das coisas pequenas: “*as almas grandes têm muito em conta as coisas pequenas*” (S. Josemaria, *Caminho*, n. 818).

[40] Cf. *Mc* 9, 23.

[41] Cf. São Josemaria, *Via Sacra*, XIII estação, ponto 3.

[42] Cf. São Josemaria, *Caminho*, nn. 393-398.

[43] *Ef* 4, 15.

[44] *Lc* 1, 46-49.

[45] Bento XVI, *Homilia na Solenidade da Assunção*, Castelgandolfo, 15 de agosto de 2005.